"Quem nos separará do amor de Cristo?"

Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação

Rímini 2013

"QUEM NOS SEPARARÁ DO AMOR DE CRISTO?"

Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação

Rímini 2013

© 2013 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón

Tradução de José Maria de Almeida e revisão de Isabella Santana Alberto.
Na capa: Giotto, *Última ceia* (detalhe). Capela dos Scrovegni, Pádua (Itália).

Cidade do Vaticano, 16 de abril de 2013

Padre Julián Carrón
Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação

Reverendo Senhor,

Por ocasião do anual curso de Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação que acontecerá em Rímini sobre o tema 'Quem nos separará do amor de Cristo?', no contexto do Ano da Fé, Sua Santidade o Papa Francisco deseja dirigir aos organizadores e aos numerosos participantes a sua cordial e promissora saudação. Exprimindo contentamento com a providente iniciativa pastoral, o Santo Padre deseja que ela suscite renovada adesão ao Divino Mestre e crescente consciência de que o Senhor está vivo e caminha conosco. E ao mesmo tempo em que invoca abundantes graças celestes, pede uma lembrança na oração e envia de coração, por intercessão da Virgem Maria, a solicitada bênção apostólica, propiciadora de uma cada vez mais fecunda caminhada eclesial.

***Cardeal Tarcisio Bertone**, Secretário de Estado de Sua Santidade*

Sexta-feira, 19 de abril, noite

Na entrada e na saída:
Wolfgang Amadeus Mozart, Concerto para pianoforte e orquestra n. 23
em lá maior, K 488
Wilhelm Kempff, pianoforte
Ferdinand Leitner – Bamberger Symphoniker
Deutsche Grammophon

■ **INTRODUÇÃO**
Julián Carrón

Não somos nós que construímos a Igreja, "a Igreja não começa com o 'fazer' nosso"[1], nos lembrou Bento XVI. Não é a nossa ação que consegue despertar a nossa vida. É por isso que, como para os discípulos, também para nós aqui reunidos, para começar os nossos Exercícios espirituais, o que é mais adequado à nossa pobreza, à nossa incapacidade, é pedir: pedir o Espírito a fim de que seja Ele a nos despertar, a despertar todo o nosso desejo, toda a nossa espera de Cristo.

Ó vinde Espírito Criador

Saúdo cada um de vocês aqui presentes e todos os amigos que estão conectados conosco de diversos países, e todos aqueles que farão os Exercícios nas próximas semanas.

Começo lendo o telegrama do Santo Padre: "Por ocasião do anual curso de Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação que acontecerá em Rímini sobre o tema 'Quem nos separará do amor de Cristo?', no contexto do Ano da Fé, Sua Santidade o Papa Francisco deseja dirigir aos organizadores e aos numerosos participantes a sua cordial e promissora saudação. Exprimindo contentamento com a providente iniciativa pastoral, o Santo Padre deseja que ela suscite renovada adesão ao Divino Mestre e crescente consciência de que o Senhor está vivo e caminha conosco. E ao mesmo tempo em que invoca abundantes graças celestes, pede uma lembrança na oração e envia de coração, por intercessão da Virgem Maria, a solicitada bênção apostólica, propicia-

[1] Bento XVI, *Meditação por ocasião da primeira Congregação Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, 8 de outubro de 2012.

dora de uma cada vez mais fecunda caminhada eclesial. Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado de Sua Santidade".

"Mas quando o Filho do homem voltar, encontrará a fé sobre a Terra?"[2]

Parece-me que essa frase expressa melhor do que qualquer outra a verdadeira questão diante da qual cada um de nós se encontra nestes tempos de modo particular. E como a ouvimos muitas vezes, o risco é que nos acomodemos com ela, considerando-a um pouco exagerada, uma frase de Jesus que, afinal, não nos diz respeito, quase que dizendo: "Mas o que isso exatamente tem a ver conosco? Poderá valer para os outros, descrentes ou agnósticos, mas para nós?", e desse modo cancelamos a questão antes de começar.

Mas dois chamados de atenção nos indicam que não nos convém agir assim. O primeiro foi o gesto do Papa Bento XVI ao convocar o Ano da Fé. "Acontece não poucas vezes que os cristãos sintam maior preocupação com as consequências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé, considerando esta como um pressuposto óbvio da sua vida diária. Ora, um tal pressuposto não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado. Enquanto, no passado, era possível reconhecer um tecido cultural unitário, [...] hoje parece que já não é assim em grandes setores da sociedade devido a uma profunda crise de fé que atingiu muitas pessoas"[3]. Essa crise está levando a resultados cada vez mais claros, mesmo em terras fecundas – dizia sempre Bento XVI aos bispos italianos –, onde há o risco de se tornarem um "deserto inabitável"[4].

Para nós, isso deveria ser familiar, porque o Movimento nasceu exatamente para responder a esse desafio da fé quando o deserto começava a dar os primeiros sinais. Muitos de nós chegaram aqui vindos do deserto e descobriram de novo o valor do cristianismo justamente quando estavam no nada!

Entretanto, isso não pode nos confundir, como se a questão já estivesse superada, como nos testemunha esta carta: "O trabalho que você está nos propondo nestes tempos me provoca a fazer uma pergunta que jamais teria pensado em fazer depois de quase quarenta anos de Movimento: mas eu creio ou não? Claro que sim; se fosse uma teoria a repetir ou princípios a afirmar, a pergunta não seria necessária, bastaria aprender o

---

[2] *Lc* 18,8.
[3] Bento XVI, *Porta fidei*, 2. Carta apostólica do dia 11 de outubro de 2011.
[4] Bento XVI, *Discurso na Assembleia da Conferência Episcopal Italiana*, 24 de maio de 2012.

discurso uma vez e, depois, adaptá-lo às diversas situações, e muitas vezes é assim. Enquanto para o mundo de hoje a fé não é mais um pressuposto óbvio, para mim muitas vezes há o risco de ser somente um pressuposto óbvio, já sabido, evidente. Para uma fé assim [reduzida a isso] a pergunta é: mas eu creio ou não? Essa pergunta carrega em si, muitas vezes, uma veia de ceticismo ou de moralismo, que com o tempo se torna insuportável. É como se, não bastando ou não tendo consciência do que aconteceu e continua a acontecer comigo, o crer fosse o resultado de algo que eu preciso acrescentar ou aplicar. É um esforço desgastante".

Ou, ainda, esta outra carta: "Caro padre Carrón, durante o nosso grupinho de Escola de Comunidade, alguns de nós contaram a própria experiência. Todas as intervenções falavam de uma certa atitude frente à vida: alguns contavam como estavam cuidando dos seus pais; outros, de uma atitude diferente no trabalho, o que o deixava mais feliz; outros davam um juízo sobre um certo tipo de experiência. Todas coisas belas e interessantes, mas poderiam também ser fruto de um esforço intelectual ou moral. Então, o que a experiência cristã tem a ver com isso? Nenhum de nós duvida da existência de Deus, mas onde está a diferença? Qualquer um tomaria conta dos próprios pais, qualquer um pode ir bem no próprio trabalho, todos têm o desejo e tentam tratar bem o próprio namorado, o marido ou os filhos. Contudo, às vezes me parece que se salta logo para o depois, para as consequências. Mas o que permanece do fascínio do cristianismo de que tantas vezes falamos? O que permanece do fascínio por Cristo? Neste período fiquei impressionada com as leituras da Páscoa, que falam do maravilhamento dos apóstolos frente a Jesus ressuscitado e a frase que se repete em seguida: 'E creram n'Ele!'. E, então, que diferença existe entre ser uma pessoa boa e um cristianismo em carne e osso?".

A fé pode ser apenas um pressuposto óbvio ou reduzida a consequências éticas, mas do fascínio por Cristo o que permanece?

Devemos todos ser gratos a quem nos coloca essa pergunta, nos obriga a encarar essa pergunta, que não se contenta com as consequências, mas que nos joga na cara essa pergunta.

O segundo chamado vem justamente de Dom Giussani, que nunca deixou de nos incitar a não considerar óbvia a fé. O motivo é simples: podemos pertencer ao Movimento – diz ele – sem ter uma fé real: "O verdadeiro problema de CL hoje é a verdade da sua experiência e, portanto, a sua coerência com a origem. Entre nós existe uma atitude para a qual a urgência principal é o como vão as coisas ou como vai a comunidade, ao passo que a urgência deve ser a de dar de novo vida a uma sensibilidade

pela verdade da experiência do Movimento. É preciso que CL se torne uma vida e não permaneça apenas um esquema. [...] Pois se pode pertencer ao Movimento, hoje, sem que isso implique uma fé real, sem que a vida das pessoas e das comunidades seja contestada, sem conversão"[5].

Papa Francisco afirmava, recentemente, que muitas vezes, "por superficialidade, às vezes por indiferença, [estamos] preocupados com muitas coisas que se consideram mais importantes que a fé"[6]. Mas isso não acontece sem deixar consequências para a vida. E para ajudar a que cada um de nós se dê conta disso, Dom Giussani nos oferece, como de hábito, o indício mais clamoroso dessa situação: "[O] sintoma [mais impressionante] da prevalência do esquema sobre a vida é dado pela desorientação que toma conta do adulto quando é colocado frente aos problemas da vida. Como tom geral, o adulto evita a dificuldade de uma encarnação da fé na vida e não se deixa questionar por ela, ou então, no relacionamento com a esposa, na educação dos filhos, no problema político ou no trabalho, age prescindindo daquilo que conclama na vida de comunidade; no máximo, faz-se portador de iniciativas lançadas pela comunidade"[7].

Portanto, a desorientação de nós, adultos, frente aos problemas da vida está, segundo Dom Giussani, estreitamente ligada à dificuldade da encarnação da fé na vida. Se a fé não é um recurso para viver a fadiga ou os problemas que somos obrigados a enfrentar, para que serve crer? O que quer dizer ter fé? Pois Dom Giussani tem um juízo preciso sobre a situação em que vivemos: "O grande problema do mundo de hoje não é mais uma teorização interrogativa, mas uma pergunta existencial. Não 'Quem tem razão*?*', mas: 'Como viver*?*'. O mundo de hoje é comparado ao nível da miséria evangélica. No tempo de Jesus o problema era como viver, e não quem tinha razão; este era o problema dos escribas e dos fariseus. Essa observação muda também a estrutura da nossa preocupação: precisamos passar de uma posição intelectualmente crítica para a paixão pelo que caracteriza o homem de hoje: a dúvida sobre a existência, o medo da existência, a fragilidade da vida, a inconsistência de si próprio, o terror da impossibilidade, o horror da desproporção entre o eu e o ideal. Esse é o fundo da questão e daí se parte para uma cultura nova, para uma criticidade nova"[8].

---

[5] "O verdadeiro problema de CL é a verdade da sua experiência", L. Cioni (org.). Milão: *CL-Litterae communionis*, n. 4, abril de 1977, p. 8.
[6] Francisco, *Audiência geral*, 3 de abril de 2013.
[7] "O verdadeiro problema de CL é a verdade da sua experiência", op. cit., p. 8.
[8] *Corresponsabilidade*. Trechos da conversa de Luigi Giussani com o Conselho Nacional de Comunhão e Libertação – agosto de 1991. Milão: *Litterae communionis-CL*, novembro de 1991, p. 33.

Essas palavras têm, hoje, um peso ainda maior do que quando foram pronunciadas, no longínquo 1991. De fato, esse juízo de Dom Giussani identifica muito bem onde se encontra a dificuldade do viver, aquela dificuldade que Pavese descreve com a sua costumeira genialidade: "Mas a vida do homem se desenvolve mais adiante, entre as casas, nos campos. Diante do fogo e num leito. E todo o dia que nasce põe à nossa frente a mesma dificuldade e as mesmas faltas. No fim, é um tédio [...]. Há um temporal que renova os campos – nem a morte nem as grandes dores desencorajam. Mas o cansaço interminável, o esforço para nos mantermos vivos hora a hora, a notícia do mal dos outros, do mal mesquinho, enfadonho como moscas de verão – este é o viver que quebra as pernas"[9]. É difícil descrever o drama do viver quotidiano de um modo mais agudo, mais pertinente do que esse. Todo dia a mesma dificuldade e a mesma falta. Um cansaço interminável, enfadonho como as moscas de verão. Esse quotidiano é o viver que quebra as pernas. As fortes dores ou a morte não desanimam; mas esse quotidiano que quebra as pernas é o que torna a vida verdadeiramente dramática.

É então diante de um existir que quebra as pernas (não os nossos pensamentos, não as nossas intenções, não os nossos sentimentos, não o que discutimos), que nós precisamos fazer a verificação da fé: é diante dos desafios do real! Dom Giussani nunca desiste, e, colocando-nos diante da questão em termos existenciais, nos impede de trapacear sobre nós e sobre a fé. Ele nos desafia dizendo que é justamente diante das provações da vida que se vê a autenticidade ou não da nossa fé: "É esse [...] o sintoma da verdade, da autenticidade ou não da nossa fé: se o que realmente está em primeiro plano é a fé ou, pelo contrário, outro tipo de preocupação; se realmente depositamos toda a nossa esperança no fato de Cristo ou, pelo contrário, esperamos dele apenas o que já decidimos esperar, e então, em última análise, ele se torna somente ensejo e ponto de apoio para os nossos projetos ou os nossos programas [que é de onde nós esperamos verdadeiramente tudo]. A lei do desenvolvimento espiritual, a lei dinâmica da vida da nossa fé [...] é realmente de extrema importância para os indivíduos, tanto quanto para a coletividade. Não deixa de ser verdade, sempre, que tudo coopera para o bem daqueles que entendem Deus e O desejam; e também não deixa de ser verdade, sempre, que no momento da dificuldade é que fica claro se você deseja a Deus ou não. [...] O que o homem ama vem à tona frente à pergunta, ao problema, à questão, à dificuldade. [...] Se o que buscamos é Cristo ou o nosso amor próprio, a

[9] Cf. C. Pavese, *Diálogos com Leucó*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001, p. 205-206.

afirmação de nós mesmos, seja qual for a forma que isso assuma, isso se vê, vem à tona, no exato momento da provação e da dificuldade"[10].

E neste ano o que não nos faltaram foram dificuldades. Todos as temos bem presentes, daquelas gerais sobre a crise que se agrava sempre mais e sempre diz respeito a nós, aos nossos amigos, aos nossos concidadãos àquelas que se referem a todos nós como Movimento.

O que veio à tona ao enfrentar todas essas dificuldades? Na Jornada de Início de Ano fizemos uma hipótese de trabalho. "Tudo o que acontece é permitido por Deus para o amadurecimento daqueles que Ele escolheu"[11]. O teste que Giussani propõe para verificar se estamos nos tornando mais maduros na fé é justamente a capacidade que cada um de nós tem de transformar o que aparece como objeção, perseguição ou, de qualquer forma, como dificuldade, em instrumento ou momento de amadurecimento. É isso que demonstra a verdade da nossa fé.

O que fizemos dessa hipótese de trabalho? Nós a utilizamos? Tentamos verificá-la? Qualquer que tenha sido a resposta que cada um de nós deu à proposta feita, o que aconteceu? Se a usou, o que aconteceu? Se não a usou, o que aconteceu? Que experiência fizemos? O que aprendemos?

Nós repetimos com frequência nos últimos tempos que "uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, [...] diz o contrário"[12]. Por isso, depois desse ano, estamos mais entusiasmados com a nossa fé, com a caminhada feita, ou estamos mais desanimados, mais abatidos, mais derrotados? Depois de todos os desafios que tivemos de enfrentar, estamos mais seguros ou mais inseguros? Mais consistentes ou mais destruídos? Podemos dizer, agora com mais consciência do que nunca, depois dos desafios enfrentados: "Quem nos separará do amor de Cristo?". Não é que São Paulo não teve que enfrentar dificuldades enormes, mas essas dificuldades o levaram a essa certeza: "Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, os perigos, a espada? Segundo está escrito: 'Por sua causa somos postos à morte o dia todo, somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro'. Mas em tudo isso somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou. Pois eu estou convencido de que nem a morte nem a vida,

[10] Cf. L. Giussani, "A longa marcha da maturidade". Notas de uma conversa na "Escola de Quadros" de CL. Milão, 27 de fevereiro de 1972, in *Passos-Litterae communionis*, abril de 2008, p. 20.
[11] *Idem*, p. 21.
[12] L. Giussani, *Educar é um risco*, Bauru: Edusc, 2004, p. 16.

nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes, nem a altura, nem a profundeza, nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor"[13]. Essa é, para nós, uma frase bonita, com a qual concordamos, ou é uma certeza, fruto da experiência vivida? Porque todos sabemos muito bem a diferença entre repetir frases ou expressar a experiência feita, cheia de carne, documentada na vida.

Alguns podem responder assim: "Caro padre Carrón, li a síntese da Assembleia dos Responsáveis, realizada em Pacengo. À pergunta 'Mas eu, de todo esse período em que fomos desafiados sem descanso, saí com mais certeza sobre Cristo?', respondo sim. Parece que sou presunçosa, mas, ao contrário, não sou, porque é Cristo que me faz".

Ouçam também esta outra: "Sinto o desejo de lhe escrever sobre a minha gratidão e o meu reconhecimento pelas últimas palavras que você disse e escreveu. Eu me refiro à síntese feita nos três dias de encontro com os responsáveis do Movimento e a carta que você enviou aos jornais por ocasião das circunstâncias que tocam a nossa vida. Ao mesmo tempo tenho a necessidade de lhe comunicar que, vivendo o meu quotidiano, o seguimento está se tornando um fator fundamental para o meu crescimento pessoal na fé, que gera segurança para enfrentar as dificuldades do quotidiano. O que está acontecendo em mim é algo surpreendentemente novo e, ao mesmo tempo, antigo, isto é, o renascimento da novidade que a experiência cristã traz para dentro da minha mentalidade. É um caminho muito lento, mas inexorável, ao qual não desejo opor resistência".

Ou, ainda, esta outra carta: "Caríssimo Julián, não consigo conter o que gostaria de lhe falar. Há diversos dias estou emocionada, até de noite me agito! Aos 48 anos me surpreendo vivendo essa emoção, ao pensar que daqui a alguns dias irei aos Exercícios. Meu marido também percebeu isso e ontem à noite me disse: 'O mais bonito desses Exercícios, para mim, é essa sua emoção, essa sua espera. Quem pode se emocionar como você!'. [E não é que não lhe aconteceu nada...] Nestes anos, depois da morte do meu pai, o desejo de não perdê-lo foi o único motor da minha vida. Isso me fez retomar uma pergunta essencial: ou me abater nos cantos das circunstâncias, ou recomeçar a partir da única coisa verdadeira acontecida na minha vida. A sua amizade, na proximidade das transmissões da Escola de Comunidade reacendeu esse desafio! Com o tempo, é como se fosse arrancado o véu e tudo em minha volta começou a ficar mais claro. Ao passo que eu comecei a ver mais claramente, toda a realidade piorava, ruía, demolia-se

[13] *Rm* 8,35-39.

toda segurança (o trabalho do meu marido, a situação econômica cada vez pior, com quatro filhos que estudam, a mais velha na Universidade), com tantos riscos ligados. A coisa para mim absurda é que eu estou mais alegre do que antes, mas de uma alegria quase inexprimível. Agora percebo que aquilo que me surpreende começa a surpreender também aos outros, que me dizem: 'Você é diferente', ou então: 'Você é tão apaixonada pelas coisas que eu gostaria de me comparar com você'. Mas o que mais me maravilhou foi que neste período, após a demissão do Papa Bento e a chegada do Papa Francisco, eu me percebo falando com as pessoas sobre Cristo de modo explícito e simples, como se fosse o sinal mais evidente do que aconteceu, e uma pessoa me disse: 'Bem, agora que você me diz isso, eu também percebo!'. As pessoas ficam ali me ouvindo, surpreendidas pela descrição dos fatos mais correspondentes. E depois alguém expressou o medo de perder o Papa Francisco, como se fosse algo bonito que pudesse acabar! E eu respondi, antes de tudo para mim, com uma frase de *Miguel Mañara* que ouvi novamente há pouco tempo na voz de Dom Gius (por CD) e que me marcou: 'Por que temes perder aquele que soube te encontrar?'. Tudo aquilo que aconteceu não foi idealizado por nós! Isto me surpreendeu e também aos outros! P.S. Obrigada pelo testemunho que você representa na minha vida".

O que resiste quando somos despojados de toda segurança? Quem somos? A quem pertencemos? O que permanece quando muitos dos nossos projetos fracassam? O que permanece quando as nossas pretensões são anuladas? Permanece o que aconteceu conosco, porque isso ninguém pode anular, nem nós mesmos com nossas desilusões, raivas ou revoltas. Permanece o fato que aconteceu conosco.

Mas não basta que permaneça. Cada um deve decidir, ou melhor: decide e já decidiu. A alternativa é clara: reconhecer o fato que, de qualquer forma, permanece, porque nada consegue arrancá-lo de nós, ou não reconhecer o fato deixando prevalecerem as nossas medidas, os ressentimentos e os ceticismos. Na resposta que cada um dará pode descobrir, diante de si mesmo, o que tem de mais caro, a que coisa verdadeiramente adere, o que prevalece. Portanto, pelo modo como respondemos estaremos gritando a todos o que temos de mais caro, a começar por nós mesmos. Porque não é um problema moralista: é uma questão de juízo, de valor e de estima.

É a esta altura que podemos entender o alcance da pergunta inicial: "Mas quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a

Terra?"[14]. Talvez nos ajude a não considerá-la óbvia se a formularmos de um outro modo: mas nós ainda cremos que Cristo pode preencher a vida? Como nos desafia Dom Giussani: nós esperamos verdadeiramente tudo do fato de Cristo ou, no fundo, não somos assim tão "ingênuos" – dizemos – como no início, e Cristo é uma entre muitas coisas, estímulo para os nossos projetos? Cremos que Cristo é a resposta adequada para nós, agora, nas circunstâncias que vivemos, na idade que temos? A fé em Cristo diz respeito à vida ou tem a ver apenas com um elenco de afirmações abstratas ou de iniciativas a realizar? Pois é verdade aquilo que diz Dom Giussani: "Pode-se pertencer ao Movimento sem que isso implique uma fé real, sem que a vida das pessoas e das comunidades seja contestada, sem conversão"[15].

A frase do Apocalipse – que sinto dirigida primeiramente a mim e que, por isso, proponho também a vocês, amigos – me parece que se refere a todos: "És perseverante [tanto é verdade que estamos aqui], pois sofreste por causa do meu nome, mas não esmoreceste. Devo reprovar-te, contudo, por teres abandonado teu primeiro amor"[16].

O nosso primeiro amor onde está?

Não podemos "manter de pé" um gesto com essa dimensão sem a contribuição e o sacrifício de cada um de nós na atenção aos avisos, ao silêncio e às indicações que nos são dadas. Cada uma dessas coisas é uma modalidade pela qual podemos pedir a Cristo que tenha piedade do nosso nada, que nos dê aquela conversão que nos torna verdadeiramente nós mesmos. Todos sabemos a necessidade que temos desse silêncio, que permite que penetre até o fundo cada coisa que nos é dita, para fazer com que esse silêncio se torne grito, súplica a Cristo para que tenha piedade de nós.

[14] *Lc* 18,8.
[15] "O verdadeiro problema de CL é a verdade da sua experiência", op. cit., p.8.
[16] *Ap* 2,4.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 9,1-20; Sal 116 (117); Jo 6,52-59

HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO

"Jesus disse: Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia"[17]. Dentro de instantes esta promessa, este juízo de Cristo vai se tornar realidade física. A Sua presença de ressuscitado atravessa os vinte e um séculos que nos separam destas palavras e o espaço: Cafarnaúm, Damasco, Rímini. Nenhuma genialidade humana, por maior que seja, pode imaginar uma familiaridade, uma ternura, uma paixão assim pela vida do indivíduo humano: "A Minha carne é a tua comida, o Meu sangue é a tua bebida para a vida", para a vida-vida, para que tu vivas de Mim, comigo, por Mim. Quando Jesus pronunciou estas palavras todos foram embora, exceto aqueles doze.

É o momento que Dom Giussani descreve como o início da fé, quando, com o seu temperamento generoso e impetuoso, Pedro lhe diz: "Não entendemos como isso possa acontecer, mas, longe de Ti, para onde iremos?". Cristo cativou aquelas pessoas simples, entrou na raiz do seu ser não com violência, mas com ternura, tomando continuamente a iniciativa com eles até o coração deles estar cheio d'Ele, ser todo d'Ele. Cativou Pedro, o rude pescador; cativou Paulo, o refinado intelectual, o fariseu, o perseguidor, transformando-o no grande apaixonado por Ele. Se cativou Pedro, se cativou Paulo e depois uma longuíssima fileira até Dom Giussani, por que motivo não pode cativar, agarrar também a mim e a você agora, neste gesto que está cheio de ternura, de paixão pela vida de cada um de nós? Por que resistir? O que você tem para opor? Haverá alguma coisa mais simples do que deixar entrar a Sua vida na minha, que nos faz ser um n'Ele?

[17] *Jo* 6,53-54.

Sábado, 20 de abril, manhã

Na entrada e na saída:
Franz Schubert, Trio para piano n. 2 em mi bemol maior, op. 100 D 929
Eugene Istomin, pianoforte – Isaac Stern, violino – Leonard Rose, violoncelo
"Spirto Gentil" n. 14, Sony Classical

Angelus

Laudes

■ **PRIMEIRA MEDITAÇÃO**
Julián Carrón

"O anjo do Senhor anunciou a Maria"

O Ano da Fé tem como objetivo nos fazer redescobrir a beleza e a alegria da fé, que começa com a irrupção do Mistério na história, como recordamos todas as manhãs: "O anjo do Senhor anunciou a Maria". Esse é o início. Abordamos, então, nesta primeira palestra, o acontecimento cristão, essa irrupção do Mistério, para captar a sua verdadeira natureza, deixando para a palestra de hoje à tarde a resposta do homem a essa irrupção.

1. O cristianismo é um acontecimento: "Estava pleno daquele olhar"

"O cristianismo é um acontecimento"[18] é uma expressão muito familiar a nós. Mas todos sabemos muito bem que não basta possuir a definição correta para viver o cristianismo segundo a sua natureza. O que quer dizer que o cristianismo é um acontecimento? Qual é o conteúdo de experiência disso? O cristianismo se revela em sua natureza como resposta a uma necessidade presente. E, portanto, nos interessará hoje se ele responde à necessidade que caracteriza o homem que somos nós, se responde àquele "cansaço interminável" do "viver que quebra as pernas"[19].

[18] L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã.* São Paulo: Cia. Ilimitada, 2012, p.157.
[19] Cf. C. Pavese, *Diálogos com Leucó*, op. cit., p. 206.

"Caríssimo padre Julián, estou passando de um período 'heroico', de uma guerra fundamental (o terremoto da doença) para uma batalha de todos os dias, para uma compreensão de que tudo deve ser jogado momento após momento. Todos os dias (quando a náusea, a fraqueza física, as variações do humor que os medicamentos contra a dor provocam, as palavras que me faltam quando falo) me fazem entender que preciso de uma presença presente agora, momento após momento, que vença qualquer redução que o hábito provoca". Como esse nosso amigo, nós temos necessidade de um acontecimento agora, porque a salvação do nosso eu e da história é um acontecimento, não um pensamento. E quem entende isso? Os doentes, os homens feridos, os pecadores, os necessitados, isto é, as pessoas conscientes da própria condição humana, aqueles que não pisoteiam a própria humanidade e as suas exigências de plenitude, de realização.

Os evangelhos documentam isso continuamente; é impressionante como eram os necessitados que buscavam Jesus. O protótipo desses necessitados são os publicanos. Impressiona – não percebemos isso porque passa quase despercebido em sua simplicidade – ler no evangelho: "Todos os publicanos e pecadores aproximavam-se para ouvi-lo. Os fariseus e os escribas, porém, murmuravam [e assim evidenciam o motivo pelo qual os outros se aproximavam de Jesus]: Esse homem recebe os pecadores e come com eles"[20]. Essa frase é uma generalização do que devia acontecer muitas outras vezes. "Indo adiante, viu Jesus um homem chamado Mateus, sentado na coletoria de impostos, e disse-lhe: 'Segue-me'. Este, levantando-se, o seguiu. Aconteceu que estando ele à mesa em casa, vieram muitos publicanos e pecadores e se assentaram à mesa com Jesus e seus discípulos. Os fariseus, vendo isso, perguntaram aos discípulos: Por que come o vosso Mestre com os publicanos e os pecadores? Ele, ao ouvir o que diziam, respondeu: Não são os que têm saúde que precisam de médico, e sim os doentes"[21].

Como é que justamente os que pareceriam mais distantes, os menos interessados em estar com Ele, são esses que mais O procuram? O que viam n'Ele que não encontravam em outro lugar? Só com Ele conseguiam olhar a si mesmos. É um exemplo claro de que o outro é um bem. A presença de Jesus era percebida, por eles, como um bem precioso e estar com Ele fazia-lhes bem, e para Jesus eles eram um bem, tanto que ficava para comer com eles. Que grande consolo para cada um de nós se

[20] *Lc* 15,1-2.
[21] *Mt* 9,9-12.

nos identificamos com a simplicidade desses relatos: ser alcançado por uma Presença assim (qualquer que seja a situação em que nos encontramos, a dificuldade que estamos atravessando, os desafios que precisamos enfrentar). Quem pode se sentir excluído? "Que impressionante deve ter sido para ele sentir-se olhado assim, por um completo estranho, e sentir-se entendido dessa forma, até o profundo de si mesmo"[22].

Poder estar diante de alguém sem precisar esquecer ou esconder nada de si, não porque Jesus fingisse não saber todos os erros deles ou porque os justificasse. Isso não lhes daria a paz. Gente que justificava os próprios erros eles já tinham bastante, dentre os que costumavam estar com eles. Por que, então, O procuravam? Procuravam-no justamente porque com Ele não precisavam esconder nada, pois tudo era claro para o olhar d'Ele. Outros, ao invés, O consideravam ingênuo, incapaz de perceber como eram as coisas. "Um fariseu [chamado Simão] convidou-o a comer com ele. Jesus entrou, pois, na casa do fariseu e reclinou-se à mesa. Apareceu então uma mulher da cidade, uma pecadora. Sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro com perfume. E, ficando por detrás, aos pés dele, chorava; e com as lágrimas começou a banhar-lhe os pés, a enxugá-los com os cabelos, a cobri-los de beijos e a ungi-los com o perfume. Vendo isso, o fariseu que o havia convidado pôs-se a refletir: Se este homem fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que o toca, porque é uma pecadora!"[23]. Imediatamente, para fazer aquele fariseu entender que não era tão ingênuo e que conhece bem aquela mulher, Jesus conta a parábola dos dois devedores: "Um credor tinha dois devedores: um devia quinhentos denários e o outro cinquenta. Como não tivessem com que pagar, perdoou a ambos. Qual dos dois o amará mais? Simão respondeu: 'Suponho que aquele ao qual mais perdoou'. Jesus lhe disse: 'Julgaste bem'. E voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me derramastes água nos pés; ela, ao contrário, regou-me os pés com lágrimas e enxugou-os com os cabelos. Não me deste um ósculo; ela, porém, desde que eu entrei, não parou de cobrir-me os pés de beijos. Não me derramaste óleo na cabeça; ela, ao invés, ungiu-me os pés com perfume. Por esta razão, lhe digo, seus numerosos pecados estão perdoados, porque ela demonstrou muito amor. Mas aquele a quem pouco foi perdoado mostra pouco amor"[24].

---

[22] L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão: Rizzoli, 1998, p. 9.
[23] *Lc* 7,36-39.
[24] *Lc* 7,41-47.

Aqueles que se aproximavam d'Ele, como a mulher da Samaria, sabiam muito bem que nada era oculto para aquele Profeta: "Ele me disse tudo o que eu fiz"[25]. Até sua sede de felicidade era evidente para Ele. Portanto, nenhum erro, nenhuma doença, nenhuma dor, nenhuma situação, nenhum drama, nenhuma circunstância podia impedir o acontecer de alguma coisa absolutamente imprevisível, como testemunha o relato, a nós tão familiar, de Zaqueu, o chefe dos publicanos de Jericó.

Fiquemos atentos a como Dom Giussani nos convida a olhar para poder entender. O que perdemos por nunca ter tempo para olhar, como nos ensina Dom Giussani! Quanto ganho seria para o nosso viver, para olhar a nós mesmos, se nos comportássemos como Dom Giussani, procurando nos identificar com Cristo para que também a nossa vida seja plena daquele olhar, daquele olhar que Cristo dirigiu a Zaqueu!

Eis, portanto, como Dom Giussani relata o episódio de Zaqueu: "Era o chefe da coletoria, o chefe da máfia de Jericó e da zona ao redor, o chefe dos cobradores de imposto, daqueles que eram considerados inimigos do povo e pecadores públicos dos quais era preciso manter distância de dez metros para não se contaminar com o ar, vendidos aos Romanos. Ele ouviu dizer que Jesus estava no vilarejo, porque todos falavam disso naquela região. Correu na frente da multidão e subiu numa árvore para vê-lo, por curiosidade, para olhá-lo melhor nos olhos, pois era muito baixo. A multidão se aproxima, Jesus está falando, passa, está ali embaixo, para, levanta a cabeça e lhe diz: 'Zaqueu, desce daí que hoje quero ir à sua casa'. E Zaqueu: 'Desço'. Imaginem aquele homem que sem falar desce voando da árvore e corre para casa. Pensem naquele silêncio pleno, com os ouvidos e o coração plenos daquela palavra ouvida, pelo seu nome: finalmente o seu nome tinha sido pronunciado! Podemos bem imaginar como aquele chamado ecoasse depois em tudo o que ele fazia, mesmo quando estava em silêncio, mesmo quando trabalhava em silêncio. Para Zaqueu aquele encontro foi um milagre, ou seja, algo que transformou radicalmente a sua vida. Zaqueu não teve nenhum medo de perder nada; quando ouviu dizer: 'Zaqueu, quero ir à sua casa', perdeu tudo o que tinha diante dos olhos, foi preenchido por aquele nome".

O convite de Dom Giussani é claro: "Nós precisamos nos identificar com as pessoas das quais o Evangelho fala. Mas nós, na realidade, não as compreendemos e não conseguimos nos identificar com o que eram se não nos identificarmos com Cristo que diz: 'Zaqueu'. Quando irrompe a palavra 'Zaqueu', então compreendemos Zaqueu. Quando Cristo diz:

[25] *Jo* 4,39.

'Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa', é nesse momento que compreendemos o que era Zaqueu. Pensem no que deve ter sentido Zaqueu, como em fração de segundos deve ter calculado todos os erros feitos sem sequer medi-los, como deve ter sentido quem era ele e quem era Aquele que o chamava. Quem era Zaqueu, é justamente quando nos identificamos com Cristo que o vemos"[26]. Em outro encontro Dom Giussani observa: "É essa aproximação, é essa presença – presença não de alguém que olha para o outro lado, mas presença de alguém que olha para você – é essa proximidade que perturba, e por isso a vida se transfigura; em suma, Zaqueu não disse enquanto se dirigia para casa: 'Agora esse aí vai dizer que eu roubei cem de um, trezentos de outro, agora...'. Não. Ele estava tomado por aquele olhar, o que prevalecia era aquela presença. Foi para casa a fim de preparar a refeição para aquele homem, para aquele que havia olhado para ele; e, depois, como consequência, pensa: 'Devo devolver tudo aquilo que tomei'. Mas é uma consequência que durou a vida toda, porque não é automática. Cada um de nós conhece o ímpeto com que se dá, e sabe também que depois se retira, por isso é a luta da vida. Mas o que torna agora transfigurável a vida se tornou um fato. Mateus estava transfigurado, a mulher, aquele grupinho de mulheres estavam transfiguradas. Pensem no que terão dito os maridos e os filhos daquelas mulheres: 'Vocês estão loucas?'. Eram outras pessoas, Zaqueu era uma outra pessoa, a vida deles estava transfigurada; elas entendiam que amavam mais seus maridos e seus filhos, e Zaqueu entendia que estava mais rico do que antes, transfigurado, porque estava perto d'Ele. É o contrário do episódio do jovem rico, alguém a quem Cristo diz: 'Vem comigo', isto é: 'Quero estar perto de você'. E o evangelho diz: 'E ele foi embora triste'; o jovem rico, triste. Ou transfigurados, ou tristes, porque não podemos ficar parados onde estávamos depois que Cristo se aproximou da nossa vida, quando pediu à nossa vida para ser a Sua testemunha no mundo; não é possível ficar como antes: ou nos tornamos mais tristes, entristecemos cada vez mais, embora pareça que estamos ganhando tempo, porque voltamos a fazer o que é mais fácil, nos amesquinhamos de um modo humanamente também penoso, ou nos transfiguramos"[27].

Que o cristianismo é um acontecimento na experiência significa a prevalência de uma presença irredutível. Não qualquer presença, mas aquela

[26] Assembleia com um grupo de jovens que tinham iniciado o caminho vocacional na Associação eclesial *Memores Domini*, 26 de junho de 1993, *pro manuscripto*.
[27] Notas de uma palestra nos exercícios dos noviços dos *Memores Domini*, agosto de 1982.

presença única, inconfundível: Jesus de Nazaré. "Para que o reconhecessem, Deus entrou na vida do homem como homem, segundo uma forma humana, e assim o pensamento, a capacidade de imaginação e a afetividade do homem foram como que 'agarrados', magnetizados por Ele"[28]. Por que ficaram magnetizados por Ele, pela Sua presença? Porque era a única capaz de responder à necessidade do viver, à exigência de realização. O cristianismo como acontecimento é a predominância da Presença, sem a qual a vida seria obscura, triste, sem um verdadeiro interesse. Esse é o motivo verdadeiro pelo qual a buscamos sempre. Não principalmente para ser "bons", mas para viver, para poder estar diante de si mesmo, para poder ter afeição por si.

"A tua graça é maior que a vida"[29]. O que é esta graça que vale mais do que a vida? Para nós esta graça tem um nome: Jesus. A Sua pessoa é toda a graça.

Por que essa presença consegue prevalecer tão poderosamente em todos os problemas do viver em que, muitas vezes, nos enquadramos? Por que se impõe com essa força simples, sem que possamos fazer nada para evitá-la? Como é que nem o nosso mal, a nossa incoerência, consegue impedi-la de impor-se na vida? Pela correspondência que encontra no coração do homem, que pode ser distraído, reduzido o quanto queira, mas nada pode impedir, nem por um instante, que essa presença se imponha. O primeiro instante é incontrolável por parte do homem. Ninguém pode impedir a ação de uma presença, qualquer que seja a situação em que se encontra; ninguém pode controlar a realidade ao ponto de impedir a surpresa de um acontecimento. É de tal modo imprevisto que nos surpreende sem defesa, ao menos por um instante.

Mas, então, onde entra a necessidade? Por que Jesus diz que veio para os doentes? Porque, normalmente, somente aqueles que possuem uma ferida estão abertos ao imprevisto. Sem necessidade, sem ferida, a pessoa logo fecha qualquer possibilidade a este imprevisto, busca arrumar as coisas. A necessidade é uma condição indispensável, não para a ocorrência do acontecimento, mas para o seu reconhecimento. Um acontecimento irrompe, acontece, irredutivelmente, aqui e agora, não é consequência de antecedentes. A necessidade permite ver o acontecimento, se dar conta dele. Como disse o Papa Francisco encontrando-se com os Cardeais: "A verdade cristã é fascinante e persuasiva, porque responde a uma necessidade profunda da existência humana, anuncian-

[28] L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., p. 24.
[29] *Sal* 63 (62),4.

do de modo convincente que Cristo é o único Salvador do homem todo e de todos os homens. Este anúncio permanece válido hoje como o foi nos primórdios do cristianismo, quando se realizou a primeira grande expansão missionária do Evangelho"[30].

Quem se deixa tocar por aquela Presença não pode evitar percebê-La como um bem que não pode ser perdido. É tão correspondente à espera que nenhuma outra coisa é capaz de trazer uma satisfação tão desconcertante. Por isso é que, com Ele, o homem, mesmo o mais miserável, faz uma experiência de satisfação tão grande que se torna livre. Esta correspondência grita, mais do que qualquer outra fórmula em que queiramos encaixar a experiência, o valor de tal Presença: a Sua excepcionalidade, a Sua divindade.

Se o que prevalece em nós é a presença daquele olhar, se ele incide na vida, nota-se pelo modo como entramos em relacionamento com tudo. "O seu relacionamento com Deus – Dom Giussani está falando do paralítico curado por Jesus –, o modo como ele rezou naquela noite, o modo como depois foi ao templo todos os dias, o sentimento da vida que tinha quando via o sol se pôr ou o sol nascer, e quando então ia trabalhar todas as manhãs, com a alma cheia de gratidão e com a alma plena de misterioso temor, de temor e tremor para com este mistério de Deus que tinha chegado a ele naquele homem que o havia curado; enfim, o sentimento por Jesus, o modo como dizia que Jesus era o Messias – e também o disse aos outros, porque depois foi atrás dele, tornou-se um discípulo seu –, o modo como ia com os outros às cidadezinhas para anunciar que o Reino de Deus já estava entre eles (pois Jesus estava lá), o modo como agia, o modo como pensava no seu passado (em todo o marasma pelo qual se deixou levar: as baixezas, o desencorajar-se, as blasfêmias), o modo como havia tratado os parentes, o modo como os tratava agora, eram todas ações que partiam de uma consciência de si, de um senso da sua pessoa, cuja fisionomia era plasmada, nascia da lembrança de como Jesus o havia agarrado, de como Jesus o havia investido, de como Jesus o havia tratado, de como ele havia conhecido Jesus"[31].

É uma presença tão irredutível que gera uma novidade tão grande que permite olhar tudo sob uma luz diversa, menos confusa, mais verdadeira. Esta experiência de novidade na relação com tudo introduz ao verdadeiro conhecimento de Cristo. Consente apreender o Seu valor para a vida. Permite conhecer Jesus, não como uma definição abstrata, mas como experiência. É aí que o homem pode perceber o valor daquela pre-

[30] Francisco, *Audiência com os Cardeais*, 15 de março de 2013.
[31] L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*, Milão: Bur, 2002, p. 5.

sença. Quem O descobre reconhece-se a partir do juízo de estima que se gera nele.

Nenhum outro soube expressar isso como São Paulo: "Se alguém crê poder confiar na carne, eu mais que ele: circuncidado no oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus, que fui, segundo a lei, fariseu; quanto ao zelo pela Lei, perseguidor da Igreja; quanto à justiça da Lei, irrepreensível no meu proceder. Mas o que era para mim lucro eu o tive como perda, por amor de Cristo. Mais ainda: tudo eu considero perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor. Por ele, eu perdi tudo e tudo tenho como esterco, para ganhar a Cristo"[32].

Jesus estava bem ciente do que estava trazendo ao mundo: "O reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido em um campo; um homem o acha e volta a escondê-lo e, na sua alegria, vai, vende tudo o que possui e compra aquele campo".[33] Qual é o valor daquela Presença, tão grande que se faz um excelente negócio preferindo-A a qualquer outra coisa?

É o que testemunharam os discípulos. A atração dessa Presença era tão grande que aqueles que a encontraram não resistiram em segui-la. Como assim? Porque respondia de tal forma à fome deles, à sua sede de significado, de afeição, que Ele bastava. A satisfação que transmitia era tão imponente que o seguimento, buscá-Lo, constituía a única possibilidade de não perdê-la. A moralidade tinha a mesma origem do maravilhamento: a presença d'Ele. De fato, a moralidade surge da Presença, não do esforço voluntarista. O moralismo tem uma origem diferente do seguimento (que é sempre maravilhamento por uma presença).

Foi essa mesma Presença que os publicanos encontraram. Percebe-se o motivo pelo qual iam procurá-Lo constantemente, por que O seguiam: não por moralismo, mas por aquela simpatia profunda que a Sua presença despertava neles. Eram atraídos por Ele, queriam ficar com Ele. Tal como o fariseu Paulo, ou o pescador Pedro. "Esse encontro é o que polariza a nossa vida constantemente, é o que dá significado e síntese à nossa existência. Fora dele, não há nenhuma outra fonte de consciência de novidade na vida. Nele, o acontecimento do Mistério presente toca a nossa vida e a torna parte de um fluxo contínuo de novidade".[34]

Entendemos por que quem O encontra, como escreve Dostoievski, não consegue mais prescindir d'Ele. "Não sei como sucede aos outros,

---

[32] *Fil* 3,4-8.
[33] *Mt* 13,44.
[34] L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., p. 25.

mas eu não posso fazer como todos. Cada um pensa, e logo pensa uma outra coisa. Eu não posso pensar diferente. Eu penso a vida toda naquilo que aconteceu comigo"[35]. Palavras do mesmo teor daquelas, a nós familiares, ditas por Moelher: "Eu creio que não poderia mais viver se não o ouvisse mais falar"[36].

A modalidade com que Dom Giussani nos ensinou a olhar João e André permanecerá sempre, para nós, como critério para verificar se o cristianismo está acontecendo agora para nós, se é o prevalecer de uma presença ou se já está reduzido a categoria, a definição abstrata. Caso contrário dizemos que o cristianismo é um acontecimento, mas como se apresenta uma definição, não como algo que está acontecendo agora.

"O cristianismo é 'acontecimento': algo que antes não existia e, de repente, apareceu. Não que André e João tenham dito: 'O que se passou conosco é um acontecimento'. Evidentemente, não era necessário que explicitassem numa definição aquilo que lhes estava acontecendo: estava acontecendo mesmo! O cristianismo é um acontecimento. Não existe outra palavra para indicar sua natureza: a palavra lei não serve, nem tampouco as palavras ideologia, concepção ou projeto. O cristianismo não é uma doutrina religiosa, uma série de leis morais, um conjunto de ritos. O cristianismo é um fato, um acontecimento: o resto é consequência"[37].

Os discípulos podiam reconhecê-Lo no olhá-Lo falar, no sentir-se olhados por Ele, no sentir-se acolhidos tão no profundo de si mesmos. Eles perceberam que a presença d'Ele conseguiu prevalecer sobre tudo pelo fato de terem sido logo conquistados, tomados, pelo fato de reconhecer aquele homem em seu valor único, incomparável, divino, e que tinha sido fácil perceber isso. Quando prevalece em nós a atenção às consequências, quer dizer que nós já nos afastamos do fato!

"Deus tornou-se um acontecimento em nossa existência quotidiana, para que o nosso eu se reconheça com clareza, em seus fatores originais, e alcance seu destino, se salve. Foi assim para Maria e José. Foi assim para João e André, que se puseram a seguir Jesus graças ao aceno de João Batista. Deus entrava na vida deles como acontecimento. Dali em diante, quer nunca mais o tenham tirado da cabeça, quer o tenham esquecido de vez em quando, especialmente nos primeiros dias ou nos primeiros meses, toda a sua vida dependeu daquele acontecimento: na medida da

[35] Cf. F.M. Dostoievski, *Os demônios*, São Paulo: Editora 34, 2004.
[36] Cf. J.A. Möhler, *L'unità nella Chiesa, cioè il principio del cattolicesimo nello spirito dei Padri della Chiesa dei primi tre secoli*. Roma: Città Nuova Editrice, 1969, p. 71.
[37] L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., p. 25.

sua importância, já não é possível voltar atrás de um acontecimento. Foi assim para eles. É assim para nós, hoje: um acontecimento pode assinalar um início e um caminho. O acontecimento pode assinalar um *método* de vida. Seja como for, é uma experiência que precisamos fazer. Esse caminho exige o compromisso do homem; exige que, tocado pelo acontecimento, o homem avance até encontrar o significado verdadeiro do que vislumbrou inicialmente: é um caminho do olhar"[38].

Diz Nicola Cabasilas: "Conhecer por experiência [...] quer dizer alcançar a coisa em si: aí, por isso, a forma se imprime na alma e suscita o desejo, como um prestígio proporcionado à sua beleza"[39]. A beleza dessa presença impressa na alma suscita o desejo. Por isso assinala um início, um caminho.

Se é verdade que de um acontecimento não se pode retroceder, do mesmo modo é verdade que nós podemos acolher esse desejo ou não. Do seguir a curiosidade, do engajar-se nela, depende que esse acontecimento marque um início e um caminho ou que fique bloqueado o caminho do olhar.

E aqui começa verdadeiramente o drama, porque muitas vezes o que acontece diante dos nossos olhos nada mais é que o acontecimento de Cristo presente. Podemos vê-lo na diversidade com que vivemos as coisas de todos, que muitas vezes nos contamos. Pode ser a modalidade de viver uma festa de casamento ou de celebrar um funeral, tanto é verdade que os outros que nos observam ficam admirados dessa diversidade: "Se o funeral é assim, é quase belo morrer", disse uma pessoa ao participar do funeral de um amigo nosso. Mas se nós ficamos parados, se bloqueamos o desejo que essa diversidade suscita, nos tornamos escravos do resultado, e ficamos com raiva no primeiro contratempo. Por isso Giussani se preocupa, com uma caridade sem limites, em nos tornar conscientes de que se nós permanecemos parados diante do contragolpe sentimental, sem aceitar a atração poderosa da beleza que temos diante de nós, isso não nos basta para viver.

Sempre me impressionou o seguinte episódio, porque nos diz verdadeiramente qual é o problema diante do qual nós, muitas vezes, ficamos bloqueados. Depois de uma bela canção executada com cuidado, num clima humano invejável, único, numa casa do Grupo Adulto, Giussani para um instante e observa: "É mesmo muito bonita, seja como música, seja como é cantada, seja como sentimento humano de amizade e de fraternidade e de companhia numa aventura. No entanto, se as coisas pudessem ser elen-

[38] *Idem,* p. 15.
[39] N. Cabasilas, *La vita in Cristo*, Verona: Città Nuova, 2005, p. 142.

cadas assim como eu as elenquei agora e pronto [tudo muito bonito, mas 'basta', acaba aqui], e fosse dado como óbvia uma outra coisa – aceita e reconhecida (entendam bem!), mas dada como óbvia – e, não fosse o Seu nome produzido por uma ênfase de diálogo, de vontade de se fazer ouvir, de vontade de ouvi-lo; se não houvesse uma personalidade a certo ponto autônoma, se não houvesse um rosto ultimamente singular, de traços inconfundíveis, mesmo com aqueles que Ele mesmo criou como sinal de si"[40], tudo isso não bastaria: não bastaria à nossa espera de felicidade, não bastaria à nossa sede de destino, como não bastaria nem mesmo ter um trabalho excepcional ou ter êxito na vida. Não bastaria!

É por isso que ele insiste, amigos: "Estejamos atentos que Jesus entre nós pode ser a origem de todo o mundo de humanidade, pleno de alegria e de amizades, de razões formalmente irrepreensíveis, de ajuda formalmente e também materialmente concreta [...], porém Jesus [esta Presença] poderia ser reduzido 'ao retrato de uma bela mulher esculpido no monumento sepulcral' da mesma"[41]. É de chorar o pensamento de que Jesus possa ser reduzido ao retrato de uma bela mulher esculpido no monumento sepulcral da mesma...

Cristo "não pode ser dilapidado ou despojado do apresentar-se belo e alegre, da companhia de rostos que d'Ele deveriam ser indicados como sinal!". Esta redução se evita apenas "quando se diz 'Tu' realmente, com toda a consciência do *eu*: quanto mais a pessoa tem consciência de si, mais forte, grande, verdadeira, simples e pura é a devoção por Ele [...]. A presença de Cristo no mundo é o milagre da nossa companhia. Mas isso é a ponta emergente de um sinal que 'afunda onde é mais verdadeiro', ou melhor, é a ponta de um sinal que em todo o resto naufraga no significado comum, em todo o resto naufraga na naturalidade comum. Por isso, quanto mais a pessoa quer bem intensamente, preferencialmente – em suma, lá onde o bem é dizer 'eu' com um ímpeto que os outros não conhecem, ou dizer 'tu' com um ímpeto que os outros não conhecem, não se trata de amortizar o peso da nossa amizade, de tornar nebulosa a eficácia cheia de olhos, de lábios e de rostos, de palavras, de cantos, de coração de uma companhia bela como esta, mas é como uma espécie de exasperada tensão – de tudo aquilo que eu listei e que forma a nossa companhia – a gritar o seu nome, ó Cristo: Obrigado porque Você mostrou-se e sentou-se aqui"[42].

---

[40] L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, Milão: Bur, 1999, p. 148.
[41] *Idem*, pp. 150-151.
[42] *Idem*, pp. 152-153.

Então, se não há essa exasperada tensão a gritar o Teu nome, Cristo, nada basta!

Por isso a questão do empenho total – do qual discutimos em uma ocasião recente – é uma questão de estima, como dizia um amigo nosso, durante uma assembleia: "A pessoa não se empenha totalmente com a realidade porque não tem estima profunda pelo que encontrou. De fato, a pessoa estima sempre algo que pra ela tem valor absoluto, estima uma coisa em relação a outra. Então, é como se para nós a estima a Jesus fosse uma dentre muitas e não 'a' estima: eu não te estimo profundamente, Cristo, por isso o meu empenho com a realidade é parcial. Vejo isso em mim e nos outros: se você tem essa estima a Jesus total, então enfrenta a realidade, busca o significado, Jesus é tudo".

Então a nossa esperança é que esse Acontecimento continue a acontecer e nos atraia de tal modo que desperte em nós o desejo de nos empenhar e que assim possamos captá-lo em seu acontecer. Porque se nós não percebermos a Sua presença, inevitavelmente o centro afetivo se desloca, mesmo se não percebemos isso. Da Sua presença pode brotar também todo um mundo de humanidade, mas Cristo não prevalece. Aqui é a fé que está em jogo.

Como nos damos conta de que Cristo não prevalece? A experiência nos oferece todos os indícios necessários: o trabalho ou a bela companhia não nos bastam. No entanto, não percebemos como essa redução acontece, por "um estranho obscurecimento do pensamento"[43], como diz Bento XVI.

Se o método do conhecimento é o Acontecimento, se só percebemos nós mesmos através do Acontecimento presente, então só aquele em quem a natureza do Acontecimento não se obscureceu pode tornar-se consciente da nossa desorientação, da nossa redução. Esse é o dom de Dom Giussani para nós. Ele não apenas descreveu como nenhum outro o cristianismo como acontecimento, mas também o testemunhou. Que nele sucedia continuamente o Acontecimento se deduz do fato de que podia perceber cada uma das nossas reduções. Nele estava ocorrendo o Acontecimento – porque quem vê o deserto não pertence ao deserto –: por isso não se contentava com menos que a sua Presença, como documenta a exasperada tensão a dizer o Seu nome. Nós, enquanto isso, já a tínhamos perdido pelo caminho!

[43] Bento XVI, *Luz do mundo*. *O Papa, a Igreja e os sinais dos tempos. Uma conversa com Peter Seewald*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2011, p. 43.

2. "No início não foi assim"

Para compreender um acontecimento nós, em geral, partimos da nossa experiência. Alguma coisa acontece num momento do tempo e do espaço, mas depois passamos para alguma outra coisa. Aquilo que aconteceu conosco pode deixar mais ou menos algum traço, depende do alcance do acontecimento, mas logo é deixado para trás. Estamos de tal modo convencidos de que as coisas vão necessariamente assim, que frequentemente comentamos: "Não é mesmo possível permanecer maravilhados como no início!". Chegamos a teorizar sobre isso.

Mas Giussani desafia a nossa concepção dizendo que esse modo de raciocinar não vale em relação ao acontecimento cristão. "O cristianismo, de fato, é 'um acontecimento', é uma realidade nova de vida que entrou no mundo, e por isso quando me pega é uma experiência de vida nova, não nova só no início, mas sempre nova"[44]. O cristianismo não é o que permanece de um acontecimento, mas é sempre um acontecimento, do contrário documentaria a sua inacessibilidade. De fato, algo que não está de algum modo presente não existe; ou está acontecendo agora ou não existe. Nesta altura podemos compreender ainda mais o que significa a afirmação de que o cristianismo é um acontecimento.

Diz Dom Giussani: "Deparar-se com uma presença de humanidade diferente *vem antes* não apenas no início, mas em cada um dos momentos que se seguem ao início: um ano ou vinte anos depois. O fenômeno inicial – o impacto com uma diversidade humana, o maravilhamento que nasce desse impacto – está destinado a ser *o fenômeno inicial e original de qualquer momento do desenvolvimento*. Pois não se dá nenhum desenvolvimento se esse impacto inicial não se repete, ou seja, se o acontecimento não continua a ser contemporâneo. Ou o impacto se renova ou nada progride, e logo a pessoa teoriza o acontecimento que ocorreu, e tateia em busca de pontos de apoio que substituam Aquilo que realmente está na origem da diversidade. O fator que está na origem é sempre o impacto com uma realidade humana diferente. Portanto, se o que aconteceu no início não volta a acontecer e se renova, não se realiza verdadeira continuidade: se a pessoa não vive agora o impacto com uma realidade humana nova, não entende o que lhe aconteceu antes. Só se o acontecimento reacontece agora é que o acontecimento inicial se

[44] *Rumo a uma vida de fé mais madura*, Comunhão e Libertação (org.), *pro manuscripto*, Milão 1976, p. 6.

esclarece e se aprofunda e, assim, se estabelece uma continuidade, um desenvolvimento"[45].

Com a sua genialidade, Dom Giussani tem uma percepção de tal modo consciente da natureza do cristianismo que, nesse texto, não somente nos lembra quais são os requisitos permanentes do cristianismo como acontecimento – a contemporaneidade e a irredutível diversidade –, mas também nos oferece os indícios que nos permitem perceber quando o cristianismo cessa de ser experimentado como acontecimento presente. Isso se reconhece por dois sinais.

Primeiro: teoriza-se o acontecimento ocorrido. Na falta do fascínio do acontecimento, nos contentamos com a teoria, com o discurso, com uma categoria abstrata, e o repetimos em seguida. Até mesmo o justificamos, como nos lembra Dostoievski: "O homem é de tal modo apegado ao sistema e à dedução abstrata que estaria disposto a alterar premeditadamente a verdade, está disposto a não ver, mesmo vendo e a não ouvir, mesmo ouvindo, desde que justifique a própria lógica"[46]. De fato, tendo perdido pelo caminho a atração de uma Presença, na teorização (redução a categoria ou discurso) domina aquilo que já sabemos, o que nós mesmos estabelecemos, o nosso esquema, a nossa opinião.

Mas como somos feitos para a realização, o vazio deixado pela falta da presença precisa ser preenchido. E por isso – este é o segundo sinal – se buscam, diz Dom Giussani, apoios substitutivos que documentam o deslocamento afetivo. Quando os discípulos não percebem a dimensão da presença que encontraram, começam a buscar apoios substitutivos, como o *lucro*. "Então, Pedro tomando a palavra, disse: Eis que nós deixamos tudo e te seguimos. Que receberemos?"[47]. Mas a presença d'Ele não é tudo? Pedro nem mesmo o percebe.

Ou prevalece a busca do êxito. "Os setenta e dois voltaram com alegria dizendo: 'Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome!' Ele lhes disse: Eu via Satanás cair do céu como relâmpago! Eis que eu vos dei o poder de pisar serpentes, escorpiões e todo o poder do Inimigo, e nada poderá vos causar dano. Contudo, não vos alegreis porque os espíritos se submetem a vocês; alegrai-vos, antes, porque os vossos nomes estão inscritos no céu"[48]. Aos setenta e dois não basta mais a presença d'Ele para alegrar a vida. Não é que não precisam valorizar o bem rea-

[45] L. Giussani, "Algo que vem antes", in *Passos-Litterae communionis*, dezembro de 2008, p. 2.
[46] F.M. Dostoevski, *Memorie del sottosuolo*. Turin: Einaudi, 1988, p. 24.
[47] *Mt* 19,27.
[48] *Lc* 10,17-20.

lizado, mas esse bem não pode obscurecer a distância abissal que existe entre os milagres por eles realizados e o fato de serem Seus! Mas isso nem lhes passa pela cabeça, assim como acontece conosco.

Ou então se procura preencher o vazio com o *poder*. "Aproximaram-se de Jesus Tiago e João, filhos de Zebedeu, e disseram-lhe: 'Mestre, queremos que nos concedas tudo o que te pedirmos'. Ele lhes disse: 'Que quereis que vos faça?'. Responderam: 'Concede-nos que nos sentemos na tua glória, um à tua direita e outro à tua esquerda'. Jesus, então, disse: 'Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu vou beber, ou ser batizados no batismo em que eu vou ser batizado?'. Responderam: 'Podemos'. Jesus prosseguiu: 'Vós bebereis o cálice que eu devo beber e sereis batizados no batismo em que eu devo ser batizado. Mas, quanto ao assentardes à minha direita ou à minha esquerda, isto não depende de mim: o lugar compete àqueles a quem está destinado'. Ouvindo isto, os outros dez [que não eram diferentes] começaram a indignar-se contra Tiago e João"[49].

Quais são os nossos apoios substitutivos? Não são muito diferentes daqueles dos apóstolos que acabamos de lembrar. Vamos olhá-los juntos, assim como foi sinalizado por Dom Giussani.

a) Cristianismo reduzido a valores

"Na outra noite, numa reunião em Milão, eu observava que, dos últimos quinze anos pra cá, em todos esses anos é como [...] se o Movimento tivesse construído sobre os valores que Cristo nos trouxe. Assim, todo o esforço da atividade associativa, operativa, caritativa, cultural, social, política, certamente teve como objetivo o de mobilizar a nós mesmos e as coisas segundo [...] as ideias de valor como Cristo nos tornou conhecidas. Mas no início do Movimento não foi assim. Como eu acenei ontem, no início, nos primeiros anos, não se construía sobre os valores que Cristo nos trouxe, mas se construía sobre algo que estava acontecendo, que havia tomado conta de nós. Era uma posição pura. Mas depois mudamos para uma *tradução cultural*, mais do que o entusiasmo por uma Presença"[50]. Devemos recuperar a pureza original.

O que Dom Giussani precisava para se dar conta dessa redução do cristianismo a valores? Precisava viver o cristianismo como algo que estava acontecendo conosco.

---

[49] *Mc* 10,35-41.

[50] L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*. Cinisello Balsamo (Mi): San Paolo, 2002, pp. 100-101.

Pensemos como uma pessoa apaixonada percebe facilmente quando em outros a relação com o homem ou a mulher com quem casaram deixou de ser algo que está acontecendo e se tornou uma coisa diferente do entusiasmo por uma presença.

b) De uma presença que se impunha a uma organização a seguir

"O Movimento nasceu de uma presença que se impunha e que levava à vida a provocação de uma promessa a ser seguida. Mas depois confiamos a continuidade desse início aos discursos e às iniciativas, às reuniões e coisas a fazer. Não confiamos à nossa vida; de forma que o início, muito cedo, deixou de ser verdade oferecida à nossa pessoa e se tornou motivo para uma associação, para uma realidade na qual descarregar a responsabilidade do próprio trabalho e da qual pretender a resolução das coisas"[51]. Não é que se negue Cristo, simplesmente Cristo tornou-se um "realce espiritual", porque o que prevalece é outra coisa: "Para muitos de nós, que a salvação seja Jesus Cristo e que a libertação da vida e do homem, aqui e no além, esteja ligada continuamente ao encontro com Ele, para muitos de nós tornou-se um realce 'espiritual'. O concreto seria outra coisa: o empenho sindical, a aprovação de certos direitos, a organização, as unidades de trabalho, as reuniões, mas não como expressões de uma exigência de vida, antes, como mortificação de vida, como um peso, pedágio a ser pago a um pertencer que nos encontra ainda inexplicavelmente esperando na fila"[52].

O então cardeal Bergoglio dizia isto de modo luminoso: "Quando o fiel se dá conta de ter perdido o impulso e o entusiasmo doutros tempos, tende a assumir comportamentos que não lhe são próprios. [...] A perda do fervor inicial leva alguns [...] a refugiar-se naquilo a que podemos chamar 'deveres secundários'. [...] A fuga manifesta-se como fuga em direção às virtudes "secundárias": alguns dedicam-se ao social [...]. Outros, ao contrário, concentram-se nos ritos. Em ambos os casos isso não basta para enfrentar o verdadeiro desafio".[53]

c) De vórtice a discurso correto e limpo

Quando o cristianismo não acontece mais como acontecimento de uma presença que invade a vida e a faz fervilhar, então se termina por teorizar

[51] L. Giussani, *Educar é um risco. Como criação de personalidade e de história.* Bauru: Edusc, 2004, p. 98.
[52] *Idem*, p. 96.
[53] J.M. Bergoglio - Francisco, *Aprite la mente al vostro cuore*. Milão: Rizzoli, 2013, pp. 154-155.

o acontecimento ocorrido: "Transmite-se um discurso correto e limpo, algumas regras sobre a forma de ser cristãos e homens. Mas sem amor, sem o reconhecimento do Mistério vivificante, o indivíduo se apaga e morre. A nossa esperança, a salvação de Cristo não pode ser uma coisa que lemos e sabemos repetir bem. Um discurso mais ou menos edificante ou moralista, é a isso que muitas vezes fica reduzido o anúncio. Era preciso fervilhar... [...] Não se comunicou ainda a exaltação do indivíduo, a vitória do Mistério, a glória de Cristo diante do que acontece. Mas isso verifica-se se há esta experiência"[54].

Cristo não é, nem pode ser, algo sobre o qual lemos ou um discurso que sabemos repetir bem. Já em 1962 Dom Giussani advertia os membros de GS (então no auge da propagação de Gioventù studentesca em Milão) sobre esta redução: "A experiência original que nos fez entrar ficou como que fossilizada, cristalizada. [...] Na origem alguma coisa agiu por vocês, em vocês, sobre vocês; é uma reação de simplicidade a este dom que trouxe vocês para junto de nós". Mas depois sobreveio um formalismo, ou seja, "a estagnação da novidade"[55]. Dominaram o formalismo e a estagnação.

d) O acontecimento se torna um fenômeno do passado

O cristianismo é tão acontecimento que, quando se torna fenômeno do passado, não podemos fazer que aconteça com algum outro método, nos diz Dom Giussani, a não ser aquele do próprio acontecimento. O cristianismo é tão acontecimento que precisa acontecer de novo. Se nos desligarmos disso, produz-se uma descontinuidade (de tal modo que se torna uma devota recordação do que aconteceu no passado); quando tentamos fazê-lo acontecer de novo com nossas iniciativas, não conseguimos. "Formulemos a hipótese de que se reúnam hoje algumas pessoas que já viveram a experiência de que acabamos de falar e, tendo a lembrança impressionante de um acontecimento pelo qual foram tocadas – que lhes fez bem, que até qualificou sua vida –, queiram retomá-lo, preenchendo uma 'descontinuidade' que se foi criando ao longo dos anos. O motivo pelo qual essas pessoas ainda se sentem amigas é uma experiência do passado, um fato que aconteceu, mas que, no presente – como dizíamos –, se transformou numa 'devota lembrança'. Ora, como é que elas podem restabelecer uma continuidade com o acontecimento inicial pelo qual foram tomadas? Se, por exemplo, elas dissessem: 'Vamos nos juntar para formar um grupo de ca-

[54] L. Giussani, *Um caffè in compagnia*. Milão: Rizzoli, 2004, pp. 173-175.
[55] *"Scuola incaricati 1962"*, Arquivo de CL.

tequese', ou "para uma nova iniciativa política', ou, ainda, 'para desenvolver uma atividade caritativa', 'para criar uma obra", etc., nenhuma dessas respostas seria adequada para vencer a descontinuidade. É necessário 'algo que vem antes', algo do qual todas essas coisas são apenas instrumento de desenvolvimento. Em outras palavras, é preciso reacontecer aquilo que lhes aconteceu no início; não 'como' aconteceu no início, mas 'o que' aconteceu no início: o impacto com uma diversidade humana, em que o mesmo acontecimento que as moveu na origem se renova. É em torno disso que essas pessoas se unem e, seguindo alguém, se lembram do que aconteceu no início. E todos os principais fatores da experiência que viveram no passado vêm à tona outra vez, mais maduros e mais claros"[56].

Qualquer tentativa nossa não pode preencher essa descontinuidade, não consegue fazer da devota recordação um acontecimento presente. Acontece assim aquilo que disse Papa Francisco na Quinta-feira Santa: "Daqui deriva precisamente a insatisfação de alguns, que acabam por viver tristes [...], transformados numa espécie de colecionadores de antiguidades"[57].

Começamos a ver que, da prevalência de uma Presença que dominava cada gesto, e por isso toda ação era expressão da Sua imponência, terminamos por perdê-la no caminho. Por que acontece isso? Porque muitas vezes – diz Dom Giussani – "o nosso empenho de vida em problemas sociais, culturais e políticos" é vivido "de modo dissociado de uma experiência cristã viva, autêntica. Quando o empenho nos problemas sociais, culturais e políticos deveria ser a expressão dessa experiência apaixonada de vida. É muito fácil que esse empenho gere um clima que desvia a atenção dessa experiência e se afirme em contraste com ela, quase que a marginalizando, quase que a sufocando. Ou quem considera viver uma experiência de vida cristã autêntica afirma essa vontade [...] em contradição com o empenho nesses problemas. Um caso e outro são a face dupla de um mesmo erro grave"[58]. Ativismo ou intimismo: o que domina não é mais o Acontecimento que se impõe e muda a percepção de nós mesmos, gerando um olhar novo e uma paixão nova por tudo.

Vejamos como Giussani incansavelmente desmascarou a tentação de reduzir a natureza do cristianismo: "A análise do mal-estar da situação em que nos encontramos [historicamente era em 1976, mas

[56] L. Giussani, "Algo que vem antes", op. cit., pp.3-4.
[57] Francisco, *Homilia na Santa Missa do Crisma*, 28 de março de 2013.
[58] *Rumo a uma vida de fé mais madura*, Comunhão e Libertação (org.), *pro manuscripto*, Milão 1976, p. 6.

é também em 2013, o nosso 'hoje'] que quero realizar é puramente metodológica e não recriminatória, é um aspecto do juízo que nos faz recomeçar"[59]. Estamos sempre expostos a esta redução, por isso Dom Giussani continuamente julgou, corrigiu, chamou a atenção; implacavelmente, sem trégua.

Tudo o que descrevemos nos faz entender as dimensões da nossa necessidade. Somos realmente necessitados! Que libertação reconhecê-lo e poder olhá-lo juntos! Então, a partir desse reconhecimento só pode brotar uma súplica, como aquela que brota dos lábios da Igreja: "Olha, Deus onipotente, para a humanidade debilitada por sua fraqueza mortal, e faz com que retome a vida pela paixão do teu único Filho"[60].

Como Cristo respondeu à fraqueza dos apóstolos, à sua debilitada humanidade que os leva à busca de apoios substitutivos? Como Jesus respondeu? Não com uma estratégia ou com um apelo moralista. Não teria sido suficiente para eles, como não é suficiente para nós. O alcance da necessidade é tal que só a morte e a ressurreição d'Ele podiam sanar pela raiz o nosso mal. Só podemos retomar a vida pela paixão do seu Filho, diz a liturgia. Mas geralmente para nós, não estando conscientes do nosso drama, dizer isso é quase reduzido a "devoção". Como se vê isso? Pelo modo como enfrentamos essa necessidade, pela presunção que temos de poder resolvê-lo com alguma estratégia. Ao invés, aquilo de que temos necessidade, para dizer com são Bernardo, é "que retorne e me restitua a alegria que a Sua salvação sabe trazer, que me restitua Ele próprio"[61].

3. A permanência do cristianismo como acontecimento no presente: Ele está aqui

Jesus retornou, está vivo. Se há um momento em que de novo prevalece a Sua presença viva é a Ressurreição. Que impressionante ver os discípulos maravilhados com a imposição da Sua presença viva, inexorável! Mas também vemos Jesus lutar com a incapacidade deles de ver: "Os discípulos não sabiam que era Jesus"[62]. Tentando continuamente fazê-los sair da própria medida, através de um certo modo de dizer: "Maria", ou através

[59] *Idem*, p. 7.
[60] Oração das Laudes de Segunda-feira na Liturgia das Horas segundo o Rito Romano.
[61] Cfr. São Bernardo de Chiaravalle, *Sermões sobre o Cântico dos Cânticos*, LXXIV, II, 7.
[62] *Jo* 21,4.

de um milagre: "Lançai a rede à direita do barco e achareis"[63], Jesus quer fazer emergir a fé, a certeza dos seus discípulos: "É o Senhor!"[64]. Pode-se recomeçar sempre porque Ele está vivo. O Vivente. Para fazê-los retomar a vida não se contenta em permanecer como uma presença inativa. É uma presença que toma a iniciativa para responder à necessidade deles. Para responder à desorientação da Sua morte, explica-lhes a Escritura: "Disse: 'Insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram. Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?'. E, começando por Moisés e por todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a Ele dizia respeito"[65]. Para responder à traição de Pedro, pergunta: "Pedro, tu me amas?"[66]. E depois: "Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, serão perdoados, aqueles aos quais retiverdes, serão retidos"[67]. Ou então faz-Se reconhecer por eles na fração do pão, na Eucaristia.

Este será sempre o ponto de partida. Só a Sua iniciativa pode nos fazer recomeçar. Bento XVI recordou-nos isso na abertura do Sínodo, em outubro passado: "Nós não podemos fazer a Igreja, podemos unicamente dar a conhecer quanto Ele fez. A Igreja não começa com o nosso 'fazer', mas com o 'fazer' e o 'falar' de Deus. Assim os Apóstolos não disseram, depois de algumas assembleias: agora queremos criar uma Igreja, e com a forma de uma constituinte elaboraram uma constituição. Não, rezaram e em oração esperaram, porque sabiam que só o próprio Deus pode criar a sua Igreja, que Deus é o primeiro agente: se Deus não age, as nossas coisas são apenas nossas e são insuficientes; só Deus pode testemunhar que é Ele quem fala e quem falou. Pentecostes é a condição do nascimento da Igreja: só porque Deus agiu primeiro, os Apóstolos podem agir com Ele e com a sua presença e tornar presente quanto Ele faz. Deus falou e este 'falou' é o perfeito da fé, mas é sempre também um presente: o perfeito de Deus não é só um passado, porque é um passado verdadeiro que tem sempre em si o presente e o futuro. Deus falou significa: 'fala'. E como naquele tempo só com a iniciativa de Deus podia nascer a Igreja, o Evangelho podia ser conhecido, o fato de que Deus falou e fala, assim também hoje só Deus pode começar, nós podemos unicamente cooperar, mas o início deve vir de Deus. Por isso não é uma simples formalidade se começarmos todos os dias a nossa Assembleia com a oração: isto responde à própria realidade. Só o

[63] *Jo* 21,6.
[64] *Jo* 21,7.
[65] *Lc* 24,25-27.
[66] *Jo* 21,15-16.
[67] *Jo* 20,22-23.

preceder de Deus torna possível o nosso caminhar, o nosso cooperar, que é sempre um cooperar, não uma nossa decisão. Por isso é sempre importante saber que a primeira palavra, a iniciativa verdadeira, a atividade verdadeira vem de Deus e só inserindo-nos nesta iniciativa divina, só implorando esta iniciativa divina, nos podemos tornar também – com Ele e n'Ele – evangelizadores. Deus é sempre o início"[68].

Só quem aceita inserir-se neste início contínuo pode ver como a vida renasce, como a nossa existência readquire vigor.

De que modo o cristianismo permanece na história como acontecimento presente? Através daqueles que Ele agarra, através daqueles nos quais a consciência da Sua presença se tornou predominante.

Estejamos atentos para não reduzir a densidade e a riqueza da companhia dos crentes às nossas tentativas, pois logo resultaria insuficiente para responder à dimensão da nossa necessidade: "O acontecimento de Cristo permanece na história mediante a companhia formada por aqueles que creem, que é um sinal, como uma tenda na qual se encontra o *sancta sanctorum*, o Mistério que se fez homem. Esse Mistério permanece na vida de cada homem e do mundo, de modo pessoal, real, mediante a unidade dos cristãos, expressa de maneira sensível. A companhia formada por aqueles que creem é, para os homens, sinal eficaz da salvação de Cristo, sacramento da salvação do mundo.Cristo Ressuscitado, dessa forma, cinge-se estreitamente a nós: essa companhia é Cristo presente. Essa companhia é Cristo na sua realidade humana, é o corpo de Cristo que se torna presente, a ponto de O tocarmos, de O vermos, de O ouvirmos. O valor dessa companhia é mais profundo que aquilo que vemos, pois aquilo que vemos é o aspecto emergente do Mistério de Cristo que se revela"[69].

Se para responder à nossa humanidade debilitada Ele teve que morrer e ressuscitar, a questão é: como podemos participar, hoje, da Sua vitória? E como Cristo toma a iniciativa hoje para nos fazer participar da Sua vitória? "Cristo dá-se a conhecer, torna-se acessível e oferece-nos o Seu Espírito na Igreja por intermédio da Sagrada Escritura, dos Sacramentos e da sucessão apostólica, mas, sobretudo, toca-nos e nos invade com Seu Espírito mediante a vida inteira da Igreja. A Igreja é o universo alcançado, recriado e possuído por Cristo por meio de Seu Espírito. Em outras palavras, a Igreja é a humanidade enquanto tornada verdadeira, unificada pela presença de Cristo em virtude da energia re-criadora que é o mistério do

[68] Bento XVI, *Meditação por ocasião da primeira Congregação Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, 8 de outubro de 2012.
[69] L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., p. 43.

Espírito no Pentecostes. Cristo estaria irremediavelmente distante e seria, assim, vítima da nossa interpretação se não estivesse presente na Igreja viva. Se não se oferecesse a nós no mistério de Seu Corpo, que é a Igreja, Cristo, em última análise, seria reduzido subjetivamente, enquanto conteúdo e enquanto método. A Igreja, portanto, é o método com que Cristo se comunica no tempo e no espaço, de forma análoga ao fato de Cristo ser o método com que Deus escolheu comunicar-se aos homens para nossa salvação. Mediante a humanidade da Igreja, o divino chega até nós tanto como 'comunicação da verdade' (Escritura, Tradição, Magistério) – e, por conseguinte, como ajuda para que o homem alcance uma clareza e uma segurança objetivas na percepção dos significados últimos de sua existência – quanto como 'comunicação da própria realidade divina' – Graça –, por meio dos Sacramentos"[70].

A nossa primeira atividade, então, é a passividade de se deixar envolver nesta iniciativa de Cristo presente na Igreja.

A iniciativa de Cristo começou no Batismo: "O encontro de Cristo com a nossa vida, em razão do qual Ele começou a tornar-se um evento real para nós, o impacto de Cristo com a nossa vida, a partir do qual Ele se moveu em nossa direção e estabeleceu, como *vir pugnator*, uma luta pela 'invasão' da nossa existência, chama-se Batismo"[71]. Ele nos renova, faz com que nos tornemos diferentes nos inserindo na Sua morte e ressurreição: "Portanto, pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos vida nova. Porque se nos tornamos uma coisa só com ele por uma morte semelhante à sua, seremos uma coisa só com ele também por uma ressurreição semelhante à sua"[72].

Este início deve ser constantemente alimentado, nutrido, a fim de podermos caminhar nesta vida nova: "A comunhão da carne de Cristo Ressuscitado, 'vivificada pelo Espírito Santo e vivificante', conserva, aumenta e renova a vida da graça recebida no Batismo. Este crescimento da vida cristã precisa ser alimentado pela Comunhão eucarística, pão da nossa peregrinação"[73]. Se não quisermos que diminua o nosso relacionamento com Cristo que nos conquistou, precisamos ir receber constantemente os sacramentos como mendigos: "*A Comunhão aumenta a nossa união com Cristo.* Receber a Eucaristia na comunhão traz consigo, como fruto principal, a união íntima com

[70] *Idem*, pp. 58-59.
[71] *Idem*, pp. 64-65.
[72] *Rm* 6,4-5.
[73] *Catecismo da Igreja Católica*, 1392.

Cristo Jesus. De fato, o Senhor diz: 'Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em Mim e Eu nele' *(Jo* 6,56). A vida em Cristo tem o seu fundamento no banquete eucarístico: 'Assim como o Pai, que vive, Me enviou, e Eu vivo pelo Pai, também o que Me come viverá por Mim' *(Jo* 6,57)"[74]. É assim que Ele nos procura, como nos recorda São João Crisóstomo: "Por ti fui coberto de cuspes e bofetadas, despojei-me da minha glória, deixei o meu Pai e vim a ti, tu que me odiavas, que fugias de mim e não querias sequer ouvir o meu nome; segui-te, corri atrás dos teus passos, para tomar posse de ti; eu te uni, liguei a mim, apertei-te contra mim, abracei-te. 'Come-me', disse eu, 'bebe-me'. E eu te tenho comigo no céu e me ligo a ti nesta terra. Não me basta possuir no céu as tuas primícias, isso não sacia o meu amor. Desci novamente à terra, não só para me misturar entre os da tua gente, mas para abraçar precisamente a ti"[75].

Esta é a única fonte contínua de uma real comunhão entre nós. Somente a comunhão eucarística pode nos transformar até gerar um só corpo, investindo da Sua presença todas as nossas relações.

A nossa comunhão com Cristo e com os irmãos precisa ser reconstruída continuamente pela misericórdia, ou seja, pela presença de Cristo que se dirige a nós, como a Pedro após a traição. É só esta iniciativa cheia de misericórdia por nós que nos reconstrói a nós na nossa relação com Cristo, com os irmãos e com nós próprios. Sem misericórdia não há caminho, não há comunhão. Por isso, "Cristo instituiu o sacramento da Penitência para todos os membros pecadores da sua Igreja, em primeiro lugar para aqueles que, depois do Batismo, caíram em pecado grave, perdendo assim a graça batismal e infligindo uma ferida à comunhão eclesial"[76].

"*A conversão* a Cristo, o novo nascimento do Batismo, o dom do Espírito Santo, o corpo e sangue de Cristo recebidos em alimento, nos tornaram 'santos e imaculados na sua presença' (*Ef* 1, 4), tal como a própria Igreja, esposa de Cristo, é 'santa e imaculada na sua presença' (*Ef* 5,27). No entanto, a vida nova recebida na iniciação cristã não suprimiu a fragilidade e a fraqueza da natureza humana, nem a inclinação para o pecado, a que a tradição chama *concupiscência,* a qual persiste nos batizados, a fim de que prestem as suas provas no combate da vida cristã, ajudados pela graça de Cristo. Este combate é o da *conversão,* em vista da santidade e da vida eterna, a que o Senhor não se cansa de nos chamar"[77].

---

[74] *Catecismo da Igreja Católica*, 1391.
[75] Cf. João Crisóstomo, *Comentário à primeira Carta a Timóteo*, Homilia XV.
[76] *Catecismo da Igreja Católica*, 1446.
[77] *Catecismo da Igreja Católica*, 1426.

Só se nós aceitarmos participar, acolher esses gestos de Cristo – através dos quais Ele nos atrai dentro de si e nos faz ser um só corpo, nos renova com o sacramento da penitência, nos alimenta com o Seu Corpo e o Seu Sangue –, é que podemos recomeçar: "Cristo – disse o Papa Francisco na Segunda-feira do Anjo – venceu o mal de modo pleno e definitivo, mas compete a nós, aos homens de todos os tempos, acolher esta vitória na nossa vida e nas realidades concretas da história e da sociedade. Por isso, parece-me importante sublinhar aquilo que hoje pedimos a Deus na liturgia: 'Ó Pai, que fazeis crescer a vossa Igreja concedendo-lhe sempre novos filhos, permiti que os vossos fiéis manifestem na própria vida o sacramento que eles receberam na fé' [...]. É verdade, o Batismo que nos faz filhos de Deus, a Eucaristia que nos une a Cristo, devem tornar-se vida, ou seja, traduzir-se em atitudes, comportamentos, gestos e escolhas. A graça contida nos Sacramentos pascais é uma potencialidade de renovação enorme para a existência pessoal, para a vida das famílias, para as relações sociais. Mas tudo passa através do coração humano: se eu me deixar alcançar pela graça de Cristo ressuscitado, se lhe permitir que transforme aquele meu aspecto que não é bom, que me pode fazer mal, a mim e ao próximo, permitirei que a vitória de Cristo se consolide na minha vida, ampliando a sua ação benéfica. Este é o poder da graça! Sem a graça nada podemos! Sem a graça nada podemos! E com a graça do Batismo e da Comunhão eucarística posso tornar-me instrumento da misericórdia de Deus, da bonita misericórdia de Deus. Expressar na vida o sacramento que recebemos: eis, queridos irmãos e irmãs, em que consiste o nosso compromisso quotidiano, mas diria também a nossa alegria diária! O júbilo de nos sentirmos instrumentos da graça de Cristo, como ramos da videira que é Ele mesmo, animados pela linfa do seu Espírito!"[78].

A Sua capacidade de transformar a vida e de nos fazer participar desta graça exprime-se, junto com os sacramentos, através dos carismas: "O Espírito Santo não só santifica e conduz o Povo de Deus por meio dos sacramentos e ministérios e o adorna com virtudes, mas 'distribuindo a cada um os seus dons como lhe apraz' (1 *Cor* 12,11), distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as classes, as quais os tornam aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja"[79].

João Paulo II, na Praça de São Pedro no dia 30 de maio de 1998, nos disse: "Os verdadeiros carismas não podem senão tender para o en-

[78] Francisco, *Regina Coeli*, Segunda-feira do Anjo, 1° de abril de 2013.
[79] *Lumen gentium*, 12. Constituição dogmática, 21 de novembro de 1964.

contro com Cristo nos Sacramentos. As verdades eclesiais a que aderis ajudaram-vos a redescobrir a vocação batismal, a valorizar os dons do Espírito recebidos na Confirmação, a confiar-vos à misericórdia de Deus no Sacramento da Reconciliação e a reconhecer na Eucaristia a fonte e o ápice da inteira vida cristã"[80].

É esta a contribuição histórica que Dom Giussani deu para nós e para toda a Igreja: "O carisma representa justamente a modalidade de tempo, de espaço, de caráter, de temperamento, a modalidade psicológica, afetiva, intelectual com que o Senhor se torna acontecimento para mim e, do mesmo modo, para outros"[81]. Portanto, o carisma é fator de pertença a Cristo e à Sua verdade: "A questão do carisma é decisiva, pois é o fator que facilita existencialmente que pertençamos a Cristo, ou seja, é a evidência do Acontecimento presente hoje, no preciso momento em que nos move. Nesse sentido, o carisma introduz à totalidade do dogma. Se o carisma é a forma como o Espírito de Cristo nos faz perceber sua Presença excepcional e nos dá a capacidade de aderir a essa Presença com simplicidade e amor, é vivendo o carisma que se esclarece o conteúdo objetivo do dogma"[82].

Não devemos esquecer, porém, que é somente da graça sacramental que pode nascer constantemente o carisma, a sua vitalidade hoje. É a graça sacramental que faz surgir e mantém vivo o corpo eclesial, como João Paulo II nos disse num discurso para nós memorável: "O surgimento do corpo eclesial como instituição, a sua força persuasiva e a sua energia de agregação possuem a sua raiz no dinamismo da Graça sacramental. Esta encontra, porém, a sua forma expressiva, a sua modalidade operativa, a sua concreta incidência histórica mediante os diversos carismas que caracterizam um temperamento e uma história pessoal. [...] Quando um movimento é reconhecido pela Igreja, este se torna um instrumento privilegiado para uma pessoal e sempre nova adesão ao mistério de Cristo. Não permitais jamais que na vossa participação se aloje o caruncho do costume, da "rotina", da velhice! Renovai continuamente a descoberta do carisma que vos fascinou e ele vos levará de forma mais potente a vos tornardes servidores daquela única potestade que é Cristo Senhor!"[83].

---

[80] João Paulo II, *Discurso aos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades,* 30 de maio de 1998.
[81] L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., p. 108.
[82] *Idem*, pp. 109-110.
[83] João Paulo II, *Discurso aos sacerdotes participantes da experiência de "Comunhão e Libertação"*, 2-3, 12 de setembro de 1985.

Somente se nos deixamos alcançar pela potência de Cristo ressuscitado, que vem continuamente ao nosso encontro através dos sacramentos e do carisma, é que poderemos ver que o quotidiano que "quebra as pernas" se torna possível de ser vivido. "O milagre é a realidade humana vivida quotidianamente, sem ênfases excepcionais, sem necessidade de exceções, sem sortes especiais, é a realidade do comer, do beber, do vigiar e do dormir investida pela consciência de uma Presença que tem os seus terminais em mãos que se tocam, em rostos que se vêm, em um perdão que se dá, em dinheiro que se distribui, em uma dificuldade para viver, em um trabalho para aceitar"[84].

"A presença de Cristo, na normalidade do viver, implica cada vez mais o pulsar do coração: a comoção da Sua presença torna-se comoção na vida quotidiana e ilumina, enternece, embeleza, adoça cada vez mais o teor da vida quotidiana. Não há nada de inútil, não há nada de alheio, porque não há nada alheio ao teu destino e, portanto, não há nada a que não possamos nos afeiçoar [...], com as suas consequências magníficas de respeito da coisa que você faz, de precisão no que você faz, de lealdade com a sua obra concreta, de obstinação em perseguir o seu objetivo; você se torna mais incansável [...]. O cansaço, mesmo sem descanso, é, por assim dizer, reabsorvido também como cansaço, torna-se um cansaço puramente fisiológico"[85].

É a verificação no quotidiano da presença vitoriosa de Cristo que nos permitirá apegar-nos cada vez mais a Ele, até poder dizer com Ada Negri: "Tudo / para mim tu foste e és"[86]. Dentre tantas pessoas, alguém talvez poderia dizer: "Tudo para mim tu foste"; mas dizer não apenas "foste", no passado, no encontro inicial, mas: "és" agora, no presente, isso é outra coisa!

Só nos envolvendo na vitória d'Ele é que podemos dizer de verdade: "Cristo, tudo para mim Tu foste e és".

---

[84] L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo (1990-1991)*. Milão: Bur, 2013, p. 269.
[85] *Idem*, pp. 103-104.
[86] A. Negri, "Ato de amor", *Minha juventude*, Milão: Bur, 2010, p. 70.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 9,31-42; Sal 115 (116); Jo 6,60-69

HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA O CARDEAL JEAN-LOUIS TAURAN
PRESIDENTE DO CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTERRELIGIOSO

Como sempre Jesus deixa os homens livres para escolher. Os Doze, também eles, devem renovar a sua adesão a Cristo: "Também quereis ir embora?". Simão Pedro responde em nome deles: "Para onde iremos? Só Tu tens palavras de vida eterna. Nós cremos e sabemos que Tu és o santo de Deus". Diante das palavras e dos gestos de Jesus, a pessoa é obrigada a responder "sim" ou "não". O grande drama do homem não é a doença nem a morte: é a sua liberdade. O homem pode dizer "não" a Deus, e Deus respeita a sua liberdade. O famoso poeta Hölderlin, contemporâneo de Goethe, escreveu: "Deus criou o homem como o mar faz os continentes: retirando-se".

Não se pode evitar Jesus Cristo. Jesus incomoda, porque é sinal de contradição: "Essa palavra é dura! Quem pode escutá-la?" (*Jo* 6,60). Nós estamos aqui porque somos discípulos de Jesus e porque somos portadores de uma mensagem para o mundo, para a Itália de hoje. Uma mensagem que é uma contestação radical da "etiqueta política e cultural". Pensem: dizemos aos nossos amigos: "Vocês são – somos – chamados à vida eterna". Além de tudo, temos de recordar à humanidade de hoje e de amanhã um acontecimento único na história: Jesus ressuscitou! Nenhuma revolução ou progresso científico nunca poderá oferecer aos homens "algo tão importante" como a ressurreição de Jesus. É o Evangelho da vitória inaudita sobre o sofrimento, sobre o pecado e sobre a morte que Cristo obteve para si e para nós. É um acontecimento indescritível, que atinge e implica a todos nós!

Então veem como crer não é simplesmente acreditar que Deus existe. Não, é crer que Deus intervém na existência humana. O objeto da nossa fé – ouvi esta manhã o padre Carrón sublinhar isto – é um acontecimento, ou uma série de acontecimentos: acreditar que Deus falou a Abraão, libertou o povo do Egito, encarnou no seio da Virgem Maria, ressuscitou dos mortos. Para nós é acreditar também que Deus está presente no meio de nós na Eucaristia: eis o "supremo paradoxo". Na realidade os homens estão mais ou menos dispostos a reconhecer uma divindade que "está acima deles, que não incomoda". Mas acreditar que Deus intervém na trama da existência humana, que existem obras divinas que se realizam hoje: isto é um "escândalo" que a maior parte dos nossos contemporâneos rejeita. Rejeitam o sobrenatural.

Esta assembleia numerosa, atenta, comprometida, aquece o coração porque é um acontecimento divino. Aqui, esta manhã, *hic et nunc*, Deus está no meio de nós nesta Eucaristia. Para nós o Cristianismo não é "uma determinada visão do mundo". Não é um sistema que aceitamos porque nos convém. Estamos aqui porque acreditamos que aconteceu algo, que Cristo ressuscitou, que Ele é a Verdade e isso interessa a nós e a todos os homens.

Vocês sabem que nós cristãos somos "observados". Todos procuram não as coisas boas que possamos realizar, mas, antes, as nossas falhas. E isso nos lembra que a Igreja é uma realidade divina e humana ao mesmo tempo. Não devemos, porém, ter complexos, porque o Espírito guia a Igreja e reserva sempre surpresas. Basta recordar aquilo que aconteceu em Roma no mês passado. Notei que nos discursos do novo Papa há uma palavra por ele usada com frequência: é o verbo "sair". Sair de nós mesmos para nos deixarmos purificar por Deus; sair das nossas igrejas, dos nossos conventos, das nossas salas de reunião para chegar aos homens onde estes vivem, constroem, sofrem, morrem.

A primeira leitura apresentou-nos Pedro em "visita pastoral", digamos. A paz e o entendimento fraterno são sublinhados. Sabemos que a esta paz e este entendimento fraterno se deve acrescentar a escuta da Palavra, a partilha do pão e a comunhão dos bens. São as características da primeira comunidade cristã e nós devemos sempre nos referir a esta comunidade. Mas o comportamento de Pedro curando os doentes nos lembra que nós também devemos responder às perguntas dos nossos contemporâneos. Devem nos ver rezar para poderem se colocar as perguntas fundamentais; precisam de uma palavra que "anime" as suas almas, precisam encontrar comunidades onde sejam acolhidos, escutados e respeitados. Sim, todos precisam sair deste contexto de morte, de desconfiança, de suspeita que, infelizmente, arruína a nossa vida e distingue a cultura de hoje: o absurdo, o isolamento, a não estima por si próprios. Pedro pôde responder às expectativas das pessoas em dificuldade que encontrava porque ele próprio tinha aprendido de Jesus como rezar e que missão cumprir.

Durante este retiro vocês perguntaram-se: "Quem nos separará do amor de Cristo?". Para poder responder: "Ninguém, nada", vocês também devem ter uma vida de intimidade, de amizade com Cristo.

No mundo de hoje, o grande perigo é organizar a nossa vida, a sociedade, segundo a medida do homem. Nós cristãos propomos um Deus Pai próximo de nós, que se faz servidor e alimento: eis o que nos distingue dos discípulos de Maomé ou de Buda. Mas, atenção: não devemos nunca

nos habituar a esta incrível proximidade de Deus. Quem diz de Deus: "Ele", sem nunca dizer: "Tu", está aos poucos se esquecendo dos traços da fisionomia de Deus. E um belo dia Deus não será nada mais que uma ideia e, muito rapidamente, nada mais que uma palavra.

Ainda ontem de manhã, o Papa Francisco recordava que a vida cristã é um falar com Deus cara a cara, como se fala com uma pessoa. "Não com um Deus – dizia – indefinido e difuso à maneira de um *spray* espalhado um pouco por toda a parte".

Irmãos e irmãs, peçamos que nos sejam dadas as energias espirituais de que necessitamos para ser cristãos coerentes, capazes de construir uma sociedade com finalidades dignas do homem. Queira Deus preservar-nos do "baixar a guarda", reduzindo a caridade a uma mera filantropia, transformando o espírito apostólico numa simples propaganda, ou a Igreja num clube.

Demos graças a Deus por este retiro, que nos permite, uma vez mais, constatar como são numerosos os homens e as mulheres que, na vida de todos os dias, estão conscientes da fidelidade de Deus, manifestada em Jesus Cristo e na sua Igreja. Todos juntos nos sentimos mais fortes, para amar e servir este nosso mundo, o mundo que Deus ama e que Cristo salva. Este mundo onde o homem quer adentrar-se nos segredos do átomo, mas que, ao mesmo tempo, continua cego ao sentido da aventura humana. Este mundo rico em projetos e de *exploits* técnicos, mas que, ao mesmo tempo, está angustiado pelo futuro. Este mundo das comunicações cada vez mais rápidas, mas que é também o mundo da solidão. Este mundo onde homens e mulheres são capazes de gestos de solidariedade admiráveis, mas que é também o mundo onde tantos vivem fechados em si mesmos.

No entanto, é este mundo que Deus ama, que nós devemos amar e servir. Devemos manter aberta a porta do nosso coração para acolher, entender, dialogar, encorajar e permitir a outros que cresçam, crescendo nós mesmos, graças às suas perguntas.

Tinha razão o grande Papa Paulo VI quando afirmava, no dia de Páscoa do ano 1969: "O cristianismo não é fácil, mas é feliz". Portanto, ajudemos-nos uns aos outros a estabelecer e a aprofundar uma relação pessoal com Jesus! Jesus que se faz servidor, que esta manhã mais uma vez prepara a mesa onde está é, ao mesmo tempo, Aquele que serve e Aquele que se dá em alimento.

Conservemos uma confiança absoluta neste Deus fiel, e assim o nosso amor à pessoa de Jesus será tão forte que nada poderá nos separar d'Ele.

Assim seja!

ANTES DA BÊNÇÃO

Julián Carrón. Eminência Reverendíssima, em nome de todos desejo em primeiro lugar agradecer a sua participação nos nossos Exercícios. Permita-me que lhe agradeça ainda pela atenção com que acompanha a nossa experiência, atenção que no tempo amadureceu em paternal amizade.

É significativo que, precisamente da sua voz, tenhamos ouvido na noite de 13 de março o primeiro anúncio da eleição do Papa Francisco, o grande dom que o Senhor fez à Sua Igreja.

Agradecemos a Vossa Eminência pelo seu límpido testemunho de serviço inteligente e discreto ao Santo Padre, que nos ajuda no nosso seguimento quotidiano de Cristo.

Obrigado, Eminência!

Cardeal Tauran. Obrigado! Quando fui feito cardeal, distribuí aos meus amigos uma pequena lembrança com esta expressão de São Paulo, retirada da Segunda Carta aos Coríntios: "Somos os vossos servos por causa de Jesus". Este é o programa de todos os sacerdotes.

Obrigado pela confiança!

Sábado, 20 de abril, tarde

Na entrada e na saída:
Franz Schubert, Sonata para harpa e pianoforte, D 821
Mstislav Rostropovich, violoncelo – Benjamin Britten, pianoforte
"Spirto Gentil" n. 18, Decca

■ **SEGUNDA MEDITAÇÃO**
Julián Carrón

"Faça-se em mim segundo a tua palavra"

Disse Bento XVI: "Toda a vida cristã é um responder ao amor de Deus. A primeira resposta é justamente a fé, como acolhida, plena de admiração e gratidão, da inaudita iniciativa divina que nos precede e nos solicita. O *sim* da fé marca o início de uma luminosa história de amizade com o Senhor, que preenche e dá sentido pleno a toda a nossa existência"[87].

É dessa fé que vamos falar agora.

1. A fé é o reconhecimento de uma Presença

"A posição em que nos encontramos diante do acontecimento de Cristo é idêntica à de Zaqueu diante daquele Homem que parou debaixo da árvore na qual tinha subido e lhe disse: 'Desce depressa, vou a tua casa'. É a mesma posição da viúva, cujo único filho tinha morrido, que ouviu de Jesus, de um modo que nos parece tão irracional: 'Mulher, não chores!' – realmente, é absurdo dizer a uma mãe cujo único filho morreu: 'Mulher, não chores!' Aquilo foi para eles e é também para nós a experiência da presença de algo radicalmente diferente das nossas imagens e ao mesmo tempo total e originariamente correspondente às expectativas profundas da nossa pessoa. Experimentar uma correspondência real ao nosso coração é uma coisa absolutamente excepcional: aliás, o 'excepcional' conota justamente a experiência de uma correspondência como essa. Já que o nosso coração é feito para essa correspondência,

[87] Bento XVI, *Crer na caridade suscita a caridade*, 1. Mensagem para Quaresma 2013, 15 de outubro de 2012.

esta deveria ser normal na vida; no entanto, nunca acontece; quando acontece, constitui uma experiência excepcional. Ter a sinceridade de reconhecer, a simplicidade de aceitar e a afeição para se apegar a uma Presença como essa, isso é a fé"[88].

Giussani prossegue: "Para que aconteça a fé no homem e no mundo é preciso que ocorra antes alguma coisa, que é a graça, a pura graça: o acontecimento de Cristo, do encontro com Cristo, no qual se faz a experiência de uma excepcionalidade que não pode acontecer sozinha. A fé é essencialmente reconhecer a diversidade de uma Presença, reconhecer uma Presença excepcional, divina [...]. Quantas vezes a Samaritana terá sentido sede da atitude com a qual Cristo a tratou naquele instante, sem nunca ter se dado conta disso antes; e quando aconteceu, ela logo a reconheceu"[89].

É preciso perceber que a fé cristã tem a sua fonte fora de nós. Não é algo que nós possamos criar. Quantas vezes gostaríamos de nós mesmos criar essa correspondência que desejaríamos possuir. Mas se a origem da fé é algo fora de nós, não tem nada a ver com introspecção, com algo que nós conseguimos adquirir escavando dentro de nós. A fé não é, pois, um sentimento ou uma ética, porque não está em nossas mãos, não está em nossas capacidades gerar a presença que nos corresponde. A fé cristã é tão determinada pelo objeto que sem essa Presença, ela simplesmente não existiria. Como o apaixonar-se: sem a presença amada, simplesmente ele não acontece. É inútil pensar que podemos gerá-lo usando alguma estratégia, fazendo alguma tentativa, algum esforço, algum ímpeto de sentimento, algum raciocínio (podemos colocar o que quisermos): tudo isso é inútil para gerar um instante dessa experiência de se apaixonar. Então, faz parte do estar apaixonado uma presença que desencadeia a paixão, que a faz surgir, que a sustenta.

Por isso: "A fé é parte do acontecimento cristão, porque é parte da graça que o acontecimento representa [...]. A fé pertence ao acontecimento enquanto *reconhecimento amoroso* da presença de algo excepcional, é um dom, é uma graça. Como Cristo se dá a mim num acontecimento presente, assim vivifica em mim a capacidade de agarrá-lo e de reconhecê-lo em sua excepcionalidade"[90].

Mas de que modo a Presença excepcional vivifica a capacidade de afirmá-La? Porque, como vimos esta manhã, se a Presença excepcional

[88] L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., pp. 28-29.
[89] *Idem*, pp. 30-31.
[90] *Idem*, p. 31.

não facilita chegar ali, se não seguirmos o desejo despertado daquela Presença, essa exasperada tensão a dizer o nome d'Ele, nós não a alcançamos e, assim, o nosso coração não encontra aquela satisfação para a qual foi feito. Por isso Giussani escreve: "O mesmo gesto com que Deus se torna presente ao homem no acontecimento cristão exalta também a capacidade cognitiva da consciência, ajusta a agudeza do olhar humano para a realidade excepcional que o provoca. Chama-se *graça da fé*"[91]. É, por analogia, como a presença da pessoa amada: exalta a nossa capacidade cognoscitiva diante dela para poder captá-la em sua verdade mais profunda.

Então, como exalta a capacidade cognoscitiva para poder captar toda a dimensão da Presença? Insiste Dom Giussani: "Para poder conhecer é preciso, de fato, uma posição de abertura, isto é, de amor, porque sem amor não se conhece. No fundo, esse amor é indicado por aquele instinto original pelo qual a natureza – isto é, o Deus que cria – nos lança na universal comparação com curiosidade. Enfim, somente essa abertura viva para o objeto que se torna afeição faz com que ele nos toque por aquilo que é (*affici*, ser-tocado-por). Como o homem caminha com todo o seu ser, assim também vê com todo o seu ser [não se pode separar da unidade do eu, sempre nos ensinou Dom Giussani]: ele vê com os olhos da razão enquanto o coração está aberto a, isto é, enquanto a afeição mantém a abertura dos olhos, do contrário diante do objeto o olho se fecha, "adormece", foge. O olho da razão vê, portanto, enquanto mantido pela afeição, que já expressa o jogo da liberdade"[92].

É preciso olhar atentamente essa descrição feita por Dom Giussani para poder entendê-la em profundidade. Por que é necessária a Presença excepcional? O que ela tem a ver com a abertura dos olhos da razão? A Presença excepcional magnetiza de tal modo a curiosidade e a afeição do homem – nós o vemos nas crianças – que mantém a abertura dos olhos da razão para que ela possa conhecer o objeto sem reduzi-lo. É enquanto apoiada pela afeição que a razão pode chegar a captar todos os fatores implicados na Presença excepcional. Portanto, a Presença excepcional de Cristo escancara o olhar exaltando a capacidade cognoscitiva do homem para que ele possa afirmá-Lo e reconhecê-Lo na Sua excepcionalidade. Nós lembramos disso com uma frase de Santo Agostinho sobre Zaqueu: "Ele foi olhado, então viu"[93]. Continua Dom

[91] L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 90.
[92] L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., p. 30.
[93] Santo Agostinho, *Discurso* 174, 4.4.

Giussani: "A fé representa a realização da razão humana. Ela é a inteligência da realidade em seu horizonte último, o reconhecimento daquilo em que tudo consiste. A inteligência natural [atenção!] não consegue tocar esse horizonte último. É somente por algo que aconteceu, pelo acontecimento de Deus feito homem, pelo seu dom, pela excepcionalidade dessa Presença que temos diante de nós, que a nossa inteligência renovada pode reconhecê-la e tocá-la. A fé capta assim algo para além da razão; sem ela, a razão não se realiza, ao passo que nela a razão se torna escada da esperança"[94].

A fé é uma forma de conhecimento que está além da medida da razão. Por que está além do limite da razão? "Porque capta uma coisa que a razão não consegue captar: 'a presença de Jesus entre nós', 'Cristo aqui e agora'. A razão não consegue perceber isso da mesma forma que percebe que você está aqui. Porém eu não posso deixar de admitir que existe. Por quê? Porque há um fator aqui dentro, um fator que decide por essa companhia, decide por certos resultados dessa companhia, por certas ressonâncias nessa companhia, um fator tão surpreendente que se eu não afirmo essa outra coisa não dou razão da experiência, pois a razão é afirmar a realidade experimentável segundo todos os fatores que a compõem, todos. Pode haver um fator que a compõe do qual se ouve o eco, do qual se percebe o fruto [nós o vimos esta manhã: o fruto de uma humanidade diferente], do qual se vê também a consequência, mas não se consegue vê-lo diretamente. Se eu digo 'Então não existe', erro, porque elimino algo da experiência, não é mais razoável"[95].

Mas nós, muitas vezes, como esse reconhecimento requer um esforço, implica uma tensão exasperada – quantos de vocês pensaram nisso só em ouvi-lo! Imaginem fazê-lo! – ficamos na aparência, paramos na superfície do que deveria ser indicado como sinal, seja negando, eliminando esse fator de que se ouve o eco, seja contentando-nos com aquelas ressonâncias positivas, até que nos irritamos, até que nos damos conta de que não basta para viver, que não é capaz de nos preencher, que não satisfaz a vida. E, então, a fé começa a entrar em crise. É por isso que a pessoa fica admirada com o testemunho constante que sempre nos ofereceu Dom Giussani nos dizia exasperada tensão para captar todos os fatores até o "Tu". Quando Giussani nos dizia essas coisas era simplesmente pelo desejo de complicar a nossa vida? Ou era para não perder aquela Presença da qual via as ressonâncias e que desejava alcançar? Ouçam

[94] L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., p. 32.
[95] L. Giussani, *É possível viver assim?* São Paulo: Cia. Ilimitada, 2008, p. 226.

com que insistência ele fala disso: "A fé é racional enquanto floresce no extremo limite da dinâmica racional como uma flor de graça, à qual o homem adere com a sua liberdade [ao lado da razão, eis o outro fator decisivo do humano: a liberdade**].** E como faz o homem para aderir com a sua liberdade a essa flor incompreensível como origem e como ação? Aderir com a própria liberdade significa, para o homem, reconhecer com simplicidade o que a sua razão percebe como excepcional, com aquela prontidão segura, como acontece pela evidência inatacável e indestrutível de fatores e momentos da realidade, tal como entram no horizonte da própria pessoa"[96]. "Assim a minha liberdade aceita esse acontecimento e aceita reconhecê-lo"[97].

Diz Lewis: "Visto que eu sou eu, se decido viver para Deus e não para mim mesmo preciso cumprir um ato de entrega, por menor ou fácil que possa ser. Esse é, se quisermos, o *ponto fraco* da natureza da criação: o risco que Deus pensou valer a pena correr [conosco]"[98].

"Por isso em nós a fé é tanto o reconhecimento do excepcional presente [que realiza a razão], quanto a adesão simples e sincera que diz "sim" [que realiza a liberdade] e não opõe objeções: reconhecimento e adesão são parte do momento em que o Senhor, através da força do Seu Espírito, se revela em nós, e são parte do momento em que o acontecimento de Cristo entra em nossa vida"[99]. Por isso, diz São Paulo que ninguém pode dizer Jesus é o Senhor (realizar verdadeiramente um ato de fé plena), a não ser pelo Espírito Santo[100], que leva a razão e a liberdade ao seu cume, porque a fé cristã é tão humana que exalta todo o humano, a razão e a liberdade. Sem essa exaltação e sem a nossa decisão de participar dessa exaltação, não existe fé. Não é por nada que Giussani fez esse esforço gigantesco para nos ajudar a entender todos os fatores da fé. É porque sem isso, hoje, em nosso mundo, em nossa cultura, sem que a razão e a liberdade estejam presentes no ato da fé, não existirá a fé: não podemos crer agora, num mundo em que tudo diz o contrário, só por hábito. Por isso, acompanhar Giussani nesse ponto é a única possibilidade de ter a fé hoje. Bento XVI fez uma luta feroz para um alargamento da razão, para nos ajudar a entender que a fé representa o seu cume, para que não se torne a afirmação de Cristo alguma coisa acrescentada à vida e, no fundo, irracional. Cada um precisa decidir se está disposto a seguir Dom Giussani nessa trajetória para poder viver a fé como

[96] L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., pp. 32-33.
[97] *Idem*, p. 31.
[98] C.S. Lewis, *Il problema della sofferenza*. Brescia: Morcelliana, 1957, p. 83.
[99] L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce...*, op. cit., p. 31.
[100] Cf. 1*Cor* 12,3.

homens, como adultos, num mundo como o nosso. A fé não será jamais um acréscimo opcional ao acontecimento. E sem o reconhecimento da fé, a vida é condenada ao vazio. O medo, a solidão, a insatisfação vencem. Por isso, "sente-se atraído por Cristo – diz santo Agostinho – o homem que encontra o seu prazer na verdade, na beatitude, na justiça, na vida eterna, enfim, em tudo isso que é Cristo"[101].

Então, como a fé pode se tornar cada vez mais minha?

2. A personalização da fé

O carisma – quantas vezes Dom Giussani nos recordou isso – é o dom do Espírito para ajudar na personalização da fé, tornando-a mais persuasiva na vida de cada um. Em uma carta justamente para Dom Giussani, João Paulo II afirmava que "a originalidade do carisma de cada movimento não pretende, nem o poderia, acrescentar alguma coisa à riqueza do *depositum fidei*, guardado pela Igreja com apaixonada fidelidade" [...]. Tal originalidade, porém, "constitui um apoio poderoso, um apelo sugestivo e convincente a se viver plenamente, com inteligência e criatividade, a experiência cristã. Está aí o pressuposto para encontrar respostas adequadas aos desafios e às urgências dos tempos e das circunstâncias históricas sempre diferentes"[102].

Nesse sentido, Dom Giussani tem uma preocupação constante: que o Movimento seja capaz de gerar uma personalidade adulta. E por que Dom Giussani tem essa preocupação, que está documentada por toda parte? Porque vê a dificuldade da geração de personalidades adultas na fé. Essa questão da fé não se refere, porém, somente aos outros. Não, essa é a única preocupação de Dom Giussani sobre nós, sempre: "O grave problema é a dificuldade para fazer surgir o adulto [...]. O que falta, em geral, é a personalidade de fé. Há muitos que apresentam uma personalidade na cultura, na profissão, no temperamento, mas não personalidade de fé eclesial (não intimista) e, portanto, há uma ausência de criatividade, porque se falta o sujeito humano, falta também a ação"[103]. Ou seja, ele está preocupado com essa dificuldade de gerar personali-

[101] Santo Agostinho, *L'Eucarestia: corpo della Chiesa*. Roma: Città Nuova Editrice, 2000, p. 43.
[102] João Paulo II, *Mensagem a Mons. Luigi Giussani por ocasião do 20º aniversário do reconhecimento pontifício da Fraternidade de Comunhão e Libertação*, 11 de fevereiro de 2002.
[103] Escola de responsáveis, Collevalenza, 17-19 de setembro de 1976. Arquivo de CL.

dades adultas na fé.

Mas Dom Giussani não se contenta com esta constatação. Identifica com clareza qual é a causa profunda dessa carência: "O motivo dessa situação é dado por uma gravíssima decadência do método. Do método [do Movimento] fica somente uma gaiola de palavras e de fórmulas, falta a genialidade. Como se tivesse se esgotado a genialidade do método"[104].

Em que consiste essa decadência gravíssima de método? "Agora a decadência de método pode ser formulada assim: nós que entramos na arena eclesial e social como afirmadores do cristianismo como experiência, agora privilegiamos [dizia isso em 1976, mas penso que serve perfeitamente para hoje] o intelectualismo sobre a experiência, e com o intelectualismo vem junto um exasperado ativismo. E isso é gravíssimo. Cada um de nós pode dizer: O Movimento não é a minha vida, ou melhor, a minha vida não é Movimento; o Movimento é uma série de condicionamentos para a minha vida, que por isso não é evocada por ele [...]. 'Há um consenso ideológico, em vez de uma experiência de vida'. Há muita ação, fazem-se muitas iniciativas, mas não se busca a verificação na vida quotidiana, enquanto a vida quotidiana, com a humildade que pede, com o sofrimento inevitável, com a responsabilidade concreta e inextinguível, nos tornaria equilibrados, mais concretos e menos evanescentes, mais efetivamente fiéis [Giussani insiste para que a fé possa incidir tão poderosamente no quotidiano que dê uma resposta à grave objeção de Pavese, daquele viver quotidiano que quebra as pernas; sem isso, a fé não nos interessará; imaginem, então, aos outros!]. Ainda mais, se substitui pelo intelectualismo da massa a inteligência da pessoa, porque a inteligência – como diz São Tomás de Aquino – age a partir da experiência [isso é decisivo]. A inteligência nasce a partir da experiência da vida; se faltar esta, não haverá a inteligência da pessoa; então a sua adesão às iniciativas e o seu comportamento frente aos problemas que angustiam a sociedade [...] é uma presença sem inteligência. Primeira consequência: o conformismo. Há uma presença conformista, isto é, uma presença na qual há uma ausência de capacidade crítica. Nasce um modo de julgar que, não estando enraizado numa experiência de vida frente a Deus, é superficial, e volúvel. Por isso [alguém, ao se contentar] ou repete ou segue de modo mecânico e surdo, ou critica reativamente, polarizando-se em torno do próprio parecer, fica bloqueado, lamenta e, com desprezo ou não, retira-se e não participa. É um juízo

[104] *Idem*.

que não é capaz de atravessar a subjetividade do próprio sentimento, para colaborar na criação em unidade. A segunda consequência dessa falta de inteligência é a ausência de criatividade [...]. Sucumbimos ao hábito [...], porque a criatividade depende do sentimento de uma vida nova, diferente, que sentimos em nós [não é fazer cursos em Harvard. É de uma vida que nasce a criatividade diferente]. Por isso, se o Movimento não se torna a vida de cada um de nós, então a comunicação assume um tom de 'banalidade mundana insuportável' [é uma definição que pode descrever certos diálogos que temos entre nós]"[105].

Mas isso tudo não desencoraja Giussani em nada. Por que o Senhor permite essa decadência? "O Senhor permitiu que nós caíssemos para que pudéssemos recomeçar mais verdadeiros, mais conscientes do fato de que só Ele é capaz de levar adiante a nossa vida no caminho certo, só Ele tem a capacidade de dilatar o advento do seu reino [...]. O Senhor permite os nossos erros e pecados como um modo estranho, mas é o mais dramaticamente produtivo, é o mais pedagogicamente eficaz para aprofundar o sentido da nossa relação com Ele. Somos tão tenazes no amor próprio que, sem a experiência do nosso limite, não diríamos com autenticidade: Deus, tu és tudo e eu não sou nada"[106].

Então, podemos resumir a gravíssima decadência de método com estas palavras: "Há uma forte prevalência do intelectualismo sobre a experiência, sobre o acontecimento de vida". E esse erro tem uma consequência imediata: de uma posição intelectual nunca poderá nascer uma vida. "Esse é o ponto fundamental do Movimento: o adulto não cresce porque há a decadência do nosso método, que é o da experiência, participação num acontecimento, e não consenso em torno de um discurso"[107].

Chegados a esse ponto, não é difícil imaginar que se parta para a busca do culpado por essa situação – todos nos conhecemos muito bem, não é? –, procurando descarregar sobre alguém ou sobre a organização do Movimento a culpa por esse estado de coisas. Mas Giussani corta logo, identifica o verdadeiro responsável: o problema é você, sou eu, somos cada um de nós. Vejam o que diz: "Ser do Movimento é participar de uma mudança na concepção de nós mesmos, do nosso relacionamento com os outros: o Movimento é isso, não é apenas uma

[105] *Rumo a uma vida de fé mais madura*, Comunhão e Libertação (Org.), *pro-manuscripto*, Milão, 1976, pag. 8-9.
[106] *Idem*.
[107] Escola de responsáveis, Collevalenza (Pg), 17-19 de setembro de 1976. Arquivo de CL.

arma para julgar os outros, é abdicar de qualquer álibi, de qualquer murmuração, porque o problema é você, e ponto. De fato, o Movimento precisa de gente que se torne adulta, uma extrema necessidade de gente que se torne adulta. Mas quem é o adulto? O adulto é definido por um modo seu de viver os relacionamentos. O que quer dizer isso? O que quer dizer viver os relacionamentos à luz da fé? Quer dizer que o adulto tende a viver os relacionamentos à luz dessa Presença [que tomou conta de nós], porque a fé é isso. Não necessariamente é adulto quem faz os discursos, quem proclama um método, e nem quem é responsável pelas iniciativas ou quem distribui as tarefas, porque não são essas as coisas que o definem. O adulto é quem tende a viver as relações com as pessoas em Cristo"[108], isto é, investido dessa Presença. Por isso, sem a prevalência dessa Presença nos olhos, na vida, como algo real e presente, nós vivemos os relacionamentos com tudo sem que essa Presença incida no nosso modo de nos relacionarmos com o real, nós vivemos os relacionamentos com tudo igual a todos. Só quem tende a viver qualquer relação – consigo próprio, com as pessoas em casa, no trabalho, com os amigos, com as circunstâncias – em Cristo, isto é, com a presença de Cristo nos olhos, no coração, poderá verificar a vitória de Cristo ressuscitado. É uma experiência que cada um de nós precisa fazer. Não podemos substituí-la por comentários ou por opiniões.

Continua Giussani: "Essa fisionomia da vida cristã é plena de vitória, de audácia, porque Cristo é vitorioso. Cristo ressuscitou aqui, em mim, no ambiente de trabalho, por onde quer que eu vá, na minha casa: ressuscitou! Sou vitorioso porque aquele que me possui ressuscitou. Essa é a *vitória* que vence o mundo, isto é, a nossa carne, a nossa insignificância [porque foi investida por sua Presença viva, real]"[109].

E qual é o sinal da fé como experiência? A alegria. Se essa vitória não é uma experiência vivida, não somos alegres. É inútil esconder-se atrás de um rito. Podemos falar, encher as reuniões com nossas palavras, mas se falta a experiência da vitória de Cristo em nós, "Não mudamos nada em volta de nós"[110].

O objetivo desta tensão a viver todos os relacionamentos em Cristo, ou seja, investidos pela Sua Presença, é alcançar aquilo que para Giussani constitui o adulto: a unidade da vida (que é o contrário da fragmentação que muitas vezes nos caracteriza). "O adulto é quem al-

[108] Jornada de Início de Ano de CL, Milão, 10 de setembro de 1977.
[109] *Idem*.
[110] Congresso com os adultos de CL, Varese, 19 de maio de 1979.

cançou a unidade da vida, uma consciência do seu destino, do seu significado, uma energia de adesão. O adulto é qualificado pela afeição e, portanto, pelo gosto pelo seu significado"[111].

Frente a certos mal-entendidos que tinham se verificado a respeito do significado da personalização da fé, Giussani foi obrigado a fazer dois esclarecimentos:

a) A personalização da fé não significa, de fato, uma fixação sobre os próprios problemas pessoais ou uma suspensão do ímpeto missionário, porque não é "suspendendo a presença missionária que encontro solução para resolver os meus problemas", como observava um amigo. Ao contrário, como dizia antes, a personalização da fé tende a viver todas as relações, circunstâncias, desafios, até o problema pessoal, à luz da presença de Cristo, deixando que sejam revestidos pela presença de Cristo. Também, ou melhor antes de tudo, os problemas pessoais precisam ser enfrentados à luz da Presença que nos alcançou.

b) Mas sem que a fé mostre a sua pertinência em nossos problemas pessoais, a nossa missão é pura presunção: "Nestes anos passados, nós verdadeiramente fomos vítimas da presunção do Movimento como panaceia da Igreja e da Itália [da sociedade], mas isso me leva à raiz da observação: se o Movimento não é a experiência da fé como solucionadora, como luz para a minha problemática, não pode ser também proposta aos outros [se não for vivida a experiência da fé como iluminadora da nossa problemática, se não serve para nós, nos tornamos presunçosamente juízes de todos]. A proposta é através da minha humanidade, e por isso é através da minha humanidade uma resposta, ou a minha humanidade provocada [que o Movimento pode se tornar proposta aos outros]. [...] É verdade que nós temos uma tarefa missionária na Igreja e na Itália, e na sociedade de hoje, mas é através, passando através do fenômeno da problemática pessoal, na resposta a ela, na provocação feita a ela [...], que a missão se torna verdadeiramente proposta sustentável [...]. O ímpeto da missão é uma gratidão, do contrário é presunção"[112].

Então, o que quer dizer personalizar a fé? Quer dizer isto: "Tudo aquilo que é dito e dado [a proposta que nos é feita], deve interessar à vida [à vida!]. E a vida é a emoção do coração, a dor de cabeça, o olhar sobre as coisas, a curiosidade por tudo, os encontros, o sorriso e o

[111] Conselho de CL. Milão, 18-19 de junho de 1977.
[112] Centro de CL, Milão, 17 de novembro de 1977.

pranto, o entusiasmo e o abatimento [uma descrição maravilhosa para 'concretizar' que se a fé não é pertinente às exigências da vida, não interessará a nós, será inútil para todos]. Numa sociedade como esta, não se pode revolucionar nada, não se pode criar o novo a não ser com a vida: não há estrutura nem organização ou iniciativas que se mantenham. É somente uma vida diferente e nova que pode revolucionar estruturas, iniciativas, relacionamentos, tudo. E a vida é minha, irredutivelmente minha [inconfundivelmente minha]"[113].

Então, como pode de fato acontecer a personalização da fé? É necessário que Cristo domine sobre tudo. É necessário "que comendo e bebendo, vivendo os relacionamentos com os amigos, indo trabalhar, estudando, na vida afetiva com a sua mulher ou o seu marido, com os seus filhos, com os outros, na vida pública, pelas ruas, Cristo não seja esquecido, que influa sobre o nosso coração, penetre a nossa sede de felicidade para dizer: eu sou o caminho, a verdade, a vida. […] O Movimento é isso. É como se a vida do Movimento deva constituir a experiência de uma razão maior para viver, aliás, da única razão adequada, total, para se viver […]. O Movimento é algo que ajuda nisso, e ponto. Ajuda a ser você mesmo"[114].

Portanto, qual é o caminho a percorrer para que essa personalização da fé aconteça?

3. O método da personalização da fé é o seguimento

"A vida se aprende seguindo quem vive. Não porque seja melhor do que você! Pode ser um milhão de vezes pior do que você! Mas como método, como atitude de vida, como comportamento, é um exemplo. Seguimos um exemplo, não se segue um discurso, porque o discurso está à mercê da própria interpretação, ao passo que seguir um exemplo desafia o nosso modo de fazer"[115].

Dom Giussani constantemente indicou o seguimento como o método para a maturidade. "Há um único meio, meus amigos, para sermos educados a essa presença, para sermos sustentados na fé até se tornar testemunho e não agitadores ou agitados, como numa associação: o

[113] "Movimento, 'regra' de liberdade", in *CL-Litterae communionis*, n. 11. Milão, novembro de 1978, p. 44.
[114] Jornada de Início de ano de CL, Varese, 17 de setembro de 1978.
[115] Encontro dos padres de CL, Idice San Lazzaro (Bo),7 de janeiro de 1980. Arquivo de CL.

modo como podemos aprender a presença é o seguimento"[116]. "*Seguir* quer dizer identificar-se com pessoas que vivem com mais maturidade a fé, *envolver-se com uma experiência viva*, que 'passa' (*tradit*, tradição) o seu dinamismo e o seu gosto para nós. Esse dinamismo e esse gosto passam para nós não através dos nossos raciocínios, não ao termo de uma lógica, mas quase que por osmose: é um coração novo que se comunica com o nosso, é o coração de um outro que começa a mover-se dentro da nossa vida"[117]. Nada a ver com raciocínios ou comentários! O seguimento é uma experiência viva!

Por isso, como dissemos na carta depois do Sínodo, citando Dom Giussani: "Seguir é desejar reviver a *experiência* da pessoa que o provocou e que o provoca com a sua presença na vida da comunidade, é a tensão a se tornar como essa pessoa não na sua realidade concreta cheia de limites, mas no valor ao qual ela se entrega e que, no fundo, redime também o seu rosto de pobre homem; é desejar participar da vida daquela pessoa através da qual foi levado até você algo de Outro, e é a esse Outro que você é devoto, é a Ele que você aspira, a Ele você quer aderir, dentro deste caminho"[118]. Essa frase permanecerá para nós como o termo constante de comparação para verificar se estamos seguindo ou não, isto é, se estamos revivendo uma experiência ou não. E, graças a Deus, Dom Giussani não nos deu, como de costume, só essa completa explicação do seguimento, mas também julgou os conceitos de seguimento difundidos entre nós, identificando os limites, para nos ajudar apaixonadamente a não perdemos tempo.

Então, sem a pretensão de ser completamente exaustivo, vejamos algumas modalidades de redução desse seguimento.

a) A primeira redução do seguimento é a sua identificação com o escutar um discurso ou com o repetir palavras ouvidas (pensando que assim estamos ainda mais seguros do seguimento). "Mas o seguimento não é de jeito nenhum essa coisa aí"[119], diz Giussani. Eu posso ouvir o que alguém disse e repeti-lo sem mover o centro do meu eu, por isso sem que o centro do meu eu seja tocado em sua raiz. E quando uma proposta não é capaz de atingir o coração do eu, então não é capaz de renová-lo, de gerar algo novo. Mas se a quem procura repetir ou aprender um conte-

[116] Jornada de Início de ano de CL, Milão, 10 de setembro de 1977. Arquivo de CL.
[117] L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*. Milão: Bur, 2006, p. 59.
[118] L. Giussani. *Educar é um risco*, op. cit., pp. 99-100.
[119] Diaconia diocesana, Milão, 9 de janeiro de 1980. Arquivo de CL.

údo de palavra perguntássemos que palavra usaria para descrever o que está fazendo, responderia sinceramente: "Seguir, estou seguindo". Não, isso é uma redução do seguimento, isso não é seguir; repetir o discurso não é seguir. Dizia Daniélou: "Toda a ciência de um homem pode ampliar as dimensões da gaiola em que se encontra, mas não pode fazê-lo sair dessa gaiola"[120]. Somente uma experiência pode conseguir isso: "O seguimento é identificar-se e repetir em si, imitar a tradução concreta e prática, as modalidades concretas e práticas com as quais quem guia a comunidade, quem guia o Movimento traduz o discurso que faz!"[121].

b) A segunda redução é identificar o seguimento com iniciativas, reuniões e coisas para fazer. "O Movimento nasceu de uma presença que se impunha e que levava à vida a provocação de uma promessa a ser seguida. Mas depois confiamos a continuidade desse início aos discursos e às iniciativas, às reuniões e coisas a fazer. Não confiamos à nossa vida; de forma que [eis o sintoma de que não se trata de verdadeiro seguimento] o início, muito cedo, deixou de ser verdade oferecida à nossa pessoa e se tornou motivo para uma associação, para uma realidade na qual descarregar a responsabilidade do próprio trabalho e da qual pretender a resolução das coisas. Aquilo que deveria ser o acolhimento de uma provocação, portanto, um seguir cheio de vida, transformou-se em obediência à organização"[122].

c) A terceira redução do seguimento é o personalismo. Eu acho que estou seguindo porque me apego à pessoa. Não, diz Dom Giussani. De fato, "o seguimento é identificar-se, com a inteligência e o coração [...], com uma modalidade de vida que conecte o que se vive com o destino que é Cristo. Por isso, o seguimento é viver um modo de perceber, de reconhecer e se identificar com os valores propostos, com uma experiência proposta, a qual pode ser comunicada através de uma determinada pessoa, mas não se segue a pessoa, não é a pessoa que se segue! Segue-se a experiência que essa pessoa vive, por isso [o seguimento é] livre da pessoa. Enquanto, por exemplo, entre nós, é imensamente fácil encontrar que as pessoas se liguem à nossa pessoa, [está falando de si] e por isso fiquem dependentes da nossa pessoa. E um sintoma muito claro [disso] é que não acontece um seguimento entre elas, quer dizer não acontece a afeição, a comunhão entre

[120] J. Daniélou, *Saggio sul mistero della storia*. Brescia: Morcelliana, 2012, p. 136.
[121] Diaconia diocesana, Milão, 9 de janeiro de 1980. Arquivo de CL.
[122] L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., pp. 98-99.

elas, não se tornam acontecimento, porque [vejam a razão que Giussani dá] todos estão ligados à minha pessoa! Podem ser uns cem ligadíssimos à minha pessoa... Vejam que essa é uma doença terrível"[123]. E alguém poderia dizer: "Mas o que mais podemos querer do que nos ligar à pessoa de Dom Giussani?". Impressiona que Dom Giussani o diz referindo-se ao laço com a sua pessoa! Está afirmando que aqueles que diziam segui-lo na realidade não o estavam seguindo, e isso se entende pelo fato de que, apesar de estarem ligados a ele, não acontecia nada entre eles. Cada um é "dependente" de Giussani, "ligado" a ele, mas nenhuma afeição, nenhum acontecimento entre eles. Por quê? A razão é dita por Dom Giussani: "Porque o que une é que cada um aprenda", isto é, que cada um faça a experiência daquele a quem segue. Só assim pode acontecer a comunhão, não é fazendo acordos. È necessário que cada um aprenda com Dom Giussani, que reviva a sua experiência.

Dom Giussani nos deixou toda uma série de instrumentos – para quem quer verdadeiramente seguir – , para nos ajudar em meio às dificuldades que precisamos enfrentar em nosso caminho.

Se agora retomamos a concepção que ele tem do seguimento que dizíamos antes, entendemos que a questão decisiva é que a todas essas reduções falta o reviver a experiência do outro que nos tocou, a experiência de Giussani. Se alguém não percorre a estrada que lhe permite fazer em primeira pessoa a mesma experiência que faz aquele que a provocou e a provoca com a sua presença, aquilo que o tocou do outro jamais se tornará seu.

Como vejo que eu faço a experiência de seguir? Pelo fato de que não fico só ouvindo ou repetindo um discurso, que não me fixo na organização ou a repetir formalmente os gestos, que não reduzo ao apegar-me personalisticamente a um outro, mas participo da vida daquela pessoa que me trouxe algo de Outro. Porque se eu não chegar, revivendo a experiência da outra pessoa, a esse Outro – que é aquilo que meu coração deseja, de quem é devoto, a quem aspira –, com o tempo não me importará nada daquele seguimento porque não será capaz de prender-me. As pessoas não abandonam a fé porque tenham, por exemplo, um problema com o dogma da Trindade, mas porque, não fazendo essa experiência na sua vida, a fé, a um certo momento perde a sua razoabilidade.

O evangelho documenta continuamente as reduções às quais acenamos. Também os discípulos procuram ligar-se personalisticamen-

[123] Conselho nacional de CL, Idice San Lazzaro(Bo), 1- 2 de março de 1980. Arquivo de CL.

te a Cristo: "Uma vez que o dono da casa houver se levantado e tiver fechado a porta e vós, de fora, começar a bater à porta, dizendo: Senhor, abre-nos, ele vos responderá: Não sei de onde sois. Então começareis a dizer: Nós comíamos e bebíamos em tua presença, e tu ensinaste em nossas praças. Ele, porém, vos responderá: Não sei de onde sois"[124].

Eis um outro episódio: "E vós quem dizeis que eu sou? Simão Pedro, respondeu: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Jesus respondeu-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão [...]. Mas depois Jesus começou a explicar aos seus discípulos que precisava ir a Jerusalém, sofrer muito por parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos escribas, e ser morto e ressuscitar no terceiro dia. E Pedro o chamou à parte e se pôs a censurá-lo: "Deus não o permita, Senhor! Isso jamais te acontecerá! Ele, porém, voltando-se para Pedro, disse: Afasta-te de mim, Satanás! Tu me serves de pedra de tropeço, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens"[125]. Jesus não aceita que se estabeleça com Ele um tipo de ligação personalista: não é suficiente que Pedro acolha à Sua pessoa, é preciso que Ele participe da Sua experiência, porque se Pedro não refaz a experiência de Jesus, não conseguirá entender e obedecer ao desígnio de Deus sobre Jesus.

É o mesmo que acontece depois da multiplicação dos pães: todos aderem, ligam-se a Ele ao ponto de querer fazê-Lo rei. Mas Jesus não cede a esse modo de apego a Ele, porque sabe que não basta ao homem comer o pão, que precisa de uma outra coisa, e os desafia: " Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes seu sangue, não tereis a vida em vós [...] Assim como o Pai, que vive, me enviou e eu vivo pelo Pai, também aquele que de mim se alimenta viverá por mim"[126]. Jesus quer levá-los a fazer a Sua mesma experiência.

E quando Pedro, no Getsêmani, puxou a espada e feriu o servo do Sumo Sacerdote decepando-lhe a orelha, Jesus lhe diz: "Guarda tua espada no seu lugar [...]. Ou pensas tu que eu não poderia apelar para meu pai, a fim de que ele pusesse à minha disposição, agora mesmo, mais de doze legiões de anjos?"[127]. Jesus não aceita reduções.

Com isso, para onde Jesus queria levar os discípulos? Queria introduzi-los no desígnio de um Outro, a fim de que eles também pudessem

[124] *Lc* 13,25-27.
[125] *Mt* 16,15-23.
[126] *Jo* 6,53-57.
[127] *Mt* 26,52-53.

entrar. Sem nos introduzir no Pai, Jesus não nos revelaria a origem última da Sua diversidade e não nos ajudaria a fazer a Sua mesma experiência. Podemos percorrer todo o Evangelho e verificar que a concepção de seguimento que Dom Giussani nos comunica é exatamente a de Cristo: "Jesus não concebia a atração sua sobre os outros como uma referência última a Si [atrair as pessoas para si], mas ao Pai [ao Outro por quem aspiramos, de quem meu coração pode ser devoto e ligar-se]: a si para que Ele pudesse conduzir ao Pai, como conhecimento e como obediência"[128]. Sem um verdadeiro seguimento, a experiência de Jesus não poderia jamais tornar-se minha e a experiência de Giussani não poderia tornar-se minha, sua, nossa. Mas sem que se torne nossa, nós ficamos sozinhos com o nosso nada. Porque se não nos deixamos introduzir no Mistério de Deus, onde está o significado último do viver, onde podemos encontrar o que corresponde à nossa espera, como podemos estar diante da vida e dos seus dramas e dos seus desafios e das suas dores?

Por isso, se nós reduzimos o seguimento evitando reviver a experiência daquele que nos tocou, uma hora ou outra o cristianismo não nos interessará mais. Não é uma questão de estratégia. É a fé que está em jogo aqui, porque sem seguimento não veremos a conveniência humana da fé, não a sentiremos correspondente à espera que carregamos dentro do coração. Ao invés, o sinal de que faço a mesma experiência daquele que me tocou é que eu encontro Aquele a quem aspiro, e por isso, experimento aquela correspondência ao coração que me confirma a verdade da fé. Por isso sou devoto: porque com Jesus, apegado a Jesus, penetro mais no Mistério. Jesus me leva constantemente a entrar no Mistério do Pai. Ele veio para isso: para educar para o Mistério, para nos introduzir no Pai. E justamente porque somos feitos para isso, que não podemos mentir a nós mesmos e ninguém nos pode enganar. Qualquer outra coisa pode nos distrair um pouco, mas, visto que não corresponde, não durará por muito tempo.

Se o seguimento é o método da personalização da fé, então é seguindo que experimento cada vez mais como a fé se torna sempre mais minha, como o relacionamento com Cristo se torna sempre mais meu. São sinais disso a novidade da vida e a mudança que acontece nela. Esses traços começam a definir o meu rosto, a minha identidade, onde quer que eu esteja, em casa ou no trabalho, sozinho ou em companhia, de férias ou comprometido com os problemas que me são apresentados.

---

[128] L. Giussani, *L'uomo e il suo destino*, Marietti, Genova 1999, p. 129.

Por isso nós não podemos confundir a experiência com qualquer outra coisa: a experiência é o lugar da evidência, se nos mantivermos nela não podermos nos confundir. Como diz Lewis: "O que me agrada da experiência é que se trata de uma coisa muito honesta. Vocês podem fazer um monte de curvas erradas, mas mantenham os olhos abertos e não lhes será permitido andar muito longe antes de aparecer a placa correta. Podem enganar-se a si mesmos, mas a experiência não está procurando enganar-lhes. O universo responde a verdade quando o interrogam honestamente"[129]. Essa é a vantagem de alguém que quer viver porque tem na própria experiência os sinais da verdade que lhe alcançou; porque a experiência tem uma evidência tal que mesmo que você queira lutar contra ela, você não pode cancelá-la, permanece. Por isso nenhum personalismo, nenhum já sabido, nenhuma interpretação, nenhuma redução, pode ser confundida com a experiência da correspondência, com a relação com o Outro que você deseja, por quem aspira. E nós o sabemos muito bem. Por isso, cada um precisa se confrontar com isso e decidir, ou não, obedecer à experiência. Porque, no fundo, o que é a obediência? "No máximo, a extrema forma da obediência é seguir a descoberta de si mesmo operada à luz da palavra e do exemplo de um outro"[130], porque foi tocado por um outro. A descoberta de si provocada pela experiência de um outro é um acontecimento absolutamente irredutível. Podemos fazer o que quisermos, podemos enganar o quanto quisermos, mas esse acontecimento é irredutível, não está sob nosso controle.

Por isso Dom Giussani resume o desafio com esta palavra: "seguimento".

4. A presença

Esse seguir, através da mudança que gera em nós, é o que nos torna presença. A fé como experiência real nos faz desabrochar como presença.

"*Ser presença*, essa é a nossa última categoria. Ser presença, qualquer que seja o nosso temperamento e prescindindo dos dotes de que dispomos [...] quer dizer um modo diferente de estar dentro de uma situação – porque não se vive a não ser dentro do relacionamento com a própria namorada, com os amigos, com os pais, com o curso univer-

[129] C.S. Lewis, *Surpreendido pela alegria*. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.
[130] L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit. , p. 126.

sitário que frequentamos, com o livro que precisamos estudar –, em um determinado momento cultural e político da sociedade. Estar presente numa situação [vejam que modo imponente de dizê-lo] quer dizer estar ali de modo a perturbá-la, de forma que se você não estivesse ali, todos o perceberiam. Onde você estiver, os outros ficarão com raiva ou admiração, ou parecerão indiferentes, mas não poderão não reconhecer a sua 'diversidade'. Ser presença quer dizer estar dentro de uma situação tornando Cristo acontecimento da nossa pessoa[...]. O verdadeiro anúncio [aqui está o ponto decisivo!] nós o fazemos através do que Cristo perturbou na nossa vida. Acontece através da perturbação que Cristo realiza em nós: nós *tornamos Cristo presente através da mudança que Ele opera em nós. É o conceito de testemunho.* Nós usamos facilmente a palavra presença, mas a presença é, sobretudo, isto: a perturbação admirável, fascinante, que a amizade que se instaura entre nós por Cristo – esse tipo de amizade capaz de letícia e alegria, da impossível alegria – provoca"[131].

Foi o que nos recordou o Papa Francisco: "Eu me pergunto: onde os primeiros discípulos encontravam a força para esse testemunho deles? [...] A fé deles baseava-se numa experiência forte e pessoal de Cristo morto e ressuscitado que não tinha medo de nada e nem de ninguém [...]: quando uma pessoa conhece verdadeiramente Jesus Cristo e crê n'Ele, experimenta a sua presença na vida e a força da sua Ressurreição, e não pode deixar de comunicar essa experiência"[132].

Nós, portanto, só perturbamos um ambiente através da mudança que Ele opera em nós. É esse deixar-se plasmar por Ele que nos torna testemunhas, como diz Danielou: "O que faz um testemunho é o fato de manifestar uma ação divina justamente lá onde não se encontra uma generosidade excepcional. O heroísmo demonstra o que o homem pode fazer. A santidade demonstra o que Deus pode fazer"[133].

O que almejamos é nos tornar em cada situação aquela "irrupção" descrita por Julien Green: "Pensei hoje no barulho, nas milhares de palavras inúteis, no rumor da rua, rumor infernal, nos telefonemas, etc., tudo aquilo que forma o tecido da jornada e, em meio ao caos, um homem, que com gestos tranquilos e palavras que não mudam nunca, opera o milagre da descida de Deus entre nós. [É a] irrupção da fé [...],

[131] L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*. Roma: Edit Editoriale italiana-Il Sabato, 1993, pp. 345-346.
[132] Francisco, *Regina Coeli*, 14 de abril de 2013.
[133] J. Daniélou, *Saggio sul mistero della storia*, op. cit., p. 128.

a irrupção do infinito em nosso tempo artificial"[134]. Que é o que todos esperam, como nos lembra Dom Giussani: "O que falta não é tanto a repetição verbal ou cultural do anúncio [isto é, uma intelectualização da fé ou um discurso]. O homem de hoje espera, talvez inconscientemente, a experiência do encontro com pessoas para as quais o fato de Cristo é realidade tão presente que a vida deles mudou. É um impacto humano que pode chocar o homem de hoje: um acontecimento que seja eco do acontecimento inicial, quando Jesus levantou os olhos e disse: Zaqueu, desce depressa, pois eu devo ficar em tua casa"[135]. É assim que foram queimados dois mil anos de história e nós podemos fazer agora a mesma experiência de Zaqueu. Nós testemunhamos a todos que Cristo está presente através da mudança que surpreendemos em nós.

"A normalidade se torna inesperadamente densa e propensa segundo a sua verdade, e a sua verdade é relacionamento com o Infinito [...]. A normalidade, instante após instante, é relacionamento com aquela presença [...]. A presença de Cristo, na normalidade do viver, implica cada vez mais o pulsar do coração: a comoção da Sua presença torna-se comoção na vida quotidiana e ilumina, enternece, embeleza, adoça cada vez mais o teor da vida quotidiana. Não há nada de inútil, não há nada de alheio, porque não há nada alheio ao teu destino e, portanto, não há nada a que não possamos nos afeiçoar [...], com as suas consequências magníficas de respeito da coisa que você faz, de precisão no que você faz, de lealdade com a sua obra concreta, de obstinação em perseguir o seu objetivo; você se torna mais incansável]"[136].

Isso é dito bem por Werfel: "Cada gesto seu e cada sorriso eram plenos daquele infinito que não era preciso chamar pelo nome"[137], de tão evidente que era.

Portanto, se essa mudança é o que torna Cristo presente, é preciso purificar a concepção da presença de certas características com que, às vezes, é identificada, como nos recomendava Dom Giussani: "Da equipe de 1976, cujo título era *Da utopia à presença*, foi feito um caminho que nos leva agora a romper e podar a palavra presença: é preciso rompê-la e podá-la [...]. A presença é um assunto que coincide com o seu eu. A presença nasce da pessoa e a constitui [...]. E o que define a pessoa como

[134] J. Green, *L'espatriato. Diario 1984-1990*. Milão: Mursia, 1992, p. 68.
[135] L. Giussani, *L'avvenimento cristiano*. Milão: Bur, 2003, pp. 23-24.
[136] L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo...*, op. cit., pp. 101-104.
[137] F. Werfel, *Barbara*, Milão: Corbaccio, 2000, p.52.

ator e protagonista de uma presença, é a clareza da fé, é a clareza da consciência que se chama fé [...]. A presença consiste na pessoa, nasce e consiste na pessoa, e a pessoa é inteligência da realidade até tocar o horizonte último"[138].

Assim como a personalização não se reduz a um intimismo ou a uma suspensão do ímpeto missionário, do mesmo modo a centralização da presença na pessoa não deve ser lida como oposição entre "público" e "privado", como um redimensionamento da presença, um dobrar-se sobre si mesmo. Ao contrário: é uma profunda centralização segundo a impostação original do Movimento. Ou seja: afirmar que a presença consiste na pessoa não significa separar ou opor a esfera privada, intimista, à esfera pública (não existe esta divisão!). Significa indicar o lugar original de toda mudança, a raiz da qual vem o fruto cuja dilatação reveste toda a história, segundo o desígnio do Mistério e não segundo os nossos programas. Todo o resto é ilusão, engano, faz perder tempo. A pessoa não é o "privado" em oposição ao "público" (são categorias mundanas e redutivas, que não se aplicam a vida de fé). A mudança da pessoa e a existência de uma comunidade cristã autêntica têm uma valência histórica.

"A história não é definida, nos seus tempos, por nós. A nós cabe viver a presença: um crédito total ao Infinito que entrou na nossa vida e que se revela imediatamente como humanidade nova, como amizade, como comunhão. ' Não temas, pequeno rebanho, eu venci o mundo'. Está é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. A nossa fé terá necessidade de sete, oito e nove séculos para que todo o mundo universitário seja novamente investido da presença cristã? Estes não cálculos que podemos decifrar. A universidade nos interessa para a edificação do nosso sujeito, não para dizer: 'vencemos' [...]. Devemos abandonar aquela interpretação ideológica da vida universitária que produz um trabalho angustiado e desgastante, pesado e amargo, pelo qual muitos vão embora; ao passo que ninguém vai embora de uma humanidade nova, exceto em caso de uma rebelião diabólica e feroz"[139].

Mas dizer isso não significa não fazer nada. Quer dizer recomeçar com simplicidade, sem presunção nem pretensões hegemônicas, para propor de novo gestos e lugares nos quais o sujeito possa ser edificado; de modo que quem nos vê tem vontade de vir conosco pelo fascínio de vida que tem diante dos olhos.

---

[138] L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo...*, op. cit., pp. 142-143.
[139] L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza*, op. cit., pp. 68-69.

"*Multiplicar e dilatar a comunidade cristã nos ambientes nos quais vivemos*: essa é, portanto, a nossa contribuição aos nossos irmãos homens, abertos a valorizar qualquer infinitesimal ocasião que a intuição dos outros nos toque, prontos para colaborar com qualquer fato que, à luz da fé, nos pareça justo. O verdadeiro sujeito desta aventura, desta contribuição histórica, é *a pessoa* enquanto pertence à *comunhão*. Assim nasceu o slogan Comunhão e Libertação"[140].

[140] L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, op. cit., p. 345.

Domingo, 21 de abril, manhã

Na entrada e na saída:
Sergej Rachmaninov, Concerto para pianoforte e orquestra n. 2 em dó menor, op. 18
Sviatoslav Richter, pianoforte
Stanislaw Wislocki – Warsaw Philarmonic Orchestra
"Spirto Gentil" n. 8, Deutsche Grammophon

Padre Pino: "Foi olhado e então viu"[141]. O que é o *Angelus* se não o instante da jornada em que tomamos consciência da iniciativa do Mistério feito carne de Cristo para cada um de nós? Fora dessa iniciativa há a confusão das nossas imagens. Percebendo e acolhendo a iniciativa d'Ele, começa o nosso protagonismo no mundo.

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

***Davide Prosperi*:** A assembleia desta manhã tem o objetivo de fixar alguns dos elementos que podem nos ajudar mais na caminhada dos próximos meses, porque ainda teremos a oportunidade de trabalhar juntos sobre o conteúdo destes Exercícios.

Na primeira noite fomos desafiados pela pergunta de Jesus: "Mas o Filho do Homem, quando voltar, encontrará a fé sobre a Terra?", e fomos chamados a fazer pessoalmente essa pergunta, não apenas em sentido escatológico, mas fomos postos nus frente à experiência que fazemos todos os dias, porque o "quando voltar" é agora. E esse desafio de Jesus, que é um abraço, corre o risco de se tornar em nós dúvida e intelectualismo. E um pouco disso nós o vimos como resultado do trabalho feito nos alojamentos, nas perguntas que chegaram. Porém pensamos que possa ser útil repropor, ainda que de modo crítico, algumas dessas perguntas em que vimos que a grande maioria era sobre a segunda palestra, sublinhando um pouco a nossa dificuldade para responder ao acontecimento, mas dando como óbvio o próprio acontecimento.

[141] Santo Agostinho, *Discurso* 174, 4.4

Primeira pergunta. Identificando-nos com Cristo nós conhecemos Zaqueu. Parece mais imediato identificar-nos com Zaqueu. Como é possível nos identificar com Cristo, fazer a mesma experiência d'Ele? Pensar em fazer a experiência de Cristo dá calafrio.

Julián Carrón. Esse é um exemplo daquela prevalência tão difundida entre nós do intelectualismo sobre a experiência, porque teria bastado partir da experiência que cada um de nós fez para responder a essa pergunta de modo simples. Mas nós somos "modernos", porque tão logo ouvimos certas palavras, já damos a elas um significado moderno.

Para nós, o que quer dizer identificar-se? Imaginar como Ele faz. Então, como podemos estar seguros de imaginar corretamente? De não reduzir Cristo à imagem que fazemos d'Ele? É perfeitamente compreensível o temor. Ao passo que se nós – como nos convida Dom Giussani e, nisso, nos corrige continuamente – seguíssemos o que ele diz, que a realidade se torna transparente na experiência (a experiência que fazemos), seria mais simples. De fato, podemos nos identificar com aquilo que outra pessoa vive somente a partir de uma experiência que nós tenhamos feito.

Que experiência fizemos quando entramos no Movimento? Quando vemos algo que nos maravilha, a primeira coisa não é imaginar o que está acontecendo: acusa o contragolpe de algo que está diante dos seus olhos. É isso que nos disse Dom Giussani da reviravolta do método que se deu com o cristianismo. João e André ou Zaqueu, a primeira coisa que sentiram é o choque de uma diversidade. Não precisaram imaginar nada. Simplesmente acusaram o golpe de uma diversidade tão única, tão absolutamente fora do comum, tão excepcional, que foi facílimo permanecer grudados naquela Presença. É o choque com algo que não provém de nós, que nós não podemos criar. Digam-me se isso não é fácil! Mas quando as pessoas nos encontram, quando veem como estamos juntos celebrando um casamento – como me contavam recentemente na Assembleia da Lombardia –, é o mesmo: veem um modo de estar juntos surpreendente. Por isso, no final de tudo, o gerente do local vem agradecer pela festa. Por quê? O que ele viu? Não precisou fazer nenhuma introspecção! Não, ficou impressionado com um modo de estar juntos. E se um gerente fica marcado significa que há algo verdadeiramente diferente, porque ele presencia festas de casamento todos os dias! Ontem eu também lhes contei a reação da pessoa que foi ao funeral de um de nós e ficou profundamente marcada por aquilo que viu. Quantas vezes terá participado de um funeral? Mas para chegar a dizer: "Assim, é até bonito morrer!", deve ter se encontrado diante de algo tão

surpreendente e irredutível que não é um esforço nosso, que não é uma atividade nossa, que não é algo que nós consigamos fazer. Então, para identificar-se é preciso apenas ter feitos experiências como essas.

A fé refere-se sempre a algo que acontece fora de nós, tem uma fonte fora de nós, depende de algo que não foi gerado por nós, alguma coisa com a qual nos deparamos. Então, quando Giussani nos diz: "Vejam o que lhes aconteceu", porque esta é a modalidade com a qual Cristo nos agarrou. Somente partindo da experiência presente, que nós podemos nos identificar com Cristo sem reduzi-Lo. A experiência presente é de fato, a experiência daquele modo de olhar com o qual Cristo nos alcançou e nos alcança. E quando alguém se vê diante de uma pessoa que a olha de um modo diferente, como nunca foi antes olhada, fica tocada por esse olhar. Cada um deve buscar na própria experiência quando isso lhe aconteceu para entender o que quer dizer identificar-se com Cristo, para não reduzir tudo a uma imaginação. O cristianismo é outra coisa!

Então entendo por que, muitas vezes, nós não sentimos a urgência de voltar a ler constantemente Giussani ou a ler o Evangelho: não temos necessidade. Vivemos apenas reduzidos aos nossos pensamentos, às nossas tentativas, às nossas imaginações, que não conseguem nunca nos dar um instante de letícia. Ao contrario, Giussani nos testemunha constantemente que ele não pode viver sem Cristo! Precisamos decidir se queremos segui-lo ao ponto de fazer a mesma experiência dele ou reduzir tudo à nossa medida.

Prosperi. Duas perguntas que leio juntas porque se completam.

Hoje você falou de uma exasperada tensão em dizer o nome d'Ele em todos os aspectos e em todos os instantes da vida. Como isso pode ser vivido no quotidiano como um ato livre e pacificador, e não como uma operação que calcula?

Reconhecer um acontecimento é simples como voltou a acontecer hoje para mim. Como estão juntas essa simplicidade e a caminhada, que requer um empenho total para surpreender o significado verdadeiro, que muitas vezes não me parece simples?

Carrón. Veja, quando contamos uma experiência é facílimo: "Reconhecer um acontecimento é simples, como voltou a acontecer hoje para mim". Quando nos separamos da experiência complicamos as coisas e não sabemos mais do que estamos falando. Isso é a prevalência do intelectualismo, que nos deixa enrolados com as nossas palavras e não

sabemos mais do que estamos falando. Dom Giussani, diz que, se não partimos constantemente da experiência, sucumbimos constantemente à confusão.

Então, olhemos também esta pergunta. Pensemos, na experiência de se apaixonar. Se alguém se apaixona não é que isso queira dizer: "agora me dedico à contemplação do seu rosto e não faço nada". Não! Justamente porque aconteceu isso, essa presença investe de tal modo a vida que a pergunta seria ao contrário: digam-me como vocês podem fazer tudo, viver o quotidiano, sem sentir em vocês a urgência dela ou dele? Digam-me como! A urgência do outro acontece não como um esforço titânico que eu preciso fazer! É algo que surpreendo em mim, e por isso me dou conta do que aconteceu comigo, que a presença tomou conta de mim, que eu não posso viver nenhum momento do dia (quando vou ao metrô, quando me visto de manhã, quando vou almoçar), sem a exasperada tensão para dizer o seu nome. Essa tensão, essa urgência que surpreende a mim mesmo, que urge dentro de mim, é a memória dele ou dela, isto é, essa é a prevalência de uma presença. O que se dá quando, num certo momento, não acontece mais? Não é que agora decidi não pensar nela ou nele, porque tenho outra coisa a fazer. Antes você estava cheio de coisas para fazer, mas não podia evitar que a lembrança retornasse, que prevalecesse aquela presença! Quando isso já não acontece mais, não quer dizer que a pessoa amada tenha desaparecido da face da Terra: ainda está lá, mas o acontecimento, a prevalência dessa presença como determinante da vida não urge dentro de nós. Por isso digo – digo em primeiro lugar a mim mesmo – o problema grave para nós é que Cristo não nos faz falta! E a isso podemos dar todas as interpretações que quisermos, mas o problema é que, muitas vezes, Cristo não nos faz falta. E não tem relação com o fato de termos limites, de cometermos erros: tudo isso existe – tudo o que quisermos, tudo, porque na vida acontece de tudo –, mas o problema é que Cristo não nos faz falta! No entanto, encontramos Alguém que, ao almoçar com os amigos, não podia deixar de sentir a exasperada tensão a dizer o nome d'Ele. Então, "exasperada tensão" ou "empenho" é a mesma coisa: depois de tê-Lo encontrado, sinto a urgência d'Ele, Ele me faz falta! Porque se Ele não me faz falta, nenhum moralismo pode substituir a tensão desta falta.

Então, como a exasperada tensão em dizer o Seu nome pode ser esse um ato livre e pacificador? O problema é: se vocês não fazem isso, como podem ser livres em meio a todos os problemas do dia? Como podem viver em paz? Como podemos estar cada vez mais livres em meio a tudo o que temos de fazer, se Cristo não nos faz falta, se não é Ele a preencher tudo com a Sua presença?

Mas alguns, quando digo essas coisas, fazem objeção: "isso é intimismo". Que nada! Digam se isso é intimismo, ou se é que Cristo significa algo na nossa vida. E isso tem o nome de fé: para viver eu preciso reconhecê-Lo. Por isso o problema da fé não é um problema já superado, é o nosso problema quotidiano. O que quer dizer a Sua presença para nós, agora?

Prosperi. O que quer dizer esperar tudo do fato de Cristo?

Carrón. Cada um precisa fazer a si mesmo essa pergunta, porque somente aquele que encontrou Cristo é que sabe o que pode esperar. Mas o que é Cristo para nós? É um entre os outros? Como dizia o amigo citado, "é um problema de estima". Eu tenho mais estima por Jesus do que por qualquer outra coisa, ou não? O que você experimentou no encontro com Cristo? Porque depois acontece de tudo na vida e erramos, nos distraímos, pensamos que estamos perdendo o melhor, como o filho pródigo, e vamos embora de casa buscando uma realização maior. E mesmo quando vivemos qualquer outra coisa que não seja Ele, podemos ver o que acontece: como o filho pródigo! Por que ele se lembrou do seu pai, da sua casa? Por quê? O que espera, depois de ter vivido de tudo, depois de ter procurado por toda parte? Porque com o Pai, como com Cristo, nós fazemos uma experiência totalmente diferente. Então, o que o filho espera? Espera tudo o que já viveu, porque antes não o sabia, antes do encontro nós não o sabíamos. Por isso, como dizia sempre Dom Giussani: as pessoas podem ir embora, mas não se volta atrás de um fato. E por isso Cristo nos pode desafiar: "façam a comparação com qualquer outra coisa, e digam-me se encontram algo que corresponda mais ao que Eu sou, ao que vocês encontraram no encontro comigo!". E, então, a pessoa começa a ver que não existe nada, nenhuma outra presença, nenhum outro modo de viver a vida que seja mais correspondente à espera do seu coração, esta é a verificação da fé. Nós não nos damos conta disso não porque somos legais, não porque não cometemos todas as bobagens que os outros fazem, não porque não nos distraímos, mas porque quanto mais a pessoa se afasta, mais percebe o que lhe faz falta ao ir embora. Então a pessoa espera que Cristo se torne cada vez mais tudo para ela; com dor, repartindo, mancando, mas sem ir embora, sem pegar outra estrada – como dizia Eliot –, porque nós esperamos tudo de Cristo. Mas esta é a pergunta que cada um precisa fazer: "mas eu espero tudo de ti, Cristo?". Não se trata de saber se eu estou em condição de, se eu estou à altura de, a questão não é se eu estou à altura de. É a pergunta de Jesus a

Pedro: "Tu me amas? Não pergunto se você é legal, se amanhã você não fará a mesma coisa, não pergunto isso, mas: Tu me amas mais do que qualquer outra coisa? A Minha presença lhe interessa mais do que qualquer outra coisa? Você espera tudo de Mim? Ou eu sou um entre muitas outras coisas? Onde você espera realizar a vida?". Porque se para nós, no fundo, Cristo é um entre muitos, entre as tantas coisas da vida então responderemos: "sim, tá bom, mas não vamos exagerar!". Que Cristo possa ser tudo, essa é a pergunta da fé: "mas eu espero tudo de Cristo?". A fé não é fazer o elenco das verdades às quais aderimos, porque essas verdades são percebidas muitas vezes como uma série de abstrações. Mas o problema é que a verdade se tornou carne; a alegria, a felicidade, se tornou carne. O problema é se para nós Cristo é este acontecimento. Do contrário, nós já estamos em um outro lugar. Mas não porque somos incoerentes, atenção! Porque os publicanos eram muito mais incoerentes, mas sempre retornavam. É um problema de estima, é um problema de juízo. Nada de sentimental ou moralista: é um problema de juízo! Quem é Cristo para a vida de cada um de nós?

Prosperi. Outras duas perguntas ligadas entre si.

Sobre a objetividade de Cristo dois mil anos atrás, nenhum problema. Ao invés, sobre a objetividade de Cristo hoje, o risco de seguir uma nossa ideia de Deus é muito elevado. O que nos liberta desse risco?

Pedro também correu o risco do personalismo, mas no fim conheceu realmente Cristo. Qual é a sutil linha de separação entre seguir a presença e seguir a pessoa? E por que esta diferença é tão importante?

Carrón. Vejam, não é um problema nosso ou um problema de Pedro ou de dois mil anos atrás. Também Pedro tinha esse problema e corria o risco de seguir uma ideia sua de Deus ou de seguir uma ideia sua de Jesus, do que convinha a Jesus; o evangelho documenta isso, como vimos ontem. Isso em nós é inevitável, como nos diz Dom Giussani: é inevitável que a pessoa tão logo conheça algo faça uma imagem, faça uma ideia: por isso não devemos nos assustar. A verdadeira questão é que eu, quando me encontro com uma irredutibilidade como a de Cristo – como aconteceu com Pedro – eu ceda. Também Pedro, quando ouviu Jesus, depois de tê-lo louvado porque ele havia confessado que Ele era o Cristo, logo em seguida ouviu toda a censura de Jesus, que lhe diz: "Você não pensa como Deus!". Também Pedro havia feito uma imagem de Deus. Quem nos liberta constantemente disso? Essa é a questão, hoje como dois mil anos atrás. Quem nos liberta é somente uma Presença irredutível. Por

isso a fé cristã não é possível sem uma objetividade diante de nós, sem alguma coisa de fora, com a qual eu me deparo, que eu não posso reduzir às minhas imagens, às minhas ideias, ao meu sentimento, à minha reação, à minha interpretação. A fé cristã será sempre o deparar-se com uma Presença que, ao contrário, te liberta das tuas medidas, te liberta da tua gaiola, te liberta do teu *bunker* (para usar uma imagem de Bento XVI). O cristianismo permanece na história porque continua a acontecer a Sua presença e por isso essa libertação de mim mesmo, da minha gaiola, do meu *bunker*, porque eu, com as minhas interpretações, posso afundar e com os meus pensamentos posso sufocar. Como percebo que Cristo está presente? Porque faço uma experiência tal de libertação, de respiro, que digo: "É Ele!". Como a pessoa que disse: "Esse acontecimento voltou a ocorrer ontem". Quantas vezes nos encontramos juntos, participando de alguma coisa, diante do testemunho de alguém, diante de algo que acontece, e nós ficamos libertados! Sabemos que Cristo está presente não porque nós o dizemos. Sabemos que está presente porque nos surpreendemos com o acontecer em nós desse respiro, dessa libertação da minha medida, do sufoco, da gaiola. E quando isso acontece, é um maravilhamento tão grande que a pessoa é levada a dizer: "Obrigado, obrigado porque estás aqui, ó Cristo, hoje, presente em nosso meio, no Teu corpo que é a Igreja, na Tua visibilidade histórica, irredutível a todas as minhas medidas". Basta que cada um pense se aconteceu alguma coisa durante estes três dias, como chegou aqui e se aconteceu alguma coisa. Como alguém me escreveu, a pessoa chega confusa, preocupada com mil coisas, e se encontra com algo irredutível; não porque falamos das preocupações do trabalho, do que deixou em casa, não! Porque se encontra imerso numa irredutibilidade. Por que deveríamos vir até aqui, se não por isso? Por que devemos ser cristãos? Por que devemos pertencer ao Movimento, se não por isso? Toda a nossa tentativa é para que o Movimento seja um lugar no qual acontece a libertação: uma agência de atividades ou uma organização não governativa, como dizia o Papa Francisco, mas um lugar onde acontece de novo a novidade do meu eu para que a pessoa possa voltar para casa diferente. Então, ser constantemente libertado é viver o cristianismo como um acontecimento. Podemos vivê-lo segundo a sua natureza, somente se reacontece constantemente como acontecimento. De outro modo, perde o interesse. Todavia, se acontece cada vez, então a pessoa se apega cada vez mais, a pessoa se enche mais de razões. Por isso repetimos até nos cansar que se o cristianismo não for uma experiência presente, onde eu encontro confirmação na experiência que responde às exigências do viver, a fé não poderá resistir num mundo em que tudo diz o

contrário. Esse é o nosso problema. Por isso, se Dom Giussani insiste em denunciar as reduções do Movimento ou do seguimento, segundo todas as variantes de que falamos nestes dias, não é por um interesse analítico ou para recriminar alguma coisa em nós: é para nos salvar! Porque todas essas variantes nunca serão o cristianismo, nunca serão o Movimento. O Movimento será e é o contragolpe inicial, mesmo com pessoas como nós, cheias de fragilidade: é o contragolpe do início que nos libertou. Se não for isso, com o tempo não nos interessará mais.

Prosperi. As duas últimas perguntas se referem a experiências particulares, que, porém, colocam questões que dizem respeito a todos.

Depois da experiência significativa do CLU, voltei para a minha cidade e experimento uma grande dificuldade com a comunidade local do Movimento, que me parece muito diferente da vida do CLU. Diante dessa dificuldade me dizem que sou eu que não consigo valorizar o que existe. É nesse caso que Carrón diz que o problema é meu? O que significa, nessa condição, o seguimento?

Carrón. A primeira coisa que é preciso dizer, como eu dizia a respeito da Fraternidade, é que a Fraternidade é una, e o Movimento é uno, como a Igreja é una. É preciso abrir as janelas das fraternidades, das comunidades, dos grupinhos, porque se em cada fraternidade e em cada comunidade do Movimento não correr todo o ar da totalidade do Movimento, torna-se sufocante, como se torna a fraternidade, como se torna o grupo de amigos. Porque ninguém, agora, qualquer que seja a situação em que se encontra, deixa de ter ao alcance da mão toda a riqueza de vida do Movimento, mesmo que esteja no canto mais escondido da Terra. Portanto, o que é a vida do Movimento chega lá. E por isso eu fiz, no final da primeira palestra, a comparação com a Igreja, porque esse tipo de autorreferencialidade de cada comunidade pode acontecer também em relação ao Movimento; não é que se trata de mudar a estratégia. Não! Cristo, para fazer com que os apóstolos saíssem da sua redução, não mudou a estratégia: deu a vida por eles, morreu e ressuscitou por eles. Então, ou nós aceitamos participar da totalidade da vida da Igreja, que se comunica não apenas estando ali fazendo juntos a refeição, porque a vida da Igreja é muito mais rica do que todas as nossas tentativas, porque se nós reduzimos a nossa companhia às nossas tentativas, para onde estaremos indo? Se nós não temos o respiro da totalidade da Igreja e não sentimos toda a urgência de participar dessa objetividade muito maior do que nós, que nos perdoa, que constantemente nos alimenta com a eu-

caristia, que constantemente nos oferece a Sua palavra, que oferece toda a riqueza do Seu testemunho e da Sua companhia, como podemos não sucumbir? É por isso que digo que o mesmo que acontece com a Igreja acontece com o Movimento. Se em cada grupo a vida não for aberta a essa totalidade, acabamos sufocados. E então, cada um tem tudo o que é necessário para viver ali onde se encontra: "Nenhum dom da graça vos falta mais"[142], dizia São Paulo à comunidade de Corinto, em meio a todo o império romano, quando eles eram só três gatos pingados. "Nenhum dom da graça vos falta mais". E, então, ninguém pode ser impedido de viver ali, em qualquer situação, em qualquer comunidade, em qualquer lugar: pode até valorizar tudo o que existe, sem reduzir a comunidade àquilo que existe, mas abrindo-a. Você pode chegar ali com toda a riqueza do que viveu no CLU e perturbar a comunidade, pela perturbação que aconteceu com você, como dizíamos: é possível acontecer a perturbação no ambiente de trabalho e então é possível também nas nossas comunidades. E esperamos que alguém continue a perturbar a comunidade! Do contrário, é o fim! Por isso ninguém nos impede de viver, qualquer que seja a situação em que o Mistério nos colocou.

Prosperi. Você nos disse que o acontecimento não é gerado pela nossa ação. Porém, o Movimento nos convoca para gestos (caritativa, Tendas Avsi, Coleta de Alimentos, etc) que são um instrumento educativo. Como evitar que essa ação se reduza a ativismo?

Carrón. O que aconteceu em nós não foi produzido pela nossa ação. O Acontecimento não é gerado pelo nosso fazer, não foi gerado no início pela nossa ação. Encontramos algo de diferente e que não havíamos criado nós e que mudou a nossa vida. Tudo o que fazemos, os gestos que fazemos, são expressão daquela novidade que o Movimento introduziu, daquela novidade que Cristo introduziu na vida. O problema é quando esses gestos, ao invés de ser expressão daquela novidade, se tornam tarefas a cumprir. Todas as mulheres entendem isso. Quando se casam e se preocupam em manter a casa bonita ou fazer um almoço apetitoso, ou fazer com que tudo seja um lugar onde a pessoa deseje voltar, por que ela faz isso? Tudo pelo ímpeto de que o que aconteceu preencha tudo. E, então, cada gesto é expressão de amor, de paixão pela vida da sua família. Mas vejam que desgraça quando isso se perde, e então se tornam meras tarefas a cumprir. O que é expressão de amor se torna lamentação: "Mas

[142] 1 *Cor* 1,7.

preciso fazer isso de novo? Você sai e eu fico aqui, limpando tudo!". Que pode ter o seu sentido, não discuto isso. Que os maridos não partam daí para se sentirem justificados, porque acontece o mesmo aos homens!

Os gestos podem ser expressão de um acontecimento, expressão de um amor, de uma paixão, ou simplesmente serem reduzidos a coisas a fazer que, ao invés de gerar o relacionamento, de ser expressão do relacionamento e facilitar o incremento da relação, se tornam apenas tarefas a cumprir.

O risco é sempre essa redução entre o ativismo e o intimismo. O exemplo mais evidente dessa contraposição mortal é o episódio de Marta e Maria, porque Marta está toda ocupada, e como! Quem de nós não ficaria contente de ter a honra de fazer coisas para Jesus? De recebê-Lo em casa? Mas alguém pode ter Jesus em casa, ter a sorte de servi-Lo, e prevalecer a lamentação. "Olha, Maria não me ajuda!": prevalece a lamentação. E, então, quando Jesus diz a Marta: "Veja que há apenas uma coisa importante", não é que esteja dizendo que é melhor a contemplação do que a atividade; não, está afirmando que Marta não entende que qualquer coisa que faça, o que deve prevalecer é o fato de Cristo, o fato de ser honrada de estar ali com Ele, que tudo quanto acontece, faça algo ou escute, é para Ele. Porque quando Jesus lhe diz isso, não é como censura. É que se você não percebe isso – caríssima Marta – não lhe basta e aí vem a lamentação. Quando Giussani nos convida a não sucumbir ao ativismo, não é porque não quer que façamos as atividades; ou nós, quando dizemos isso, não é porque devamos agora insistir sobre o intimismo, em contraposição ao ativismo; não!, não se confundam. É sobre uma forma de atividade que, quando não é vivida segundo a sua verdadeira natureza, gera a lamentação, porque não é expressão de um amor, é porque não ajuda a fazer memória daquele amor, porque não me torna consciente daquele amor; porque mesmo que fosse ali intimista e não o reconhecesse seria a mesma coisa! O problema não é o ativismo ou o intimismo, o problema é se prevalece a Sua presença ou não. A alternativa não é entre o fazer e o não fazer; é entre deixar entrar a Presença e ser golpeado pela Presença d'Ele, que isso predomine sobre a vida ou não. Se Ele não prevalecer, podemos fazer ou deixar de fazer, mas a lamentação, o mal-estar, domina. Muitas vezes as pessoas reduzem seus espaços para não complicar a vida. Mas isso responde? Qualquer que seja a forma dessa contraposição, responde? O problema é que, às vezes, pensamos que com o nosso agir podemos sair dessa. Não! É necessário que a nossa ação seja toda revestida pela Sua presença, assim como o nosso repouso. Porque o que acontece na ação, acontece também no repouso! Desta forma, mes-

mo quando não fazemos nada, Ele não nos faz falta: a mesma redução que transforma a atividade em ativismo acontece no repouso, e por isso partimos para as férias como os pagãos, esperando somente o que todos esperam, ao invés de viver também as férias como ocasião da memória d'Ele, da exasperada tensão em dizer o nome d'Ele.

A questão, afinal, é sempre a fé: se prevalece essa Presença como acontecimento na vida. Atenção! Não confundamos, como se isso quisesse dizer que é preciso não sei que tipo de coerência ou então não errar. Não, não e não! Vemos bem isso quando o acontecimento do apaixonar-se está vivo. Podemos cometer os erros de antes, mas prevalece a urgência, a gratidão e a alegria da presença da pessoa amada. Estou feliz, porque Tu vives, Cristo, porque Tu estás presente, e eu não sou obrigado a me sufocar em todas as coisas que faço, na atividade ou no repouso, porque Tu estás presente. É a questão da fé, porque para nós a fé é algo que tem a ver com tudo. Não uma coisa que se retalha, aos pedaços. A fé é algo que tem a ver com tudo.

Por isso, continuamos o nosso caminho buscando seguir o que a Igreja nos propõe no Ano da Fé, para que possamos redescobrir a beleza dessa fé para viver, para viver mais, para viver mais intensamente, para viver com uma intensidade de vida, que pode responder àquele quotidiano que quebra as pernas. Do contrário, a fé terá prazo de validade; mas não por maldade nossa: porque não nos interessará, veremos que o nosso interesse se desloca para outro lugar. A pessoa pode estar aqui e ter deslocado para outro lugar o seu interesse. Por isso, como dizia Dom Giussani, não é uma coisa tão complicada de entender que podemos ser do Movimento sem que a fé esteja no centro do nosso interesse! Não porque Dom Giussani pense que dizemos heresias contra a fé. Não, mas o centro afetivo do nosso eu já está deslocado para outro lugar, não esperamos mais tudo d'Ele. Esse é o problema da fé.

Vivendo a experiência da sua Presença, através daquilo que Cristo gera em nós, podemos testemunhá-Lo em tudo o que precisamos fazer, em todos os gestos que realizamos. Vamos nos acompanhar nisso. Para isso existe a Fraternidade.

Avisos

Digo algumas coisas sobre a Fraternidade que podem nos ajudar a lembrar o objetivo. Fiquei muito impressionado com alguns pedidos de inscrição, que falam novamente o ponto de partida, a preocupação da qual Dom Giussani partiu para começar a Fraternidade.

Diz um desses pedidos: "Hoje, depois de dois anos de Movimento, tenho a certeza de que é a estrada certa, porque o método que me oferece me ajuda na vida, me ajudam os juízos que fazemos, a partilha da experiência que aprendemos na Escola de Comunidade, aprendo a entender que a consistência da minha liberdade e da minha felicidade não se baseiam na minha independência individual, mas na relação com o Tu, com a consciência de que estou caminhando pela estrada rumo ao meu destino. A amizade e a comunhão que vivemos em comunidade fazem necessariamente parte dessa estrada, desse relacionamento e também da minha felicidade e liberdade. Por isso, gostaria de lhe pedir para fazer parte da Fraternidade de Comunhão e Libertação, porque o Senhor me fez entender que é a minha estrada".

Um outro amigo escreve: "Gostaria de fazer parte da Fraternidade, porque me dou conta de que é a única estrada que me torna verdadeiramente feliz e através da qual Cristo se dá a conhecer a mim. É justamente com o Movimento o modo como se dá a conhecer. Quando conheci CL, eu era um grande individualista [esse é o ponto: a pessoa pode partir assim, individualista, mas depois deseja pertencer porque fez a experiência da libertação da sua gaiola], um homem que sozinho queria ter êxito em tudo, a seu modo. CL era o meu projeto, e não só CL, mas toda a minha vida era um projeto meu [quando temos essa impostação, fazemos também do Movimento um projeto] e em torno disso eu estava obstinado. Depois eu precisava procurar compromissos, e quando não funcionava, começavam os problemas. Mas, aos poucos, em tudo o que eu vivia, seja no bem seja no mal, aprendi que aquilo de que eu necessitava é de um lugar onde continuamente posso encontrar o Cristo vivo [a pessoa começa como pode, somos pobres coitados; o problema é que, a um certo ponto, ela se encontra diante de algo irredutível]". "Aprendi que aquilo de que eu necessitava é de um lugar onde continuamente posso encontrar o Cristo vivo [pela experiência ele sabe o que vivia no início e o que está acontecendo ao viver dentro de um lugar como o Movimento]. Para mim esse lugar se tornou a comunidade das pessoas de CL onde se renova em mim a memória daquilo que,

na minha vida, é importante. É também o lugar onde continuamente aprendo, onde me sinto em casa".

Na última Diaconia da Fraternidade, no mês passado, um amigo nos dizia que em pouco tempo morreram três amigos em Montreal, no Canadá. Um deles, Paul, doente de câncer, tinha a preocupação de se inscrever na Fraternidade antes de morrer, tanto que perguntava se podia ser aceito o mais breve possível. Foi sepultado com a carteirinha de inscrição na Fraternidade no bolso, junto do coração, como um tesouro. Ele queria morrer pertencendo ao lugar onde Cristo se fez próximo dele.

Dom Giussani, em uma entrevista de 1992, dizia: "A inscrição na Fraternidade é um ato pessoal, de total iniciativa do indivíduo, não uma escolha operada pelo grupo. Nasce como necessidade pessoal para a própria fé [como vimos] e para a realização da própria fisionomia cristã. O seu objetivo [...] é participar de uma companhia que ajude na caminhada da santidade, isto é, no conhecimento de Cristo, no amor a Cristo para o bem dos homens, pelo reino de Deus sobre a Terra"[143].

Deveríamos ler com frequência essas frases, porque nos dizem o que é, frente a todas as nossas reduções. "Nasce como necessidade pessoal para a própria fé", isto é, para a própria vida, como um "participar de uma companhia que ajude no caminho da santidade".

Quando não se entende isso, quando a pessoa reduz a sua necessidade, então não se compreende verdadeiramente o que é a Fraternidade. Em janeiro, por exemplo, na reunião dos responsáveis dos Estados Unidos, alguns dos participantes me contaram sobre o esforço que alguns fazem para participar da Fraternidade. Por quê? Porque a Fraternidade é uma proposta que se refere à totalidade da vida, pela própria natureza do acontecimento cristão. Mas muitas vezes nós – este é um problema que está por toda parte – aceitamos pertencer a um clube, a uma associação que responde a certas necessidades particulares, e às vezes a Fraternidade é um dentre muitos lugares ou clubes a que pertencemos. Os amigos americanos me perguntavam por que essa dificuldade. E eu respondi: mas vivendo a Fraternidade assim, qual é o problema? Fazem da Fraternidade um clube, qual é o problema? Tudo bem? E, então, começavam a explicitar, um após o outro, dizendo: "Não, não está bem. Falta isto à minha vida, falta aquilo...". "Ah! e então? Reduzir a Fraternidade a um dos muitos clubes não resolve a vida, não ajuda. Por isso a Fraternidade é proposta de maneira diferente de qualquer clube, porque vocês têm

[143] L. Giussani, "Para uma fé madura", entrevista concedida a P. Colognesi, *Litterae communionis-CL*, Milão, fevereiro de 1992, p. 26.

carteirinha de muitos clubes, e vêm aqui um depois do outro para dizer que as coisas não vão bem. É por isso que a Fraternidade, se for um clube a mais, não interessa". Ao invés, a proposta da Fraternidade é diferente. Por isso, quem pode pertencer a ela? Quem pode desejá-la? Quem não se contenta com menos do que tudo! Isto é, quem sente a urgência dentro de si dessa necessidade pessoal. Se não despertar a hipótese da Fraternidade, não desperta porque falta esse desejo de santidade, isto é, esse desejo de plenitude de que fala Giussani, esse desejo de realização total da própria vida. Quem tem esse desejo sente a necessidade de juntar-se aos outros para ser apoiado na própria tentativa, estando consciente da própria fragilidade. É a amizade como companhia guiada ao destino. Que desperte como hipótese é a consequência desse seguir, desse desejo. Por isso, bastaria sermos leais com as nossas necessidades para entender a urgência que temos de um lugar real, verdadeiro, irredutível, onde somos verdadeiramente ajudados.

Como dizia ainda Dom Giussani: "Porque o objetivo da Fraternidade é o empenho da responsabilidade pessoal frente à santidade e ao destino. O verdadeiro problema é a capacidade de amizade, a vida em comum [no sentido que dizia sempre, *como companhia guiada para o destino*]. É uma partilha a ser vivida sem pretensões, sem medida, sem sentimentalismos [dizia Dom Giussani] que chega até à ajuda social e material. Escola de comunidade e missão são os objetivos aos quais dedicar-se"[144].

Ainda nos Estados Unidos me fizeram uma pergunta sobre os primeiros grupos que nasciam, com esta preocupação: "Tendo crescido muito em todo o território os grupinhos de Fraternidade, queremos entender qual é a importância de ser fiel ao fundo comum, de seguir uma regra que permita dar uma certa estrutura a essa amizade". Aqui vemos, como dizíamos antes, que fazer um gesto, ter uma regra mínima de oração, convidar a ser fiel ao fundo comum, são coisas pequenas, é o empenho mínimo, mas é a expressão mais simples desse desejo de pertencer à única Fraternidade. Entender o significado desses simples gestos é decisivo para não vivê-los de um modo formal, mas como expressão da nossa pertença. Mas nisso há muito caminho a fazer ainda, para que nós possamos viver assim. Se os vivermos de maneira verdadeira, esses gestos ajudam a incrementar a consciência de pertencer e, portanto, geram constantemente essa pertença, são o modo de nutrir a consciência de pertencer, são uma ajuda.

E na Carta que enviava aos novos inscritos, Dom Giussani escrevia: "*A Fraternidade de CL* quer ser expressão consciente e empenhada, isto

[144] L. Giussani, "Para uma fé matura", op. cit., p. 26.

é, madura, da história do Movimento de CL. Ela quer ser o nível a que todas as intuições, que pela graça de Deus nos animaram e nos animam, sejam realizadas, seja no sentido de *se dar conta* delas, seja no sentido de dar-lhes uma efetividade"[145]. Nesse sentido, cuidar também dos aspectos "formais" da vida da Fraternidade é importante. Fiquei impressionado, por exemplo, com a intervenção do responsável da América Latina na última Diaconia Central, quando dizia que os compromissos formais a que, de vez em quando, somos chamados a realizar, também podem ser ocasião de educação. Tendo que se ocupar com a eleição dos responsáveis diocesanos da Fraternidade em vários países – como sabem, a cada três anos os inscritos das dioceses onde a Fraternidade é instituída são chamados a eleger os responsáveis diocesanos da Fraternidade – o responsável da América Latina contava que isso parecia uma coisa formal e dizia: "Inicialmente não tinha muita importância para nós. Ao invés, tomando-o com seriedade, entendo que também um detalhe tão jurídico pode se tornar um aspecto muito educativo. Esse fato implicou, para mim, uma seriedade com a liberdade das pessoas que participam da eleição e uma tentativa de juízo sobre a situação do Movimento, um pedido do parecer das pessoas". Todos esses instrumentos podemos vivê-los formalmente ou podem se tornar uma ocasião de educação para entender o que é a nossa companhia, a nossa Fraternidade.

Dizia ainda Dom Giussani: "A Fraternidade de CL tem o objetivo de assegurar o futuro da experiência do Movimento, e a sua utilidade para a Igreja e para a sociedade, através da continuidade da educação e da construção de obras, como resultado de tal educação, nas estruturas da sociedade eclesiástica civil. Nesse nível eu entendo levar em consideração, até o fim, as pessoas que temos"[146]. É isso que constrói a nossa Fraternidade: pessoas que querem estar presentes "até o fim".

Fundo comum

Por último, retomo a importância do Fundo Comum. Como pude dizer publicamente na Assembleia Geral da Companhia das Obras dia 25 de novembro passado: "Desde o início o Movimento é vivido exclusivamente graças aos sacrifícios econômicos das pessoas que a ele aderem. Quem pertence ao Movimento, compromete-se a entregar mensalmente uma cota em dinheiro, livremente estabelecida, o chamado "fundo comum",

[145] L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, op. cit., p. 250.
[146] *Idem.*

que Dom Giussani sempre indicou como gesto educativo para uma concepção comunional de quanto se possui, para a consciência da pobreza como virtude evangélica e como gesto de gratidão por aquilo que se vive no Movimento. Precisamente pela razão educativa referida, não é relevante a quantia que cada um entrega, mas sim a seriedade com que se permanece fiel ao compromisso assumido. Para sustentar a vida das nossas comunidades na Itália e no mundo e as iniciativas caritativas, missionárias e culturais, o Movimento Comunhão e Libertação não precisa de nada mais [e devo gritá-lo a todos que nós não precisamos de outra coisa!]; e por isso somos livres de tudo e de todos ao desenvolver o nosso dever como Movimento"[147].

Mas sobre isso ainda temos dificuldades. Assim como outros gestos na vida do Movimento, entram cada vez mais (como, por exemplo, a caritativa, porque a pessoa percebe o bem que é para ela participar do gesto de caridade, para depois viver tudo), para o fundo comum devemos percorrer muita estrada porque há ainda, aqui, três mil pessoas que não dão nada ao fundo comum. E isso por quê? Não é somente por um problema econômico, porque não é um problema de quantidade, mas de fidelidade. É que essa coisa ainda não a entendemos na sua dimensão educativa, pela sua capacidade de gerar um modo novo de viver. E por isso encontramos dificuldade. Porque a primeira razão do fundo comum é educar-se para viver tudo como recebido do Outro. Por isso, convém que não percamos a consciência disso. A segunda razão é colaborar para a missão da Igreja construindo o Movimento. Quanto mais alguém entende a dimensão, tanto mais vai querer que possa se difundir, que possamos levá-lo para todos os cantos onde nasce constantemente o Movimento.

Alguns mantêm a fidelidade inclusive na dificuldade. Leio uma carta. "Infelizmente, esta noite não lhe escrevo o que, há alguns anos, eu gostaria de escrever, isto é, que eu tinha feito uma previsão para quitar todas as quotas do fundo comum que eu não tinha conseguido pagar, mas preciso lhe dizer que não consigo recuperar as quotas não pagas [dizer isso entre nós também é possível, mesmo com essa mortificação, porque podemos dizer entre nós certas coisas com essa liberdade]. Mas na medida em que eu tentava separar alguma coisa para mandar ao Fundo chegava uma despesa imprevista. Inútil dizer-lhe que são tempos difíceis. Meu marido trabalhou muito tempo com baixo salário e, embora fazendo grandes sacrifícios para poder pagar a hipoteca e enfrentar todas as despesas que

[147] J. Carrón, "Com a audácia do realismo", in *Passos-Litterae communionis*, jan/fevereiro de 2013, p. 24.

temos, nem sempre conseguimos honrar os nossos compromissos se não fosse a ajuda dos nossos pais. Até hoje eu não tinha escrito a você e nem diminuí a quota, embora já baixa, porque ficava com vergonha de não conseguir respeitar o meu compromisso. Agora, ao invés, me envergonho de ter cedido ao orgulho e assim ter perdido tanto tempo em preocupação, em vez de participar de uma obra, ainda que com pouco [não importa a quantidade, é um problema de pertença, de consciência de pertencer, de amor ao que vivemos entre nós]. Espero um dia poder recuperar e conseguir fazer uma doação". Por isso, que alguém possa ter esse ardor diz mais do que a quantia que possa dar.

Ano da fé - Peregrinação a Roma

Lembro a importância da peregrinação a Roma no próximo dia 18 de maio, proposto por ocasião do Ano da fé pelo Pontifício Conselho para a promoção da Nova Evangelização, que será o primeiro encontro de Papa Francisco com os Movimentos eclesiais e as novas comunidades.

Livros

Foi publicado o novo livro de Dom Giussani, que retoma as Equipes com os universitários dos anos 1990-1991, com o título *Un evento reale nella vita dell'uomo*. É surpreendente ver como Dom Giussani descreve a natureza do cristianismo: "O evento real na vida do homem é o reconhecimento e a adesão a Cristo, é o aceitar ter sido escolhido"[148]. E ainda: "O cristianismo não é uma ligação que você estabelece com Cristo, mas é a ligação que Cristo estabelece com você"[149]. Somente quem aceita deixar-se plasmar por este evento real pode se tornar um protagonista capaz de viver o interminável esforço do viver quotidiano, sem ser derrotado pelas circunstâncias.

O livro do mês de maio-junho é *Il potere dei senza potere* de Václav Havel (Prefácio de Marta Cartabia para a edição italiana). O texto original foi enriquecido com outros discursos de Havel muito interessantes, ocorridos em 1978. Agora podemos perceber muito mais a força destes escritos. É suficiente lembrar o famoso exemplo do verdureiro, que é a documentação do aspecto cognoscitivo, cultural, "revolucionário" de um eu que se coloca na realidade. Esta é a nosso único recurso, nos dizia Dom Giussani.

[148] L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo...*, op. cit., p. 163.
[149] *Ibidem*, pp. 326-327.

Tracce (Passos)

Padre Pino contou recentemente como ficou surpreso por ver todas as manhãs, na Universidade Católica de Milão, um grupinho de jovens vendendo *Tracce*, e que tudo nasceu da iniciativa de uma moça que disse: "Esta não é a revista de CL. Esta é a 'minha' revista". Ela falou com cinco, dez amigos. Para alguns foi a ocasião de um encontro, como aconteceu, por exemplo, vendendo a revista de março com a capa sobre o Papa Bento XVI: algumas pessoas queriam entender por que era tão importante pra nós.

SANTA MISSA

Leituras da Santa Missa: At 13,14.43-52; Sal 99; Ap 7,9.14-17; Jo 10,27-30

HOMILIA DO PADRE MICHELE BERCHI

"Eu lhes dou a vida eterna e elas jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão". É isso o que Cristo deseja para mim, para cada um de nós: permanecer comigo, permanecer com cada um de nós até a eternidade. Tu me queres Teu até a eternidade. Esta é a vida eterna. Podemos dizer que Jesus morre de vontade de permanecer comigo. É morto pela vontade de ficar comigo, de me tornar Seu para sempre.

Mas quem sou eu para Ti? Porque somente diante da fiel e inimaginável afirmação de Cristo, aliás, somente diante dessa verdadeira declaração de amor, o primeiro amor: "As minhas ovelhas", minhas – que Jesus diga de cada um de nós – "Minha ovelha" é como a mãe e o pai dizem do seu filho, é como o homem apaixonado fala da mulher que lhe disse sim – "as minhas ovelhas escutam a minha voz e eu as conheço e elas me seguem"; somente diante dessa declaração de amor é que podemos começar a entender quem somos. Quem eu sou coincide com quem eu sou para Ti; quem eu sou para Ti, ó Senhor.

Ninguém nos arrancará essa experiência, ninguém poderá nos arrancar das Tuas mãos, ninguém. A forma com que Tu marcaste o nosso coração, encontrando-nos um por um, nunca poderemos eliminar, porque todas as milhares de pessoas que estão aqui, todas foram encontradas uma por uma; essa multidão imensa que ninguém poderia contar, de qualquer nação, tribo, povo e língua, foi reunida um por um. Quem de nós pode dizer que o Senhor não o conduziu até aqui lhe enxugando cada lágrima dos seus olhos? Tu nos fizeste Teus, e a partir daquele momento ninguém nunca poderá nos arrancar aquele encontro que nos fez Teus.

Existe apenas um perigo o mesmo dos judeus, que como é dito nos atos dos apóstolos, não se consideravam dignos da vida eterna. Podemos até ter inveja deste pertencer, mas não aderir. Este ponto de resistência é inacreditável, mas é sempre possível. Nós sabemos bem disso, conhecemos bem aquele maldito orgulho, aquele amor próprio que chega a destruir a nós mesmos. Porém olhando bem, este ponto de resistência nos torna ainda mais maravilhados, porque Tu, Senhor, prefere arriscar que eu te diga não do que comprar a minha liberdade. Mas por que nos ama tanto assim? Por quê?

Peçamos nessa missa que o espírito, através da carne de Nossa Senhora, da qual nasceu essa companhia, mantenha em nós este maravilhamento, porque é através disso que se torna verdade que nada nos separará do amor do Seu Filho.

MENSAGENS RECEBIDAS

Caríssimos,

o tema dos Exercícios deste ano: "Quem nos separará do amor de Cristo?" vai direto ao ponto da modalidade com a qual o anuncio cristão deve ser proposto a todos, especialmente aos homens e às mulheres da nossa Europa tão cansada.

De fato, somente a certeza de termos sidos definitivamente agarrados pelo Seu amor, torna possível a apaixonada abertura àquilo que Dom Giussani chamava "tudo o que existe e toda a existência".

Garanto a minha proximidade na oração e no afeto nesses dias de extraordinário alcance para a vida de Comunhão e Libertação.

Saúdo a todos e os abençoo.

S.E.R. Cardeal Angelo Scola
Arcebispo de Milão

Caríssimo Padre Julián Carrón,

eu me uno a todos vocês reunidos para os Exercícios Espirituais da Fraternidade neste tempo extraordinário no qual participamos de grandes fatos de graça como a renuncia ao ministério petrino de Bento XVI e o inicio do pontificado do Papa Francisco novo "Bispo de Roma". O Senhor nos surpreendeu com a sua presença e com a qualidade da sua proximidade. Assim como percebemos a intensa e bela paternidade de Bento, percebo de modo especial, graças aos 27 anos vividos em missão no Brasil, a familiaridade com o coração e o modo imediato e simples de Francisco. Tê-lo encontrado na Argentina e no Brasil em Aparecida foi uma graça que nos abre o coração a um seguimento total que implica inteligência e plena disponibilidade como sempre vivemos com os Sumos Pontífices, conforme nos ensinou Dom Giussani.

Por isso o tema desses Exercícios: "Quem nos separará do amor de Cristo?" (*Rm* 8,35) nos abre à escola do carisma e nos enche de confiança no caminho que o Senhor nos oferece hoje, para nós e para a sua Igreja. Peço ao Espírito a graça para viver esses Exercícios como uma verdadeira oportunidade, como um tempo favorável para nossa pessoa e para nossa missão no mundo. No "Ano da fé" e diante de muitos prodígios da mise-

ricórdia de Deus, que Nossa Senhora nos torne como ela, abertos para acolher os dons de Deus, para nos confiar totalmente ao seu desígnio e para comunicar a todos com franqueza o que aconteceu.

Invocando a bênção do Senhor e a proteção da Grande Mãe de Deus, vos saúdo cordialmente.

S.E.R. Dom Filippo Santoro
Arcebispo de Taranto

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade
Francisco

Santo Padre, 24.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rímini para os anuais Exercícios Espirituais e outras milhares de pessoas por videoconferência em 21 nações, meditaram sobre o tema "Quem nos separará do amor de Cristo?"

Gratos pela Vossa bênção que nos faz experimentar a maternidade da Igreja, aprofundamos a consciência de que "o Senhor está vivo e caminha conosco" porque o cristianismo é a experiência de um acontecimento, Cristo resuscitado, como Dom Giussani nos testemunhou com a sua vida e como vemos nas palavras e nos gestos de Vossa Santidade, fonte contínua de maravilha e afeição.

Em um tempo no qual a fé não é mais "um pressuposto obvio" (*Porta fidei*), percebemos como dirigida a nós a pergunta de Jesus: "mas o Filho do homem quando voltar, encontrará a fé sobre a terra?" O inicio de Vosso pontificado nos leva a redescobrir que a fé não é uma teoria ou um conjunto de regras, mas o reconhecimento de uma Presença "atraente e persuasiva porque responde a profunda necessidade da existência humana".

Na memória de Dom Giussani, desejamos reviver a mesma experiência dele para sermos tão plenos do olhar de Cristo a fim de sermos uma presença diferente, sobretudo nas "periferias existências" deste mundo.

Neste Ano da fé confiamos novamente todas as nossas pessoas e as nossas comunidades dispersas pelo mundo nas mãos de Vossa Santidade, com o desejo de testemunhar a alegria de ser cristão e ajudar os nossos irmãos homens a encontrarem em Cristo a misericórdia que salva.

Com nossas felicitações pela eminente festa do Vosso santo patrono nos unimos em oração a Nossa Senhora para que torne "dulces pondus" o mandato a Sucessor de Pedro, em caminho com o Seu povo.

Na espera de encontrar Vossa Santidade na Praça de São Pedro dia 18 de maio.

Obrigado, Santidade.

Sua Santidade Papa emérito Bento XVI

Santidade, em Rímini junto com todos os 24.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos para os anuais Exercícios Espirituais e outras milhares de pessoas por videoconferência em 21 nações, meditando sobre o trecho de São Paulo "Quem nos separará do amor de Cristo?", pensei na Sua pessoa. Todos pedimos a Nossa Senhora que lhe acompanhe na identificação com Cristo, o Amigo que nunca nos abandona. Escondido do mundo, mas não dos nossos corações afeiçoados ao Senhor, peço uma oração por todas as nossas pessoas, a fim de que possamos redescobrir a alegria de ser cristãos neste Ano da fé que o Senhor instituiu com o cuidado de um pai, para a beleza de ser cristãos na vida quotidiana.

Ilustríssimo Giorgio Napolitano
Presidente da República italiana

Ilustríssimo Senhor Presidente, 24.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rímini para os anuais Exercícios Espirituais receberam a notícia da sua reeleição. "O que me move neste momento é o sentimento de não poder me subtrair a assumir uma responsabilidade para com a nação, confiando que corresponda a uma análoga assunção coletiva de responsabilidade da parte de vocês". O seu gesto de liberdade aumenta a admiração pela sua pessoa.

Neste momento dramático o senhor abre uma possibilidade para a Itália diante da urgência de retomar o caminho de uma verdadeira pacificação que obtenha aquele bem tão necessário para a vida pessoal e social.

Mesmo conscientes dos nossos limites, como fieis educados por Dom Giussani a ter paixão pelo destino dos irmãos homens, desejamos oferecer o nosso testemunho, junto de cada homem de boa vontade, como contribuição para desbloquear a situação, afirmando o valor do outro na busca do bem comum acima de qualquer interesse particular.

Compreendendo o enorme peso da nova responsabilidade desejamos que o senhor consiga aquilo pelo qual aceitou esse grande sacrifício.

S.E.R. cardeal Angelo Bagnasco
Presidente da Conferência Episcopal Italiana

24.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rímini para os anuais Exercícios Espirituais, meditando sobre

o tema "Quem nos separará do amor de Cristo?", na certeza de que o Senhor ressuscitado é o Único capaz de preencher a necessidade infinita do coração, confirmam um empenho para viver uma fé sempre mais personalizada, seguindo o Papa Francisco que nos convida a dar testemunho nas "periferias existenciais" da nossa sociedade, sobretudo nesse momento de grande incerteza.

S.E.R. cardeal Stanisław Ryłko
Presidente Pontifício Conselho para os Leigos

Eminência caríssima, 24.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rímini para os anuais Exercícios Espirituais e outros milhares em videoconferência em 21 nações, meditando sobre o tema "Quem nos separará do amor de Cristo?", renovam o empenho em viver o Batismo como testemunho da alegria de ser cristãos no seguimento do Papa Francesco.

S.E.R. cardeal Angelo Scola
Arcebispo de Milão

Caríssimo Angelo, gratos pela sua mensagem comunicamos que nestes dias fizemos novamente a experiência de Cristo presente, que nos agarra através daquela forma de ensinamento ao qual fomos consignados.

Pedimos-lhe uma oração por cada um de nós, para que sejamos sempre mais plenos do Seu olhar atraente e persuasivo – e irredutível a qualquer mediada nossa – para ser testemunhas no mundo da pertinência da fé as exigências da vida.

S.E.R. Dom Filippo Santoro
Arcebispo de Taranto

Caríssimo Filippo, a sua mensagem nos ajuda a nos tornarmos mais conscientes da graça que recebemos por ter Dom Giussani como pai na fé.

Querendo seguir o Papa Francisco, voltamos para as nossas casas mais certos de que nada e ninguém poderá nos separar do amor de Cristo se formos tão simples a ponto de nos maravilhar toda vez que o acontecimento da sua presença reacontece entre nós agora.

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA

Sandro Chierici (org.)

(Guia para a leitura das imagens tiradas da História da arte que acompanhavam a audição dos trechos de música clássica na entrada e na saída)

O caminho de Pedro no seguimento de Cristo – desde a chamada às margens do mar de Tiberíades até a vida renovada e totalmente identificada com Ele na missão, chegando a compartilha a Sua morte na cruz – é apresentada a nós como expressão plena de uma existência vivida na entrega de toda a sua pessoa ao amor de Jesus, que nada poderá diminuir.

1. Eugène Burnand, *Os apóstolos Pedro e João correm ao sepulcro*, Paris, Musée d'Orsay
2-4. Duccio da Boninsegna, *O chamado de Pedro e André*, inteiro e detalhes, Washington, DC, National Gallery of Art
5. Giusto dei Menabuoi, *O chamado de Pedro e André*, Pádua, Batistério
6-10. Masaccio, *O tributo*, inteiro e detalhes, Firenze, Chiesa del Carmine, Capela Brancacci
11. *A cura da sogra de Pedro*, mosaico, Monreale, Catedral
12. *Pedro salvo das águas*, mosaico, Monreale, Catedral
13. *O encontro de Cristo com a mulher cananeia*, mosaico, Monreale, Catedral
14. Pietro Lorenzetti, *O lava-pés*, Assis, São Francisco, Basílica inferior
15-16. Giotto, *O lava-pés*, inteiro e detalhes, Pádua, Capela dos Scrovegni
17. Andrea de' Bartoli, *A oração no horto das Oliveiras*, detalhe, Assis, São Francisco, Basílica inferior
18-19. Duccio da Boninsegna, *A oração no horto das Oliveiras*, inteiro e detalhes, reverso da *Maestà*, Siena, Museo dell'Opera del Duomo
20. Duccio da Boninsegna, *A captura de Cristo*, detalhe, reverso da *Maestà*, Siena, Museo dell'Opera del Duomo
21. Duccio da Boninsegna, *A negação de Pedro*, reverso da *Maestà*, Siena, Museo dell'Opera del Duomo
22. Duccio da Boninsegna, *A aparição de Cristo aos discípulos a portas fechadas*, detalhe, reverso da *Maestà*, Siena, Museo dell'Opera del Duomo
23. Duccio da Boninsegna, *A aparição de Cristo aos discípulos no lago de Tiberíades*, reverso da *Maestà*, Siena, Museo dell'Opera del Duomo

24. Duccio da Boninsegna, *A aparição de Cristo aos discípulos sobre o monte*, reverso da *Maestà*, Siena, Museo dell'Opera del Duomo
25-26. Giotto, *Pentecostes*, inteiro e detalhes, Pádua, Capela dos Scrovegni
27. *Pentecostes*, miniatura do código *Collectaneus Ottobeuren*, século XI, f. 28, Londres, British Library
28. *A ressurreição de Tabita*, mosaico, Monreale, Duomo
29. *Pedro cura o coxo*, mosaico, Palermo, Capela Palatina
30. Masaccio, *Pedro cura o coxo*, Firenze, Chiesa del Carmine, Capela Brancacci
31. Masaccio, *A ressurreição de Tabita*, Firenze, Chiesa del Carmine, Capela Brancacci
32. Masaccio, *A ressurreição do filho de Teófilo*, Firenze, Chiesa del Carmine, Capela Brancacci
33. Masaccio, *Pedro cura com a sua sombra*, Firenze, Chiesa del Carmine, Capela Brancacci
34. Masolino da Panicale, *A pregação de Pedro*, Firenze, Chiesa del Carmine, Capela Brancacci
35. Masaccio, *A distribuição de esmolas e a morte de Ananias*, Firenze, Chiesa del Carmine, Capela Brancacci
36-37. Filippino Lippi, *Paulo visita Pedro na prisão*, inteiro e detalhes, Firenze, Chiesa del Carmine, Capela Brancacci
38-39. Filippino Lippi, *A libertação de Pedro da prisão*, inteiro e detalhes, Firenze, Chiesa del Carmine, Capela Brancacci
40. *A libertação de Pedro da prisão*, mosaico, Palermo, Capela Palatina
41. *O encontro de Pedro e Paulo*, mosaico, Palermo, Capela Palatina
42. *O encontro de Pedro e Paulo*, mosaico, Monreale, Catedral
43. *A disputa com Simão, o Mago,* mosaico, Palermo, Capela Palatina
44. *A queda de Simão, o Mago*, mosaico, Palermo, Capela Palatina
45. *Os apóstolos Pedro e Paulo*, relevo, Aquileia, Museu Arqueológico Nacional
46. *Os apóstolos Pedro e Paulo*, gravura sobre o túmulo do menino Asellus, Cidade do Vaticano, Museu Vaticano
47. Mestre de Soriguerola, *Os apóstolos Pedro e Paulo*, Vich, Museo Episcopale
48. *Crucificação de Pedro*, affresco, Capela papal de Sancta Sanctorum, Roma, Basílica de São João do Latrão
49. Masaccio, *Crucificação de Pedro*, arena do Altar de Pisa, Berlin, Staatliche Museen, Gemaeldegalerie
50. Caravaggio, *Crucificação de Pedro*, Roma, Santa Maria del Popolo
51. *São Pedro entronizado*, mosaico, Monreale, Catedral

52. *Rosto de Pedro*, mosaico, Roma, Basílica de São Paulo Fora dos Muros
53. *Rosto de Pedro*, afresco, Cidade do Vaticano, Fábrica de São Pedro
54. Escola Vecchietta, *Pedro*, estátua de madeira, Montemerano (Grosseto), São Jorge
55. *Busto de São Pedro*, mármore, Cidade do Vaticano, Basílica de São Pedro
56. *São Pedro na cátedra*, bronze, Cidade do Vaticano, Basílica de São Pedro
57. Praça de São Pedro vista da Varanda das Bênçãos

Anotações

Índice

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE FRANCISCO 3

Sexta-feira, 19 de abril, noite

INTRODUÇÃO 4

SANTA MISSA – *HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO* 13

Sábado, 20 de abril, manhã

PRIMEIRA MEDITAÇÃO – ***"O anjo do Senhor anunciou a Maria"*** 14

SANTA MISSA – *HOMILIA DE S.E.R. CARDEAL JEAN-LOUIS TAURAN PRESIDENTE DO CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTERRELIGIOSO* 40

Sábado, 20 de abril, tarde

SEGUNDA MEDITAÇÃO – ***"Faça-se em mim segundo a tua palavra"*** 44

Domingo 21 de abril, manhã

ASSEMBLEIA 65

SANTA MISSA – *HOMILIA DO PADRE MICHELE BERCHI* 83

MENSAGENS RECEBIDAS 85

TELEGRAMAS ENVIADOS 87

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA 90

© 2013 Sociedade Litterae Communionis
Av. Nossa Senhora de Copacabana 420 / Sbl. 208 - Rio de Janeiro
www.passos-cl.com.br / passos@cl.org.br
Diretora responsável: Isabella Santana Alberto (MTB 56.802)
Diagramação: Ultreya, Milão